FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA NÚCLEO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA

JULIANA CRISTINA RIBEIRO DA SILVA

RESERVA EXTRATIVISTA ESTADUAL DO RIO PACAÁS NOVOS: SERINGUEIROS E RIBEIRINHOS – UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA

Juliana Cristina Ribeiro da Silva

Reserva Extrativista Estadual do rio Pacaás Novos: seringueiros e ribeirinhos – uma perspectiva fenomenológica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, da Fundação Universidade Federal de Rondônia como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Profº. Dr. Josué da Costa Silva

FICHA CATALOGRÁFICA

S586r

Silva, Juliana Cristina Ribeiro da

Reserva extrativista estadual do Rio Pacaás Novos: seringueiros e ribeirinhos- uma perspectiva fenomoenológica. / Juliana Cristina Ribeira da Silva. Porto Velho, Rondônia, 2014. 173 f.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia/UNIR.

Orientador: Prof. Dr. Josué da Costa Silva

 Seringueiro. 2. Borracha. 3. Cultura. 4. Rio Pacaás Novos. 5. Guajará-mirim. I. Costa Silva, Josué da. II. Título.

CDU: 91:502

Bibliotecária Responsável: Cristiane Marina Teixeira Girard/ CRB 11-897



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA



NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA

PPGG

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

JULIANA CRISTINA RIBEIRO DA SILVA

A Banca de defesa de Mestrado presidida pelo orientador Prof. Dr. Josué da Costa Silva e constituída pelas examinadoras Profa. Dra. Adriana Cristina da Silva Nunes e Profa. Dra. Lucileyde Feitosa Sousa, reuniu-se no dia 27 de maio de 2014, às 9h na sala de aula Rosa Ester Rossini, Prédio do Mestrado em Geografia, sito no Campus Universitário José Ribeiro Filho, para avaliar a Dissertação de Mestrado intitulada "RESERVA EXTRATIVISTA ESTADUAL DO RIO PACAÁS NOVOS: SERINGUEIROS E RIBEIRINHOS - UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA", da mestranda Juliana Cristina Ribeiro da Silva, matrícula 201111276. Após a explanação da mestranda, e sua arguição pela Banca Examinadora, a referida dissertação foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia foi considerada APROVADA Conforme determinação do Colegiado do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, a candidata tem o prazo de até 90 (noventa) dias, a contar desta data, para realizar as correções sugeridas pela banca e entregar as cópias definitivas de sua dissertação.

Porto Velho, 27 de maio de 2014.

Prof. Dr. Josué da Costa Silva Orientador

Profa. Dra. Adriana Cristina da Silva Nunes Examinadora

> Profa. Dra. Lucileyde Feitosa Sousa Examinadora Externa

DEDICATÓRIA

A todos os anônimos que desbravaram a Amazônia,

Aos moradores da Reserva Extrativista Estadual do Rio Pacaás Novos,

Meu pai Edmundo, minha mãe Terezinha, meu irmão Alexandre e minha sobrinha Júlia, família, esteio, porto seguro e referencial... Obrigada por fazerem parte do meu ser, "de tudo que eu tenho na vida, metade foi tu quem me deu..."

AGRADECIMENTOS

Essa etapa de minha vida não teria sido concluída se não fosse a presença e/ou ausência de entes queridos, amigos e colegas para todas as horas. Afinal de contas, durante esse período foram mais de 30.000 km de idas e vindas de Guajará-MirimaPorto Velho.

Agradeço:

A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior) pelo apoio financeiro recebido durante o mestrado.

Ao corpo docente do Programa de Pós Graduação Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, funcionários do Programa Quésia e Cristiane. Em especial aos professores que ministraram disciplinas das quais participei: Gracinha, Josué, Marília Locatelli, Ricardo Gilson, Adnilson e Dorisvalder Nunes.

Prof^o. Dr^o. Josué, mais que orientador, obrigada pelas conversas, sugestões de leitura e indagações.

Aos colegas discentes que galgaram essa jornada possibilitando um convívio de aprendizado e companheirismo, em especial à Adriana, não há palavras que possam expressar meus agradecimentos, que tão gentilmente abriu as portas de sua casa para que eu pudesse ficar no período dos créditos.

À Maria Madalena de Aguiar Cavalcante que surgiu em meu caminho no momento da escrita deste, me dando dicas e conselhos valiosíssimos.

À Sheila Castro, com suas sugestões de leituras e amizade.

Thiago, tia Rose, Grasi, Beto, Aline e Val, pessoas que me acolheram de braços abertos quando cheguei a Rondônia.

Aos meus amigos em território rondonienses: seu Otávio, Deanny, Jennysser, Rose, Raquel, Edmilson (EdMala), Patrícia Marchi, Sheila, Sarinha,

Ciane, Felipe, Jaque, Paulo Júnior, Mery, Mel e Caio que me apoiaram, acreditaram em mim mesmo quando eu mesma não acreditava; que me ajudaram muito.

Aos amigos que me acompanham há anos, mesmo antes da graduação, que sempre me apoiaram, incentivaram, contribuíram e acreditaram em mim: Airton (Pajé), Carmem, Felipe Leon, Mário Marin, Rejane Candado, Roberto Candeiro, Simone Ceccon e Simone Girão, em ordem alfabética, porque em ordem de importância seria impossível.

Patrícia, Jaqueline, Rick, Juninho, Maicon, Léo e outros ex-alunos que nunca mediram esforços para me ajudarem, sejam em caronas, pousos em Porto Velho, incentivo e apoio moral.

Rose e Vando, além de filhos de seringueiros e moradores da Resex, que abriram a porta de suas casas e de suas vidas, foram tantas as visitas, algumas inesperadas... para tirar dúvidas, questionar sobre costumes, cotidiano da vida ribeirinha...

A todos os moradores da Resex do rio Pacaás Novos e rio Novo que sempre me receberam de braços abertos, acreditando e confiando em mim, compartilhando histórias e causos que muitas vezes não são ditos a terceiros. Seu Papacho, dona Nena, Cesinha, dona Neide, seu Lorão, Júlia, Erasmo... e todos os moradores, pois seria impossível citá-los, meu eterno muito obrigada. Seu Chico, dona China e seu Pitito que me concordaram em compartilhar parte de suas histórias de vida em entrevistas que uso neste, minha eterna gratidão.

Davi, meu companheiro, que me levou e buscou na rodoviária de Guajará-Mirim, às vezes ficando horas a minha espera por causa de atrasos do ônibus, obrigado por tudo, só você sabe o quanto você foi importante nessa jornada.

À minha tia Maria Urbana, exemplo de mulher guerreira, ousada e determinada. Estendo o agradecimento a Delarim, meu tio.

Não posso deixar passar em branco duas figuras que plantaram uma sementinha em minha infância, meu pai que me proporcionou o privilégio de eu nunca ter dormido sem que ele me contasse/lesse histórias, mesmo à luz de velas e tia Rose que sempre que eu ia com minha mãe a sua casa também lia para mim.

Tia, hoje eu a convido para pegarmos uma carona junto com o jabuti dentro do violão do urubu para irmos a uma festa no céu.

O que dizer da minha família? Agradecer por terem compreendido minha ausência em "casa". Lê, obrigado por além de irmão ter se tornado meu amigo. Pai, mãe, todo esforço e sacrifício não foram por uma mera vaidade ou capricho, mais pensando em proporcionar um futuro melhor para vocês.

E a Deus, por ter me sustentado até aqui.

Fogão de Lenha

Espere minha mãe estou voltando
Que falta faz pra mim um beijo seu
O orvalho das manhãs cobrindo as flores
Um raio de luar que era tão meu
O sonho de grandeza, ó mãe querida
Um dia separou você e eu
Queria tanto ser alguém na vida
Apenas sou mais um que se perdeu

Pegue a viola, e a sanfona que eu tocava Deixe um bule de café em cima do fogão Fogão de lenha, e uma rede na varanda Arrume tudo mãe querida, que seu filho vai voltar

> Mãe eu lembro tanto a nossa casa As coisas que falou quando eu saí Lembro do meu pai que ficou triste E nunca mais cantou depois que eu partí Hoje eu já sei, ó mãe querida Nas lições da vida eu aprendi O que eu vim procurar aqui distante eu sempre tive tudo e tudo está ai

Composição: Carlos Colla / Maurício Duboc / Xororó

RESUMO

Este trabalho é fruto da pesquisa desenvolvida, no período de 2011 a 2013, com serinqueiros e ribeirinhos, moradores de comunidades pertencentes a Unidade de Conservação Reserva Extrativista Estadual do rio Pacaás Novos, localizada no rio Pacaás Novos, no município de Guajará-Mirim, Rondônia, bem como com alguns exmoradores da Resex que migraram para a cidade por motivos de saúde e falta de escola para seus filhos. Tem por objetivo analisar o processo histórico do seringal, bem como o viver dos serinqueiros e ribeirinhos com o meio em que vivem, sua relação com o lugar e o sentimento de pertencimento do mesmo. À partir da perspectiva fenomenológica, levantamentos históricos nos auxiliam na compreensão do processo de ocupação dos seringais ao longo do rio Pacaás Novos e rio Novo, a organização espacial dos mesmos e suas relações com a cidade de Guajará-Mirim. O processo de exploração do látex, legítima do ponto de vista capitalista, levou milhares de pessoas a vivem em condições insalubres nos seringais nas densas matas amazônicas, obrigando homens, mulheres e até mesmo crianças a aprenderem a pegar no cabo de uma faca de cortar seringa e tirar o leite da árvore, passando, assim, à condição de extratores. Essa "corrida gomífera" transformou a região, tanto os seringais como as cidades. Hoje a configuração geográfica de um seringal não se configura mais pela extração do látex, mas sim por uma diversificação de atividades laborais como a quebra da castanha, fabricação de farinha e roça. Mesmo diante de um cenário mais favorável que nos tempos de seringais onde o patrão era "rei", principalmente no que tange ao modo de vida atual, muitos moradores são obrigados a migrarem para a cidade, principalmente por questões de educação para os filhos e saúde. Atualmente os moradores "sobreviventes" dos tempos áureos dos seringais ao longo do Pacaás Novos vivem de rendas governamentais, tais como aposentadoria e outros benefícios, fabricam farinha e pequenas plantações em pequena escala para consumo próprio e venda do excedente.

PALAVRAS- CHAVE: seringueiro; borracha; cultura; rio Pacaás Novos; Guajará-Mirim

ABSTRACT

This work is the result of a research carried out in 2011 to 2013, with rubber tappers and people living by the river, resident of communities belonging to State Extractivist Reserve of the river Pacaás Novos Conservation Unit, located on the river PacaásNovos in the municipality of Guajará-Mirim, Rondônia as well as some former residents of Resex who migrated to the city for medical reasons and lack of school for their children. The aim is to analyze the historical process of the rubber plantation, and the life of the rubber tappers and bordering people living by the river with the environment in which they live, their relationship with the place and the feeling of belonging to it. From the phenomenological perspective, historical surveys assist us in understanding the rubber occupation process along the river Pacaás Novos and River Novo, the their spatial arrangement and their relationship with the city of Guajará-Mirim. The latex exploration process, legitimate from the capitalist point of view, led thousands of people to live in unsanitary conditions in the rubber plantations in the dense Amazon forest, forcing men, women and even children to pick up knives and cut the rubber trees extracting "leite", thus becoming extractores. This "rubber race" transformed the region, both rubber plantations and cities. Today the geographical configuration of a rubber plantation is no longer characterized by the latex extraction, but by a diversification of industrial activity such as opening Brazil nuts, producing manioc flour and cultivating the land. Even with a more favorable scenario thanin the rubber plantation times when the owner was the "lcing", especially with regard to the current way of life, many residents are forced to migrate to the city, mainly due to issues related to health and their children's education. Currently residents, "survivors" of the golden age rubber plantations by the river Pacaás Novos live on government revenues, such as pension and other benefits, manufacture manioc flour and cultivate on a small scale for their own consumption and selling the surplus.

KEY WORDS: rubber tapper; rubber; culture; Pacaás Novos River; Guajará-Mirim

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

1. Mapa da Estrada de Ferro Madeira Mamoré	36
2. Constituição de um seringal segundo Euclides da Cunha	38
3. Constituição de um seringal segundo Weinstein	38
4. Pirâmide hierárquica de um seringal	39
5. Propaganda do Governo Federal para convocar os "Soldados da Borracha"	53
6. Cartaz de recrutamento para os "Soldados da Borracha"	54
7 Localização de Guajará-Mirim	62
8. Áreas protegidas em Rondônia	68
9. Áreas protegidas e Unidades de Conservação em Guajará-Mirim	69
10. Hidrografia de Guajará-Mirim	70
11. Mapa da Reserva Extrativista Estadual do Rio Pacaás Novos	73
12. Anúncio em jornal de contratação de seringueiros	74
TABELAS	
1. Dados comparativos entre a produção da borracha e café no Brasil durante os anos de	
1906 a 1910	28
2. Dados comparativos entre a produção de borracha no Brasil e na Ásia entre os anos de	
1900 e 1930	47
3. Unidades de Conservação e Terras Indígenas em Guajará-Mirim – percentuais	66
4. Unidades de Conservação e Terras Indígenas em Guajará-Mirim – ocupação do território	
parcial ou total	66
5. Nomes das Comunidades da Resex e número de colocações	72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BASA- Banco de Desenvolvimento da Amazônia

EFMM – Estrada de Ferro Madeira Mamoré

EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

FEB – Força Expedicionária Brasileira

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IBAMA - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

ONG – Organização não governamental

OSR - Organização dos seringueiros de Rondônia

PARNA - Parque Nacional

PLANAFLORO - Plano Agropecuário e Florestal de Rondônia

REBIO – Reserva Biológica

RESEX - Reserva Extrativista

SEMTA – Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia

SPI – Sistema de Proteção do Índio

TI - Território Indígena

UC – Unidade de Conservação

SUMÁRIO

Apresentação	16
Introdução	19
Capítulo 1 – A formação dos seringais na Amazônia: do seringal,	
seringalista e seringueiro até a Reserva Extrativista Estadual do rio	
Pacaás Novos	25
1.1 Breve histórico da ocupação da Amazônia e o descobrimento da	
goma	25
1.2 A qualidade das seringueiras e do látex nos rios Purus e Juruá e a	
conquista do território do Acre	30
1.3 Construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré	33
1.4 Estrutura do seringal e seus atores sociais	37
1.5 Primeiro período da borracha	44
1.6 Segundo período da borracha	51
1.7 De seringal à Unidade de Conservação	57
1.8 Guajará-Mirim e suas Unidades de Conservação	61
1.9 Reserva Extrativista do Rio Pacaás Novos	71
Capítulo 2 – Trajetória da pesquisa e categorias de	
análise	76
2.1 A Geografia	76
2.2 A Geografia Cultural	81
2.3 Compreendendo a História Oral como	
ferramenta	86
2.4 Compreendendo a Fenomenologia como	
método	88
2.5 Pesquisa de campo	94
Capítulo 3 – Estrutura dos seringais na Amazônia e as dimensões	
culturais	97
3.1 As dimensões culturais dos seringueiros e dos ribeirinhos	97
3.2 Apresentando o conceito de lugar	101
Capítulo 4 - Diálogos com os colaborado e imagens do universo dos	

moradores da Resex do Rio Pacaás Novos	104
4.1 Colaborador 01 – Francisco Joaquim Filho	104
4.2 Colaboradora 02 – Geracinda Amaral da Costa	110
4.3 Colaborador 03 – Francisco Lopes da Silva	114
4.4 Imagens do universo dos moradores da Resex do rio Pacaás Novos	124
Capítulo 5 – Compreendendo o seringal e a Resex a partir de nossos	
Colaboradores	143
Considerações finais	155
Referências	158
1.1 Artigos/teses/dissertações livros	158
1.2 Legislação e atos normativos consultados (leis/decretos/portarias)	168
Anexos	170

APRESENTAÇÃO

A vida é como um rio, cheio de meandros que nos levam a caminhos que muitas vezes nem imaginamos. Na década de 1980, minha família migrou para Rondônia, estado novo, terras relativamente baratas e muitas promessas. Mas, nem tudo saiu como imaginávamos e o Eldorado não foi alcançado. Na década de 1990, nos mudamos para Mato Grosso do Sul, onde tive a oportunidade de fazer a graduação em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), localizada no município de Dourados/MS. Após a conclusão do curso, fizemos o mesmo trajeto e migramos para o Estado de Rondônia, com o intuito de que com um diploma em mãos, as portas se abririam com facilidade.

Exercendo 0 bacharelado Geografia Secretaria de em na Desenvolvimento Ambiental (SEDAM), em 2008, tivemos nosso primeiro contato com a Reserva Extrativista Estadual do Rio Pacaás Novos (RESEX) e seus moradores. Povo simples, hospitaleiro, cheios de histórias e "causos" para contar. Em nossa primeira viagem, em vez de profissional parecíamos mais uma turista curiosa, tudo o que víamos e ouvíamos de diferente queríamos saber. Embora tenhamos morado por mais de uma década no estado de Rondônia, a história dos seringais contada na escola foi breve e sucinta, mesmo fazendo parte da história do Estado.

Ao longo das viagens realizadas pela SEDAM e em trabalhos de campo do mestrado, foram mais de 30 dias dentro da Resex. A entrada no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR) com a aprovação na seleção turma/2011 foi uma conquista. A partir de conversas com o Professor Doutor Josué da Costa Silva, surgiu o interesse de trabalharmos com os moradores da Resex.

Desde o primeiro contato com os moradores fazíamos anotações e observações por ser um mundo novo, sem falarmos nos momentos (para não dizer horas) de prosa na cidade quando sabíamos que algum morador havia "descido o

rio". A cada viagem era um mergulho cultural a um mundo repleto de saberes e costumes populares.

Entre 2009 e 2011, tivemos a oportunidade de lecionar em algumas escolas públicas e privadas em Guajará-Mirim/RO¹ e tivemos a oportunidade de conhecermos filhos e netos de Soldados da Borracha² que sempre tinham histórias para nos contar.

Quanto às disciplinas cursadas durante os créditos, procuramos cursar as que fossem fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, pois foram de extrema importância no norteamento e desenvolvimento da elaboração desta. Assim, as disciplinas Epistemologia da Geografia; Uso e ocupação do solo na Pan-Amazônia; Organização do Espaço Agrário; Populações Amazônicas, e Geografia e Gênero, nos levaram, além de ampliar conhecimentos teóricos a rever alguns conceitos e também pré-conceitos a respeito de uma cultura. Pudemos adquirir o conhecimento necessário para compreendermos o sentimento que repousa nas pessoas que têm a mata e os rios como fonte de vida de suas gerações. Pudemos desta maneira, compreender a real valorização colocada ao universo ribeirinho. Entre as disciplinas, Epistemologia da Geografia foi fundamental para a consolidação da base teórica da Geografia que casou com a disciplina do estágio docência.

Durante o estágio docência, sob orientação do Professor Doutor Josué da Costa Silva, tivemos a oportunidade de trabalhar a disciplina Introdução à Geografia. A partir das leituras e discussões dos textos dos primórdios geográficos auxiliou-nos na base geográfica para a realização deste trabalho.

Leituras sobre esse período histórico nos deram um aporte teórico e foram vitais para conhecermos um pouco mais da história dos seringais e, ao ouvir os relatos dos moradores da Resex, pudemos ter um maior entendimento dos fatos ocorridos. Ao lermos A Selva de Ferreira de Castro (1972), Coronel de Barranco de Cláudio de Araújo Lima (2002) e Mad Maria de Márcio Souza (1980) remeteu-nos a

-

¹ O nome Guajará-Mirim vem do tupi-guarani que significa "Cachoeira Pequena".

² Soldados da Borracha foi o nome dados aos brasileiros que entre 1943/1945 foram alistados e transportados para a Amazônia pelo Semta – Serviço Especial de Mobilização de trabalhadores para a Amazônia-, com o objetivo de extrair borracha para os Estados Unidos da América através do Acordo de Washington na II Guerra Mundial.

sensações que tivemos ao ler O Cortiço de Aluísio de Azevedo (1988), Casa grande e Senzala de Gilberto Freyre (2006) entre outras obras quando realizamos a monografia de graduação sobre uma comunidade quilombola rural no município de Jaraguari - MS, e conjecturar as adversidades ocorridas, onde a imaginação toma proporções gigantescas, podem-se sentir cheiros, ouvir vozes e os barulhos da floresta, ao ponto de padecer com a situação dessas pessoas, assim como despertar sentimentos de raiva e alegria, uma experiência díspar.

As experiências com os moradores da Resex foram ímpares, mas, para uma maior compreensão da história do homem na Amazônia, a compreensão dos esforços para povoar essa região "inóspita", "bravia" e tão "distante" pediu um esforço e tanto, pois se tratam de pessoas à margem da sociedade, em que na época, foram esquecidas pelo Governo, "patrões" ou "coronéis de barranco" e distante dos entes queridos. É uma eterna busca de verdades que nos auxiliarão a entender a história de formação de Guajará-Mirim e do estado de Rondônia durante os períodos áureos da extração do látex³.

Durante os trabalhos de campo, entre 2011/2012 pudemos ter um contato representativo na vida dos moradores do rio Pacaás Novos e rio Novo, através das entrevistas semiestruturadas nas quais estes narravam suas trajetórias de vida.

Por fim, as mudanças e escolha do título acabaram surgindo a partir das primeiras leituras das entrevistas, o que simboliza um dos elementos de maior representatividade na vida dos colaboradores envolvidos na pesquisa, sua trajetória de vida. O presente trabalho de Dissertação de Mestrado pretende refletir sobre a trajetória de vida desses moradores.

³ Primeiro ciclo da borracha (1897-1912) e Segundo ciclo da borracha (1942-1945).

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por intuito colaborar para o conhecimento sobre os povos da Amazônia, em especial os moradores da Reserva Extrativista Estadual do Rio Pacaás Novos, localizada no município de Guajará-Mirim, Rondônia.

Apresenta como objetivo principal interpretar quem são esses seringueiros e ribeirinhos que moram na Reserva, suas trajetórias de vida e suas relações sociais, através da História Oral e da Fenomenologia, por meio de narrativas de colaboradores moradores da Resex, às margens dos rios Pacaás Novos e rio Novo, que compõem a Reserva. Mesmo após o término do modelo econômico de seringal a atividade extrativa ainda perdurou por muito tempo, até após a criação de Unidades de Conservação⁴.

As razões que nos levaram a trabalhar com esse tema estão diretamente relacionadas às peculiaridades contextuais extrativas, características naturais muito próximas da existente nos períodos áureos da extração do látex e, dada a projeção da exploração da borracha em que a região do rio Pacaás Novos e rio Novo estiveram inseridos, foi um dos fatores determinantes para que optássemos por desenvolver nossa pesquisa, e assim, poder fazer um estudo na busca de contextualizar os seringais nos rios até os dias atuais.

Para isso, a realização deste trabalho teve, principalmente, como fonte de estudos as colocações⁵ dos povos ribeirinhos⁶ no rio Pacaás Novos e rio Novo.

⁴ A Lei 9985/2000 conceitua Unidade de Conservação (UC ou UCs no plural) como espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção.

⁵ Segundo Nascimento Silva (2000, p. 73) "colocação é uma casa coberta de palha, com piso alto, estilo palafita, para proteger os moradores de onças e outros animais onde o seringueiro era instalado, ou seja, colocado após sua chegada ao seringal".

⁶ Povos ribeirinhos são populações tradicionais que residem nas proximidades dos rios e têm a pesca artesanal como principal atividade de sobrevivência. Cultivam pequenos roçados para consumo próprio e também podem praticar atividades extrativistas. As populações tradicionais, entre elas os ribeirinhos, foram reconhecidas pelo Decreto Presidencial nº 6.040, assinado em 7 de fevereiro de 2007, nele o governo federal reconhece, pela primeira vez na história, a existência formal de todas as chamadas populações muitos tradicionais. (NEVES, 2008).

Neste estudo, nos referimos ao seringal e Resex como sendo o espaço vivido do seringueiro, ou seja, local de moradia, de sociabilidade e de produção e não como local de exclusiva extração de seringa. Assim, o termo seringueiro, na maioria das vezes é para denominar o homem que mora na mata e que já não mais se prende unicamente à atividade do corte do látex.

Para tanto, a relevância deste trabalho não se prende somente ao fato de mostrar como, em pleno século XXI, se constitui o espaço vivido nos antigos seringais do rio Pacaás Novos e rio Novo, mas principalmente fazermos uma contextualização histórica desses moradores e suas relações com o espaço vivido. O processo de ocupação dos rios Pacaás Novos, Novo, Mequéns, Cautário, entre outros da região, se deu com a ocupação dos seringais.

Dentro de um contexto histórico, o Brasil viveu dois apogeus da borracha, chamados por muitos pesquisadores de primeiro e segundo "ciclo", sendo o "primeiro ciclo" de 1850 a 1912 e o "segundo ciclo" de 1942 a 1945. Furtado (2007) refere-se a "etapas"; Pinto (1984) refere-se a "períodos." Em nosso trabalho, optamos por nos referir a períodos, por acharmos que ciclo se remete à economia, embora Ferreira (2000, p. 528) defina ciclo econômico como "oscilação no nível da atividade econômica de um país ou conjunto de países, com uma fase de expansão seguida por outra de contração".

Semelhantemente aos municípios de Lábrea (AM) e Xapuri (AC), o início da ocupação da região de Guajará-Mirim aconteceu com o primeiro período da borracha, no final do século XIX e consolidou-se com a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM) inaugurada em 1912, acordado no Tratado de Petrópolis⁷, firmado entre Brasil e Bolívia, cujo compromisso era ligar as localidades de Santo Antônio do rio Madeira a Espiridião Marques, hoje Guajará-Mirim às margens do rio Mamoré, para o escoamento dos produtos bolivianos, principalmente a borracha produzida no país vizinho que não possuía saída para o oceano.

_

⁷ Firmado em 17 de novembro de 1903 na cidade brasileira Petrópolis, que formalizou a incorporação do Acre ao território brasileiro. Com esse acordo, o Brasil pagou à Bolívia a quantia de 2 milhões de libras esterlinas e indenizou o *Bolivian Syndicate* em 110 mil libras esterlinas pela rescisão do contrato de arrendamento, firmado em 1901 com o governo boliviano. Em contrapartida, cedia algumas terras no Amazonas e comprometia-se a construir a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré para escoar a produção boliviana pelo rio Amazonas. (RICARDO, 1954).

A implantação da ferrovia Madeira-Mamoré, acelerou o desenvolvimento da região, contribuindo no incremento do extrativismo vegetal e da agricultura. Estes e outros fatores, também de relevante importância, influíram na consolidação da localidade como um centro urbano emergente.

Nos períodos áureos da extração da goma⁸, segundo Porto-Gonçalves (2010) a borracha chegou a rivalizar com o café na contribuição à entrada de divisas no país. Quando se fala em estradas de seringas, forma-se a ideia de uma alameda traçada geometricamente, mas Lima (1975, p. 93) expõe-nos que:

A ideia de uma alameda traçada geometricamente, balizada pelas héveas altaneiras, cujo leito fosse aplainado e abrindo no seio da floresta caminhos suaves, como os de um parque plantado simetricamente, através dos quais o percurso equivalesse a um passeio recreativo. Nada mais distante da realidade. 'Estrada', nos seringais silvestres do Amazonas — e são todos quantos lá vicejam ou decaem — não é outra coisa senão a linha, sempre arbitrária que, através de acidentes e sinuosidades, dista de uma à outra seringueira, em extensão que pode ir de centenas de metros a quilômetros; porque os seringais amazônicos são nativos, silvestres, não foram plantados pelo homem, animado do propósito de reduzir a distância intermediária a duas árvores. Trata-se, pois, de um caso típico de cultura espontânea, extensiva e desagregadora, dissolvente e anuladora do esforço humano.

Embora o autor exemplifique um seringal no estado do Amazonas, a realidade nas outras localidades extratoras de látex não foge muito a esse modelo, assim como Guajará-Mirim, nos antigos seringais do rio Pacaás Novos e rio Novo, onde ainda é possível encontrar remanescentes dos "Soldados da Borracha", bem como vários moradores que trabalharam nos seringais nas décadas de 1940 (século XX) em diante, filhos e netos de migrantes nordestinos. Pessoas que chegaram com a esperança de juntarem dinheiro e voltarem para sua terra natal. A maioria nasceu no seringal, como é o caso do senhor Francisco Lopes da Silva, conhecido como Chico Leonel, cujo pai veio como Soldado da Borracha; o senhor Francisco Joaquim Filho, conhecido como "seu" Pitito, segundo ele, seu pai veio trabalhando ao longo da linha telegráfica juntamente com Marechal Rondon; e a senhora Geracinda do Amaral da Costa "dona" China que teve 22 filhos em diversas colocações espalhadas ao longo do Pacaás Novos.

ter cuidado para que o corte ou risco não seja profundo de mais e não mate a árvore.

-

⁸ O mesmo que extração do látex ou do leite produzido pela seringueira, ofício que exige habilidade no manuseio de uma faca específica, são feitas incisões na casca ou retiram-se camadas bem finas (sangria). A sangria consiste na remoção de um pequeno volume de casca, em um corte inclinado que permite o escoamento da seiva, líquido denso e viscoso, colhido em pequenas tigelas É preciso

Esquecidos pelo Governo após o término da Segunda Guerra Mundial (SANTOS, 2002), pela sociedade e até mesmo por seus familiares, muitas pessoas nem se quer puderam voltar para seus estados de origem, os chamados "Soldados da borracha" foram deixados ao léu. Hoje a grande maioria dos seringais transformou-se em Unidades de Conservação⁹, mais precisamente Reservas Extrativistas, de âmbito federal e estadual.

A escolha do tema de nossa dissertação se deu após leituras e discussões sobre os seringais na Amazônia, um período histórico de nosso país pouco evidenciado pelos livros didáticos. O fato de termos duas Resexs em Guajará-Mirim que fizeram parte deste contexto nos chamou a atenção. A Resex do rio Ouro Preto já foi privilegiada em dois trabalhos acadêmicos em Santos (2002) na sua tese de doutorado e Valiante (2008) em sua dissertação de mestrado, enquanto a Pacaás Novos não, e como já tínhamos contato com os moradores da mesma foram dois pontos relevantes para a escolha do tema.

Após a escolha, as leituras e as discussões com o Professor Josué surgiram as indagações a serem respondidas de quem são esses moradores que ainda vivem ou sobrevivem às margens do rio, como estes interagem com o mundo, com a cidade de Guajará-Mirim, mesmo tendo acabado o modelo econômico de seringal, a atividade extratora ainda perdurou, mas porque o seringueiro não vive mais da seringa?

Nosso trabalho estrutura-se em cinco capítulos, no primeiro capítulo procuramos fazer uma reconstituição histórico-geográfica da formação dos seringais na Amazônia até chegarmos a Guajará-Mirim, permeando pela conquista do território do Acre, a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré no início do século XX. Para tanto utilizamos como aporte teórico, autores como Ferrarini (1979), Pinto (1984), Tocantins (1982), Souza (1977), Ferreira (1961 e 1981), Nascimento Silva (2000), entre outros.

⁹ A partir do Sistema Nacional de Conservação da Natureza (SNUC), há 12 categorias complementares de UC, organizando-as de acordo com seus objetivos de manejo e tipos de uso em dois grandes grupos: as Unidades de Proteção Integral tem como objetivo básico a preservação da natureza, sendo admitido o uso indireto dos seus recursos naturais, com exceção dos casos previstos na Lei do SNUC; e as Unidades de Uso Sustentável visam compatibilizar a conservação da natureza com o uso direto de parcela dos seus recursos naturais, ou seja, é aquele que permite a exploração

do ambiente, porém mantendo a biodiversidade do local e os seus recursos renováveis.

No segundo capítulo tratamos da trajetória da pesquisa: fundamentos da Geografia, escolha do tema, a História Oral como ferramenta baseada em Meihy (1996) e Meihy e Holanda (2011); a Fenomenologia como ferramenta baseada em (2011).Para compreender а aplicabilidade Merleau-Ponty fenomenológico, fez-se necessário a leitura complementar de diversos trabalhos que empregaram o método, os mesmos serviram de suporte para um maior aporte teórico, e acabamos nos deparando com trabalhos na área de saúde em vivências com pessoas usuárias de crack, prostitutas e mães de autistas o que nos auxiliou numa maior sensibilidade na busca da essência, nos permitindo identificar e interpretar as estruturas da experiência vivida e, num último momento, nossa trajetória na pesquisa de campo.

Estrutura dos seringais na região Amazônica e as dimensões culturais remetem ao terceiro capítulo, em que procuramos contextualizar a trajetória do ribeirinho. O fato dos seringueiros não exercerem mais a atividade de extração não os tira o título de seringueiros, mas hoje também podem ser englobados dentro da classificação de ribeirinhos, não só por viverem às margens de rios e igarapés. Trabalhamos com a categoria de cultura defendida pelo geógrafo Paul Claval (2002, p. 102) onde "a cultura é o conjunto de representações sobre as quais repousa a transmissão, de uma geração a outra ou entre parceiros da mesma idade, das sensibilidades, ideias e normas [...]", entretanto, procuramos interpretar a cultura dos moradores da Reserva Extrativista Estadual do Rio Pacaás Novos. Trabalhamos também com a categoria de lugar, aporte teórico que nos auxiliam ao nos remetermos aos moradores, suas relações com o lugar em torno de suas experiências. Para essas categorias temos o aporte teórico em Tuan (1980 e 1983).

O quarto capítulo consiste nos relatos de nossos colaboradores. As entrevistas selecionadas foram as de Francisco Joaquim Filho, ("seu" Pitito), Geracinda Amaral da Costa, ("dona" China) e Francisco Lopes da Silva, ("seu" Chico). As entrevistas¹⁰ foram realizadas conforme data e local que os colaboradores pediram, sendo a do "seu" Pitito realizada em Guajará-Mirim, as outras foram na Resex. Além da transcrição das entrevistas, temos no capítulo 4 fotografias tiradas em trabalhos de campo nas viagens à Resex ao longo dos anos

.

¹⁰ Que foram devidamente autorizadas por escrito

de 2008, 2009, 2011 e 2012, em que procuramos retratar seus modos de vida através das imagens.

A seguir, no capítulo cinco, procuramos compreender o seringal a partir da fala de nossos colaboradores, procuramos fazer isso de uma ordem cronológica através dos fatos narrados e da base conceitual do primeiro capítulo, começando as narrativas de suas experiências de vida nos seringais e depois nos referimos às falas ditas após a instituição da Unidade de Conservação. E finalizamos com as considerações finais.

1 A FORMAÇÃO DOS SERINGAIS NA AMAZÔNIA: DO SERINGAL, SERINGALISTA E SERINGUEIRO ATÉ A RESERVA EXTRATIVISTA ESTADUAL DO RIO PACAÁS NOVOS

1.1 Breve histórico da ocupação da Amazônia e o descobrimento da goma

Registros mostram que com o descobrimento do Novo Mundo, no Brasil, de modo geral, houve a ocupação da região, quando um produto era substituído por outro. Segundo Arruda (1997 e 1999) tivemos o litoral com o ciclo do pau-brasil; o Nordeste com a cana-de-açúcar; Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás com ouro e pedras preciosas; Amazonas e Pará com as drogas do sertão¹¹ e a borracha. O escasseamento dos recursos naturais ou a perda da importância econômica deslocava o eixo de povoamento.

Ribeiro (1995a) classifica essas variantes de povoamento rural de:

- a) cultura crioula: desenvolvida na faixa de massapé do Nordeste sob a égide do engenho açucareiro;
- b) cultura caipira: constituída pelo cruzamento do português com o indígena e que produziu o mameluco paulista, caçador de índios e depois "sitiante tradicional" das áreas de mineração e de expansão do café;
- c) caiçara; cultura sertaneja: difundida pelo sertão nordestino até o cerrado do Brasil central pela criação de gado;
- d) cultura cabocla: populações amazônicas, afeitas à indústria extrativa e, cultura gaúcha: pastoreio nas campinas do Sul.

¹¹ É um termo que se refere a determinadas especiarias extraídas do chamado sertão brasileiro na época das entradas e das bandeiras. As "drogas" eram produtos nativos do Brasil, que não existiam na Europa e, por isso, atraíam o interesse dos europeus que as consideravam como novas especiarias. A foz do rio Amazonas era uma região onde se praticava intenso contrabando. Ingleses, franceses, neerlandeses e irlandeses possuíam interesses nos produtos típicos da região, como ervas aromáticas, plantas medicinais, cacau, canela, baunilha, cravo, castanha-do-pará e guaraná.

De acordo com Ribeiro (1995b), a Amazônia era originalmente ocupada por aproximadamente mil nações indígenas, que se concentravam principalmente nas várzeas e cuja população à época da descoberta pelos europeus era estimada em torno de dois a três milhões de pessoas.

A ocupação da Amazônia pelo não índio se deu a partir de construções de edificações para ocupação de territórios estratégicos para defesa (GOMES, 2012), como o Forte do Presépio, que antecedeu a criação da cidade de Belém do Pará e o Forte do Príncipe da Beira no rio Guaporé, hoje Rondônia, ambos com o intuito de proteger as terras portuguesas de invasões espanholas. (FERNANDES, 2001).

Segundo Becker (2005, p. 71), foi o fundamento do povoamento da Amazônia, desde o tempo colonial, uma vez que, por mais que quisesse a Coroa, não tinha recursos econômicos e população para povoar e ocupar um território de tal extensão, "Portugal conseguiu manter a Amazônia e expandi-la além dos limites previstos no tratado de Tordesilhas, graças a estratégias de controle do território".

Ferrarini (1979, p. 44) relata-nos que de início, a ocupação da Amazônia se deu por três categorias de diferentes pessoas:

- a) pelas tropas militares de guerra que ameaçavam com dois principais objetivos: castigar os índios aliados dos estrangeiros e resguardar o domínio de Portugal sobre outros povos;
- b) pelos sertanistas que tinham como únicos objetivos capturar índios para o trabalho escravo e catar as 'drogas do sertão';
- c) pelos Missionários, cujo objetivo era catequizar os índios e 'defendêlos' das opressões dos 'civilizados.

Até a primeira metade do século XIX a Amazônia encontrava-se parcialmente habitada, com uma economia próxima do nível da simples subsistência, sobrevivendo das drogas do sertão, Pinto (1984, p. 19) argumenta que:

O breve surto de prosperidade que marcou a segunda metade do século XVIII, sob os auspícios da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão (1755 a 1778), foi seguido por uma sensível estagnação, em cujo contexto a coleta do cacau representava uma das poucas atividades comerciais de

vulto. Sua baixíssima densidade demográfica, aliada às extremas dificuldades de transportes, tornavam a Amazônia uma região de modestos recursos econômicos. Mesmo a atividade cacaueira – a exploração das 'drogas do sertão', era predominantemente extrativa, com precários resultados econômicos.

Um dos primeiros contatos que os portugueses tiveram com os indígenas, no início do século XVII, destinava-se a garantir a posse de um território ameaçado por estrangeiros, que ali estabeleceram feitorias, os portugueses já tinham o controle permanente dos rios da região, entre eles os rios Madeira e Guaporé.

Entrementes, Tocantins (1982) e Souza (1977) elucidam-nos que, no princípio, com as observações dos portugueses, notou-se que os índios eram possuidores e manipuladores de uma goma extraída de determinada árvore da floresta. Vagas notícias chegaram à Europa desse "estranho leite vegetal", Cristóvão Colombo, em sua segunda viagem ao Novo Mundo, "vira os índios do Haiti utilizarem em fabricação de bolas miraculosas que pulavam várias vezes mediante um só impulso." (TOCANTINS, 1982, p. 91).

Para Pinto (1984), a borracha, assim como inúmeros outros produtos de utilização nativa, escapou aos interesses comerciais europeus mais imediatos. Mas, essa mesma borracha correspondente à área de abrangência da *Hevea*, traçou os limites territoriais do que seria a Amazônia. (PORTO-GONÇALVES, 2010).

Após a descoberta dessa goma que contrariava as leis da física, ou como argumenta Pinto (1984, p. 10), "a redescoberta", o interesse logo começou a surgir 12. Segundo Tocantins (1982) a indústria do látex, logo absorvida pelos portugueses, teve o seu raio de ação ampliado com a nova descoberta, tentando manter às escondidas porque a colônia brasileira mantinha-se fechada ao comércio ou livre intercâmbio com outros países. (GALEANO, 1978; SOUZA, 1977; GOMES, 2009). De acordo com Souza (1977, p. 92), "as primeiras exportações clandestinas de que se tem notícia datam de 1800", onde do Pará saíram algumas garrafas de borracha

¹² Os ingleses, de acordo com Weinstein (1993) dentre outros, descobriram que a goma era excelente para apagar e imediatamente a batizaram de *rubber* (*Rubber* coisa que esfrega ou fricciona; do verbo *to rub*: esfregar, friccionar, fazer desaparecer pelo atrito.

para os Estados Unidos, consequentemente, dois anos depois eram exportados pares de sapato¹³.

Com a descoberta da vulcanização da borracha por Mc Intosch a impermeabilização e, depois, os pneumáticos para veículos, sua procura aumentou significativamente. Não obstante, o significado para a evolução do setor, o desenvolvimento da vulcanização constituiu apenas uma etapa e uma manifestação do extraordinário progresso técnico e científico que vinha operando na época. (PINTO, 1984)¹⁴.

Em Weinstein (1993) temos que a Amazônia foi o único fornecedor de borracha até a década de 1880, sua produtividade era crescente em decorrência do aumento da demanda internacional. Já para Mamed e Bertero (2005) e Barreto Filho (2006), a domesticação da hévea é resultado do desencadeamento de forças concorrenciais no âmbito de operação das capitais nas economias centrais.

De acordo com Craveiro Costa (1974, p. 179), no final do século XIX e início do século XX, "a borracha era o segundo produto de exportação nacional, ficando atrás do café", conforme podemos verificar na Tabela 01:

Tabela 01 - Dados comparativos entre a produção de borracha e café no Brasil durante os anos de 1906 a 1910

Ano	Borracha	Café
1906	210.288:551\$000	418.399:742\$000
1907	217.204:204\$000	453.754:571\$000
1908	188.357:983\$000	368.285:424\$000
1909	301.939:957\$000	533.689:700\$000
1910	376.971:957\$000	385.493:369\$000

Fonte: Ferrarini (1979, p. 83)

Podemos verificar que no ano de 1910, a borracha ficou pouco atrás do café. Pesquisadores como Pinto (1984) acredita que somente através da borracha a

¹³ O que representou para a economia em 1856 um total de 27.312.027 libras de borracha fina, 4.741.275 pares de sapato exportados e 6.821.168 libras de sernambi em 1836. (TOCANTINS, 1982, p. 94).

p. 94).

14 De acordo com Pinto (1984, p. 13) o processo de vulcanização consistia no aquecimento de uma mistura de borracha e enxofre por algumas horas, após as quais a borracha assumia características de extrema resistência a quaisquer oscilações de temperatura. Na realidade, este processo pouco se alterou até hoje, exceto no que se refere à adição dos chamados aceleradores (e, em alguns casos, de retardadores) para controlar mais eficientemente o tempo de duração da reação. Não obstante o seu significado para a evolução do setor, o desenvolvimento da vulcanização constituiu apenas de uma etapa e uma manifestação do extraordinário progresso técnico e científico que vinha ocorrendo na época.

Amazônia teve representatividade a nível nacional, produto que era a "menina dos olhos" do Estado até então.

O crescente interesse pela goma e consequente aumento da produção deve-se segundo Reis (1953) ao automóvel, pois este necessitou da borracha para o revestimento das rodas.

De acordo com Bentes (2004, p. 118), a exportação da matéria-prima borracha começa a partir de 1844:

A produção exclusiva ou principal da borracha e a tendência ao aumento dos preços provocado pela crescente demanda internacional – em especial após 1939, quando, ao tentar adaptar os métodos amazônicos à grande indústria capitalista, estrangeiros criaram a vulcanização – valorizaram a terra-seringal como capital produtivo e mercadorias valiosas, apropriada segundo os padrões ecológicos regionais.

A extração do látex era feita em pequena escala, mas, com o aumento dos preços, essa extração foi se tornando maior, assim como os lucros.

Durante o ano de 1848, entre os produtos exportados pela região, "a borracha participou com 10,7% no referido ano, passando para 71,9% em 1872". (SANTOS, 1977, p. 07).

Esse crescimento veio agravar o crônico problema de escassez de mão de obra da região, desarticulando-se a produção local de alimentos. De acordo com Pinto (1984, p. 21), ao mesmo tempo, "o caráter predatório do extrativismo gomífero deixava entrever o seu alcance limitado". Com as áreas mais próximas como Belém/PA e Manaus/AM estava esgotada, a exploração gomífera prosseguiu ao longo dos rios Madeira e Purus, na segunda metade do século XIX. A borracha estava destinada, segundo Furtado (2007, p. 190): "[...] nos fins do século XIX e começo do XX, a transformar-se na matéria-prima de procura em mais rápida expansão no mercado mundial."

De acordo com lanni (1979, p. 42) "[...] foi a indústria de borracha, da Europa e dos Estados Unidos, que gerou o ciclo da borracha amazônico [...]." Conforme afirma Ranzi (2008, p. 20), esta matéria-prima reclamada e utilizada pelas potências industriais europeias "[...] tinha como fonte maior e quase única a Amazônia." Contudo, Oliveira (2010, p. 110) temos que o Brasil, "[...] jamais recuperou o status anterior de maior produtor de borracha que, para mal ou para

bem, inseriu definitivamente o ambiente amazônico no mapa do sistema capitalista mundial".

1.2 A qualidade das seringueiras e do látex nos rios Purus e Juruá e a conquista do território do Acre

Com a demanda da produção de borracha para a exportação, novas áreas foram exploradas, dentre elas a região dos rios Purus, Juruá e o Abuña. (SOUZA, 1977; RANZI, 2008), possuindo em abundância a *Hevea brasiliensis*, a seringueira que produzia o látex de maior qualidade. Ranzi (2008, p. 20) argumenta que em virtude da necessidade da produção aumentar "[...] novos espaços florestais amazônicos foram desbravados, conquistados e fixados ao Brasil." Na região amazônica, mais precisamente na margem de rios e locais inundáveis de terra firme, existem mais de 11 espécies de seringueiras, todas do gênero Hevea¹⁵. (CRAVEIRO COSTA, 1974; ALMEIDA, 2004; SOUSA s/d, PORTO-GONÇALVES, 2010; ALLEGRETTI, 2002 e 2008, SILVA, 2012).

Castello Branco (1958) coloca-nos que em 1902, em todo o vale do rio Juruá, havia entre 300 a 400 seringais. Segundo Bentes (2004), até a década de 1920, do total de 105 empresas existentes no Distrito do Rio Acre, 67% produziam somente borracha. Ferrarini (2009, p. 121) argumenta que a região do rio Purus era considerada "a vaca leiteira do Amazonas, seja pela abundância do látex, seja pela riqueza de seus rios".

Ainda no século XVIII brasileiros começaram a extrair látex das regiões em que se localizava o território do Acre. (FURTADO, 2007). De acordo com Mamed e Bertero (2005, p.11), os seringais acreanos foram assentados na medida em que "[...] os grupos de futuros proprietários-seringalistas e seus trabalhadores-seringueiros subiam os rios, situando-se aqui e ali, em busca das árvores gomíferas". Mas o exagero do extrativismo descontrolado da borracha estava em

¹⁵ Dean (1989) fala sobre a *H. guianensis* e *H. benthamiana*, ambas com produção inferior à *H. brasiliensis*.

vias de provocar um conflito internacional. Os trabalhadores brasileiros cada vez mais adentravam nas florestas em território boliviano em busca de novas seringueiras para extrair o precioso látex, gerando conflitos e lutas por questões fronteiriças no final do século XIX, que exigiram inclusive a presença do exército, liderado pelo militar José Plácido de Castro.

O território do Acre pertencia à Bolívia até o início do século XX, embora desde as primeiras décadas do século XIX a maioria da sua população fosse formada por brasileiros que exploravam os seringais e não obedeciam à autoridade boliviana, formando na prática, um território independente e exigindo a sua anexação ao Brasil. (RANZI, 2008, p. 46). Em 1899, na tentativa de assegurar o domínio da área, os bolivianos instituíram a cobrança de impostos e fundaram a cidade de Puerto Alonso, hoje Porto Acre. Os brasileiros revoltaram-se com tal providência, resultando na disseminação de vários conflitos, que somente terminaram com a assinatura, em 17 de novembro de 1903, do Tratado de Petrópolis, pelo qual o Brasil adquiriu, em parte por compra e em parte pela troca de pequenas áreas dos estados do Amazonas e do Mato Grosso, o futuro território e depois estado do Acre. Sobre esse episódio, Bismark e Araujo (2007, p. 09), do ponto de vista boliviano, argumentam que:

O auge da exploração da borracha na Bolívia aconteceu no início do século XX, porém, no Brasil começou em 1870. Por conta da árvore da seringa, o Brasil mutilou da Bolívia 251.000 quilômetros quadrados em 1903 na Guerra do Acre. A maior parte da produção de borracha provinha então desta região, que o Brasil arrancou da Bolívia em uma fulminante campanha militar, precedida por ações sem precedentes por parte do governo boliviano, como a concessão de poderes de soberania sobre o território do Acre à empresa angloamericana Bolivian Syndicate of New Yorque. Este pretexto serviu para o Brasil iniciar as ações independentes para fins de anexação, que terminaram no Tratado de Petrópolis em 1903. (tradução nossa) 16

Problemas de fronteira também existiram com o Peru, que reivindicava a propriedade de todo o território do Acre e mais uma extensa área no estado do

_

^{16 &}quot;El auge de la exploración de goma en Bolivia ocorrió a principios del siglo XX, aunque en Brasil ya había empezado em 1870. A causa del árbol de la siringa, el Brasil mutiló a Bolivia 251.000 mil kilómetros cuadrados en 1903 em la guerra del Acre. La mayor parte de la producción del caucho provenía en esse entonces de esta región, que Brasil arrancó a Bolivia en uma fulminante capaña militar, precedida de acciones inauditas por parte del gobierno boliviano, como la otorgación de poderes soberanos sobre el territorio del Acre a la empresa angloamericana Bolivian Syndicate of New Yorque. Este hecho servió de pretexto para que el Brasil inicie las acciones independentistas con fines de anexión, que concluyeron en el Tratado de Petrópolis de 1903."

Amazonas, na tentativa de estabelecer delegações administrativas e militares na região do rio Alto Juruá entre os anos de 1898 e 1902, e do rio Alto Purus entre 1900 e 1903. Os brasileiros, no entanto, com seus próprios recursos forçaram os peruanos a abandonar o Alto Purus em setembro de 1903. Com base nos títulos brasileiros e nos estudos das comissões mistas que pesquisaram as zonas do Alto Purus e do Alto Juruá, o Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores na época, propôs ao governo do Peru o acerto de limites firmado a oito de setembro de 1909. Com esse ato completou-se a integração política do Acre à comunidade brasileira.

O processo de incorporação do Acre ao Brasil decorreu-se do desbravamento de populações do Nordeste, que o povoaram e o fizeram produtivo, repetindo a proeza dos bandeirantes, que partiram em expedições para o interior nos séculos XVI e XVII. No caso do Acre, foram as secas nordestinas e o apelo econômico da borracha que motivaram a movimentação de massas humanas oriundas do Nordeste, para aquela região amazônica. Data de 1877, os primeiros marcos de civilização efetiva ocorrida no Estado do Acre, com a chegada dos migrantes nordestinos que iniciaram a abertura de seringais. Até então, o Acre era habitado apenas por índios, uma vez que a expansão luso-brasileira ocorrida na Amazônia durante o período colonial, não o havia alcançado. A partir dessa época, no entanto, "a região tornou-se ativa frente pioneira, que avançou pelas três vias hidrográficas existentes: os rios Acre, o Alto Purus e o Alto Juruá". (SOUSA, s/d, p. 5-6).

Porto-Gonçalves (2010, p. 28) relembra-nos que o Acre acabou sendo a "única porção do território brasileiro que não foi uma herança portuguesa, mas sim uma conquista de brasileiros, sobretudo de nordestinos." Segundo Ranzi (2008, p. 27), numa perspectiva breve, o Acre é assim: "planície, rios, floresta, seringueira, castanheira, calor e umidade, situado num extremo que a distância e a fraca densidade populacional acentuam a sensação de isolamento". A seringueira, seringueiro e seringalista foram "os elementos imprescindíveis na descrição histórico-cultural acreana." (LIMA, 2010, p. 188).

Foi então a providencial e inteligente intervenção do diplomata Barão do Rio Branco e do embaixador Assis Brasil, em parte financiados pelos *barões da*

borracha¹⁷, que culminou na assinatura do Tratado de Petrópolis, assinado 17 de novembro de 1903 no governo do presidente Rodrigues Alves. Este tratado pôs fim à contenda com a Bolívia, garantindo o efetivo controle e a posse das terras e florestas do Acre por parte do Brasil¹⁸.

O Brasil recebeu a posse definitiva da região em troca de terras de Mato Grosso, do pagamento de 2 milhões de libras esterlinas e do compromisso de construir uma ferrovia que superasse o trecho encachoeirado do rio Madeira e que possibilitasse o acesso das mercadorias bolivianas (sendo a borracha o principal), aos portos brasileiros do Atlântico (inicialmente Belém do Pará, na foz do rio Amazonas). (FERREIRA, 1961; FURTADO, 2007).

Segundo Ferreira (1981), o Tratado de Petrópolis entre Brasil e Bolívia, assinado em 1903 sob a égide do barão do Rio Branco, para por fim à Guerra do Acre, dispunha em sua cláusula VII:

Os Estados Unidos do Brasil obrigam-se a construir em território brasileiro, por si ou por empresa particular, uma ferrovia desde o porto de Santo Antônio, no rio Madeira, até Guajará-Mirim, no Mamoré, com um ramal que, passando por Vila Murtinho ou outro ponto próximo (estado de Mato Grosso), chegue a Vila Bela (Bolívia), na confluência do Beni e do Mamoré. Dessa ferrovia, que o Brasil se esforçará por concluir no prazo de quatro anos, usarão ambos os países com direito às mesmas franquias e tarifas (p. 66).

Assumia assim o Brasil a obrigação de construir a ferrovia. Ferreira (1961) elucida-nos que a borracha propiciava, na época, um extraordinário desenvolvimento da Amazônia, assim, a ferrovia iria servir também para o seu transporte, na região das cachoeiras do rio Madeira, inclusive favorecendo a Bolívia.

1.3 Construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré

De acordo com Ferreira (1961, p. 112), em 1825, "quando a Bolívia constituia-se em país independente, não possuía caminhos fáceis em direção ao

¹⁷ Denominação dada aos seringalistas, que também eram conhecidos como coronéis de barranco.

¹⁸ Ricardo (1954) em sua obra O Tratado de Petrópolis esmiúça o assunto de forma clara.

mar, pois, nessa época o Canal do Panamá ainda não existia", obrigando os navios percorrerem longas distâncias e até mesmo perigosas, pois as rotas eram voltadas pelo extremo sul do continente, através do Estreito de Magalhães. Daí começou-se a cogitar uma saída através do rio Amazonas, ficando em contato com o Atlântico.

Entretanto, havia um agravante à navegação fluvial: as vinte cachoeiras do rio Madeira, ao longo de 420 km de seu curso. Por isso, em 1861 surge na Bolívia a ideia de construir uma ferrovia entre os dois pontos encachoeirados. Segundo Ferreira (1981, p. 113),

Os produtos seriam baldeados para a estrada de ferro, que os transportaria de uma extremidade à outra da seção encachoeirada. Aliás, ao Brasil interessava também a construção da estrada de ferro, pois a mesma facilitaria a comunicação de Belém do Pará com a Provincia de Mato Grosso.

Em 1867, Brasil e Bolívia celebraram um tratado diplomático visando a construção da ferrovia. A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), também conhecida como *Ferrovia do Diabo¹⁹* por ter causado a morte de cerca de milhares trabalhadores (comenta-se a lenda que foi um trabalhador morto para cada dormente fixado nos trilhos) teve várias tentativas de construção²⁰. De acordo com Théry (2012, p. 46), "a insalubridade e as doenças diminuíram em grandes proporções a força real de trabalho operário."

Dado o passo inicial, em Londres, em 1870, foi incorporada uma companhia que tinha por objetivo construir a estrada de ferro, uma construtora inglesa de nome Public Works. (FERREIRA, 1961, FERNANDES, 2005 e GOMES, 2012). A Companhia chegou ao Brasil em 1872, trazendo engenheiros, trabalhadores e grande quantidade de material, mas, um ano depois, a empresa desistia de construir a ferrovia, tendo em vista a impossibilidade de os homens resistirem às doenças endêmicas da região. (FERREIRA, 1961).

Houve nova tentativa em 1878 da empresa norte-americana P. & T. Collins, também desistindo um ano depois. Em 1883 dirige-se a região uma

Segundo Ferreira (1981), Hardman (1988) e Souza (1980), foram mais de cinquenta nacionalidades que ajudaram na construção da ferrovia, dentre eles espanhóis, antilhanos, portugueses, alemães, italianos, colombianos, americanos, bolivianos, granadianos, argentinos, belgas, suecos, canadenses, entre outros, além de brasileiros e indígenas da região.

_

¹⁹ Nome que se tornou famoso após o lançamento do livro A ferrovia do diabo de Manoel Rodrigues Ferreira, em consequência do número de mortes durante a construção.

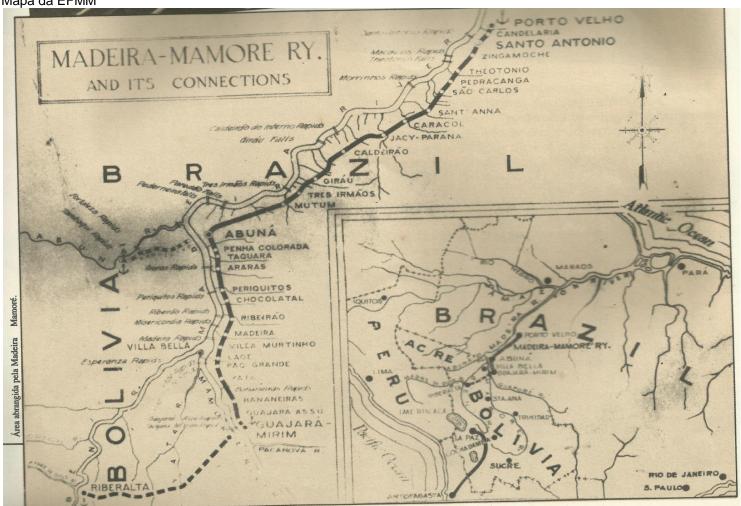
comissão de engenheiros brasileiros, fracassando, pois muitos engenheiros e trabalhadores faleceram. Em 1884, outra comissão se dirige a Santo Antônio e também fracassa como a anterior. (FERREIRA, 1961 e FERNANDES, 2005).

Em 1907, dá-se nova tentativa através da empresa norte-americana May, Jekyll & Randolph, iniciando os trabalhos em maio do corrente ano, que na verdade era um sub-contrato da Madeira-Mamoré Railway, pois esta última tinha o interesse de arrendar a futura EFMM. A construção iniciou-se em 1907 durante o governo de Afonso Penna e foi um dos episódios mais significativos da história da ocupação da Amazônia, revelando a clara tentativa de integrá-la ao mercado mundial através da comercialização da borracha. (HARDMAN, 1988; FERREIRA, 1981 e 1961 e BORZACOV, 1998).

Em 30 de abril de 1912 foi inaugurado o último trecho da EFMM. Tal ocasião registra a chegada do primeiro comboio à cidade de Guajará-Mirim, em todo o percurso da EFMM os trilhos iam margeando o rio Madeira e rio Mamoré, conforme podemos visualizar na figura 01. Mas o destino da EFMM que foi construída com o propósito principal de escoar a borracha e outros produtos da região amazônica, tanto da Bolívia quanto do Brasil, para os portos do Atlântico, e que dizimara milhares de vidas, foi o pior possível. Primeiro, porque coincidentemente o preço do látex caiu vertiginosamente no mercado mundial, inviabilizando o comércio da borracha da Amazônia. Depois, devido ao fato de que o transporte de outros produtos que poderia ser feito pela EFMM²¹ foi deslocado para outras duas estradas de ferro (uma delas construída no Chile e outra na Argentina) e para o Canal do Panamá, que entrou em atividade em 15 de Agosto de 1914.

²¹ A ferrovia foi desativada parcialmente na década de 1930 e totalmente em 1972, ano em que foi inaugurada a Rodovia Transamazônica (BR-230).

Figura 01 Mapa da EFMM



Fonte: Revista Nosso Século (1980, nº. 23, vol. II, p. 16

1.4 Estrutura do seringal e seus atores sociais

Gostaríamos de abrir um parêntese aqui para definirmos algumas estruturas básicas de nossa análise: o seringal, seus componentes e os atores sociais: seringalista, coronel de barranco, patrão ou aviador e o seringueiro ou freguês.

Entendemos como atores sociais a definição de Touraine (1985, p. 787) ao conferir importância aos sujeitos na história (em oposição à tradição marxista das classes), "definidos como agentes dinâmicos, produtores de reivindicações e demandas e não simples representantes de papéis atribuídos de antemão pelo lugar que ocupariam no sistema de produção".

A implantação dos seringais apresentava um alto custo, estendendo-se desde o processo de aliciamento, logística⁴³, abertura de estradas, treinamento dos novos seringueiros e manutenção das colocações. Esse novo espaço configurava-se mediante muitos conflitos, principalmente com indígenas, segundo Wolff (1999) muitas tribos foram dizimadas.

O seringal constitui-se numa propriedade, geralmente à margem de rios ou igarapés navegáveis (ao menos no inverno amazônico que se constitui no período chuvoso, normalmente de novembro a abril ou maio), nas quais os espaços físico-sociais se erguem. É a unidade de negócio que detém o domínio da propriedade latifundiária, na qual o espaço produtivo se caracteriza pelo agrupamento de pequenas unidades produtoras, as colocações. De acordo com Silva (2012, p. 32), o seringal é o "ethos maior do seringueiro que, em razão de ações praticadas no local, deu existência à figura do seringal".

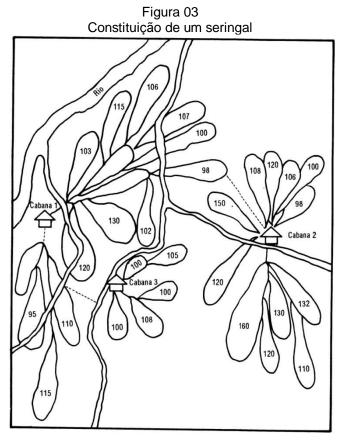
Em Euclides da Cunha (2000) e Weinstein (1993) temos dois croquis de seringais que nos auxiliam a termos uma visão geral de um seringal, o primeiro refere-se a um seringal localizado na região do rio Purus, Acre e o segundo um seringal amazônico, conforme figuras 02 e 03 abaixo.

⁴³ Entende-se o deslocamento dos trabalhadores, abastecimento dos barrações com mercadorias e transporte das pelas de borrachas produzidas pelos seringueiros.

Figura 02
Constituição de um seringal

CASAS DO BARRAÇÃO
BARRAÇÃA COM 7 ESTRADAS
BARRAÇA COM 6 ESTRADAS
VARADOURO
ESTRADA
BOCA DA ESTRADA
VOLTA DA ESTRADA

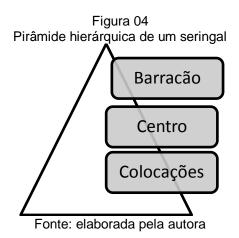
Fonte: http://euclidesite.wordpress.com/mapas-e-croquis/croquiseringal/



Fonte: Weinstein, 1993, p. 32

Gostaríamos apenas de ressaltar o formato das estradas, lembrando uma gota. Este formato facilitava a vida do seringueiro, que terminava de cortar a estrada e já saia no local onde iniciou, facilitando assim a coleta do látex, tanto quanto a proximidade com um rio ou igarapé navegável e, cada estrada de seringa possuía mais de 100 árvores a serem cortadas diariamente, algumas até mais de 200 árvores.

A estrutura e funcionamento de um seringal seguia uma ordem muitas vezes estratégica e hierárquica, onde, em moldes organizacionais, o barração estaria no topo de uma pirâmide, sendo os centros uma posição intermediária e as colocações tidas na base, conforme figura 04.



O barração estava localizado estrategicamente às margens dos rios, facilitando assim o abastecimento das mercadorias chamadas de aviamento e o escoamento da produção. Além de uma localização que pudesse facilitar o acesso e a comunicação com o centro.

De acordo com Nascimento Silva (2000, p. 74), barração é definido como o "local onde morava o gerente do seringal e famílias de trabalhadores assalariados, formando pequeno lugarejo, neste lugarejo ficava o armazém de mercadorias e o de borracha." Porto-Gonçalves (2010, p. 86) relata que o barração do seringalista se constituía, assim, "num importante elo da organização social do espaço amazônico", este se localizava em um "ponto estratégico à beira do rio, era a partir dali que todas as colocações dos seringueiros se achavam polarizadas, sem vinculações entre si, mas todas ligadas ao barração."

Araújo (2004, p. 43) relata que o patrão dominava o abastecimento do seringal através do barração, "onde estocava mercadorias (bens de consumo) como óleo, sal, querosene, tecido, munição, remédios e outros." Para Souza (1977, p. 99), o patrão era "dono e senhor absoluto de seus domínios, um misto de Senhor do Engenho e aventureiro vitoriano", na cidade "o cavalheiro citadino" e no seringal "o patriarca feudal." Nascimento Silva (2000, p. 73) afirma que o centro era constituído por várias colocações juntas, "em média de três a quatro, por que neste local estavam as várias estradas de seringa".

A colocação é definida por Nascimento Silva (2000, p. 73) como sendo "uma casa coberta de palha com piso alto, tipo palafita para proteger os moradores de onças e outros animais", onde "metade da casa pode ser cercada com o caule de uma palmeira denominada paxiúba⁴⁴ ou palha, formando um cômodo apenas. Havendo somente o casebre, o lugar de defumação e a floresta".

Théry (2012, p. 116) compara uma colocação como um "alojamento (com materiais tirados da floresta, troncos e palmas) do seringueiro, o alpendre onde ele defuma as balatas."

No primeiro período da borracha, no seringal havia regras, normas, ou contrato unilateral (CUNHA, 2000 e 2006), que eram seguidas muitas vezes à risca por medo de retaliações dos jagunços a mando dos coronéis, onde, por exemplo, "a pesada multa de 100\$00045" (CUNHA, 2006, p. 30) para quem fizesse um corte inferior ao gume do machado, levantar o tampo da madeira na ocasião de ser cortada e sangrar com machadinhas de cabo maior de quatro palmos. Além disso, "o trabalhador só poderia comprar no armazém do barração, "correndo o risco de pagar multa de 50% sobre a importância comprada."

Além destas regras, verificamos que as mulheres não eram bem vistas e nem bem vindas aos seringais, pois "diziam ter trazido os brabos não para o amanho do solo, mas simplesmente e tão somente para tirar o leite das madeiras" (FERRARINI, 1979, p. 51), pois com mulher e filhos, o seringueiro iria querer fazer

Também conhecida por baxiúba.
 Lê-se Cem mil réis, Réis é o plural do nome das unidades monetárias de Portugal, do Brasil e de outros países lusófonos durante certos períodos da história (singular: real) vigente no Brasil até 1942, quando foi substituido pelo Cruzeiro Novo.

uma roça ou caçar para sustentar a família. Sem falar que a caça, em muitos seringais também era proibida.

Seringalista, coronel de barranco, patrão ou aviadorsão os termos utilizados para referir-se ao proprietário dos seringais. O termo seringalista surgiu no princípio da década de 1930. Este era detentor do direito de propriedade sobre as árvores de seringa, mantinham um regime extremamente rígido sobre os seringueiros. O "seringalista-patrão", de acordo com Lima (1975, p. 90), era, quase invariavelmente,

Uma figura grotesca, trajando roupas mal ajustadas, de padrões espaventosos e cores berrantes, carregando pesado relógio em grossa corrente de ouro e não se despojando jamais do escandaloso anel de enorme brilhante, o anel-holofote. Levava vida nababesca, de gastos exorbitantes e desperdícios incríveis, enquanto permanecia na capital, que visitava todos os anos para fazer compras e dispor negócios, na época da descida do produto da safra.

Nas proximidades do barração moravam as pessoas que auxiliavam na manutenção do mesmo, realizando serviços diretos e indiretos para o patrão, sendo:

- a) gerente do seringal responsável pela administração do local da produção da borracha;
- b) noteiro, aviador ou guarda-livros na hierarquia, localizava-se abaixo do gerente, deveria gozar de total confiança do patrão, pois sua função dentro do barração era vital para manter os ganhos do patrão elevado, era o responsável pelo controle de entrada e saída de toda e qualquer mercadoria dentro do seringal, contudo, também mantinha o controle da caderneta de mercadorias e produção do seringueiro, ou seja, seu saldo ou seu débito.
- c) empregado de balcão pessoa responsável pela manutenção do estabelecimento, na guarda e venda de mercadorias no depósito;
- d) comboeiro ou tropeiro trabalhador incumbido de levar no lombo de animais (muares, equinos) as mercadorias ao seringueiro e trazer as pelas de borracha dos que moravam muito distantes dos centros e do barracão.
- e) toqueiro ou mateiro responsável por abrir as estradas de seringas e de limpá-las.
- f) fiscal por característica inerente a função, o fiscal estava em permanente contato com o seringueiro, fiscalizando sua produtividade.
- g) jagunço contratado para fazer valer as imposições dos "coronéis".

E na base da pirâmide, temos o seringueiro, extrator ou, o freguês. Lima (1975, p. 91) define o seringueiro como:

Uma figura quase caricatural, mal-amanhado nas fatiotas de casimiras ou de mescla, constrangido nos sapatos a que não estava habituado, gastando a rodo, também, como o patrão, e, distanciado da esfera deste, praticava na sua os mesmos excessos de despesas e gastos supérfluos.

Para Souza (1977, p. 100-101) o retirante nordestino que fugia da seca e da miséria, era "uma espécie de assalariado de um sistema absurdo", já que:

Era aparentemente livre, mas a estrutura concentracionária do seringal o levará a se tornar um escravo econômico e moral do patrão. Endividado, não conseguia mais escapar. Se tentava a fuga, isto podia significar a morte ou castigos corporais rigorosos. Definhava no isolamento, degradava-se como ser humano, era mais um vegetal do extrativismo.

Esse isolamento tornava o seringueiro completamente dependente do patrão para o fornecimento de gêneros alimentícios e outros. Carvalho (2005, p. 09) completa dizendo que "o seringueiro, é antes de tudo um solitário, uma espécie de ordenhador de árvores", que ao "retirar das seringueiras o leite mágico destinado a gerar uma substância tão paradoxalmente urbana e moderna: a borracha – matéria inerte nascida de coisa viva".

Para que pudessem obter o "direito" de explorar um seringal, os seringalistas eram obrigados a obterem adiantamentos em forma de mantimentos, ou, aviamentos, como eram chamados. Os aviadores, normalmente, eram comerciantes portugueses que residiam em Manaus ou Belém e contavam com grandes prédios para abrigar o escritório e as mercadorias. As mercadorias eram fornecidas a prazo, ou seja, o seringalista possuía crédito na casa aviadora e esse crédito era saldado uma vez ao ano em espécie: a borracha, que era exportada principalmente para Europa e Estados Unidos.

Para Weinstein (1993) e Allegretti (2002 e 2008), esse sistema constituía na troca da borracha por bens de consumo com o intuito de manter os trabalhadores permanentemente endividados, ou seja, o valor da borracha produzida deveria ser equivalente ou menor que o valor das mercadorias consumidas pelos seringueiros.

Aparentemente, era um contrato de arrendamento, pois os seringueiros pagavam renda em borracha para explorarem os seringais e compravam os

instrumentos de trabalho; porém, o seringalista deveria preparar o seringal para a extração e comprar a produção a preço de mercado.

Contudo, na prática o sistema de aviamento funcionava como uma relação semelhante à escravidão, pois o seringueiro era obrigado a vender e comprar somente no barracão do seringalista e, de certa forma, ficava preso ao patrão em decorrência do endividamento com o mesmo. A dificuldade em controlar a produção e o produtor, em extensas e isoladas áreas de floresta, levava o seringalista a adotar uma série de artifícios de contabilidade e de coerção, visando ampliar o processo de endividamento e manter o seringueiro no seringal. O sistema de aviamento se constituía numa rede de créditos e se espalhou nos imensos seringais que foram abertos em todos os vales amazônicos.

Lima (1975) relata que o empenho de todos era "vender o máximo e pelo maior custo. Assim ocorria nas transações entre o seringueiro (freguês) e o seringalista (patrão), como entre este e o comerciante fornecedor (aviador) das praças de Manaus e Belém". Para o autor,

O fator mais deprimente da vida comercial amazônica era a carestia da vida, que não se agravava apenas pela 'tirania da distância', mas ainda por uma impiedosa oneração das faturas de gêneros do consumo de primeira necessidade. Os preços, por que chegavam as mercadorias às mãos do extrator, eram fabulosos e incríveis: representavam cerca de quatro vezes o custo no Rio de Janeiro, e às vezes mais (1975, p. 86).

Como podemos ver, as mercadorias chegavam ao seringueiro num valor bem acima, muitas vezes com um acréscimo de 400%. Weinstern (1993, p. 43) relata que "produtos eram vendidos nos seringais até 10 vezes mais do que o preço em vigor no Rio de Janeiro à época." De quem seria a responsabilidade de tamanho encarecimento? Lima (1975) argumenta que ambos possuem algum tipo de culpa: o aviador e o patrão. Para esses preços exorbitantes, o autor cita que:

É que a oneração dos aviamentos não se fazia tanto como uma forma de ambição de lucro, mas quase se impunha – aliás por interpretação errônea – como um esforço compensatório da contabilidade dos seringais, para cobrir as perdas e os desfalques acarretados pela evasão do freguês, naquele regime de irresponsabilidade, de falta de justiça e de polícia, em que jazia a sociedade dos sertões amazônicos (p. 87).

Oneração ou não, esforço compensatório ou não, quem pagava a conta no final era o seringueiro. Com a hipertrofia do débito e a atrofia do crédito, operavase no balanço da conta corrente do seringueiro, muito mais déficit do que saldo (LIMA, 1975).

1.5 Primeiro período da borracha

A borracha estava na floresta, habitada por índios e espalhada em longas distâncias. Era necessário colhê-la nas árvores, ainda líquida, defumá-la até ficar sólida, transportá-la até as margens dos rios e daí para o comércio nas cidades, um trabalho penoso e perigoso, que só poderia ser realizado por um exército de homens acostumados à vida mais rude. Esse exército veio do Nordeste do Brasil, empurrado pela miséria e pelas grandes secas, como as de 1877 e 1878. (FERREIRA, 1961; FERRARINI, 1979; PINTO, 1984; NASCIMENTO SILVA, 2000; CUNHA, 2006; FURTADO, 2007).

Segundo Ferrarini (1979), na década de 1870, o Nordeste sofreu com uma seca, o estado mais atingido foi o Ceará onde morreram mais de 119.000 pessoas, contribuindo para que os nordestinos saíssem de sua terra natal à procura de uma vida melhor. Antes que o século findasse, mais de 300 mil nordestinos, principalmente do sertão do Ceará, migraram para a Amazônia.

No entanto, em Porto-Gonçalves (2010, p. 36) temos que a seca favoreceu o fluxo migratório sim, mas "este já vinha se dando em virtude da crise provocada nos sertões algodoeiros do Nordeste pela retomada da posição norte-americana no mercado internacional de algodão" com o término da Guerra Civil que ocorreu nos Estados Unidos.

Mas, antes desse *boom* ainda em 1850, havia o problema de escoar a produção até Belém e daí para o exterior, ou seja, a navegação a vapor no rio Amazonas. Nesse aspecto, Ferreira e Pinto (2006) relatam que havia persistência na tentativa de estrangeiros para invadirem a região, pois:

A escassez de gente com vínculos locais que pudesse produzir projetos regionais de desenvolvimento, e a persistente falta de recursos para

execução dos projetos existentes levaram o governo central a convidar o barão de Mauá para explorar, sob o regime de monopólio, a navegação a vapor no Amazonas (p. 307).

Concretizada pelo Decreto nº 1.037, de 1852, concedendo a Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas o privilégio exclusivo da navegação, comércio e colonização no rio Amazonas por 30 anos, fato este que só durou até 1866, quando o rio Amazonas foi aberto à navegação internacional.

Nos seringais, esses homens vindos do Nordeste valiam menos que os escravos. Na outra extremidade da sociedade regional, os seringalistas e grandes comerciantes usufruíam da riqueza fácil proporcionada pela borracha. No entanto, Weinstein (1993, p. 24) argumenta que havia um "contraste entre uma indústria 'metropolitana' altamente avançada e sua economia 'colonial' essencialmente précapitalista repete um padrão histórico conhecido."Ainda segundo a referida autora (idem, ibidem), compara-a as "economias manufatureiras da Europa e América do Norte" e que ao longo da história geraram grande número de "enclaves exportadores em áreas menos desenvolvidas para satisfazer suas demandas de matérias-primas e de produtos agrícolas" onde muitas vezes remete-nos ao sistema feudal. A respeito disso há uma conotação de Laclau (1971, p. 25) sobre o modo "feudal" de produção onde,

O excedente econômico é produzido por uma força de trabalho sujeita a coerção extra econômica; o excedente econômico é apropriado privadamente por alguém que não é o produtor direto; e a propriedade nos meios de produção permanece nas mãos do produtor direto.

Sabemos que não podemos dizer que a exploração gomífera na Amazônia era uma espécie de feudo, mas não podemos negar as semelhanças.

Essa evidente contradição no quadro social do período da borracha se devia a um perverso sistema de exploração, que consumiu a vida de milhares de homens. Ao chegarem aos seringais, o contingente de homens vindos do Nordeste eram chamados de "brabos" por não possuírem nenhum conhecimento e domínio das técnicas de lida com o corte da seringa. Estes ficavam nos barracões ou eram colocados para trabalharem com algum seringueiro "manso", ou seja, alguém que já tinha os traquejos do ofício de seringueiro.

Silva e Silva (2010, p. 08) relatam que a condição de "brabo" "só lhe era retirada após o quarto ou quinto ano de dedicação, tempo considerado para que

este adquirisse boas habilidades no processo do corte da seringa", passando assim de "brabo" para "manso".

Os voluntários, para vir trabalhar nos seringais, recebiam uma ajuda de custo inicial, ajuda que seria descontada com a produção da borracha, daí chegar ao destino final com dívida (PINTO, 1984; CUNHA, 2006). Cunha (2006) em sua viagem pela Amazônia observou esse fato da "conta de venda de um homem" e:

No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa até ao Pará (35\$000⁴⁶), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150\$000). Depois vem a importância do transporte, num gaiola qualquer de Belém ao barração longínguo a que se destina, e que é, na média, de 150\$000. Aditem-se cerca de 800\$000 para os seguintes utensílios invariáveis: um boião de furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado⁴⁷, um rifle (carabina Winchester) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dois carretéis de linha e um agulheiro. Nada mais. Aí temos o nosso homem no barração senhoril, antes de seguir para a barraca, no centro, que o patrão lhe designará. Ainda é um brabo, isto é, ainda não aprendeu o corte da madeira e já deve 1:135\$000. Segue para o posto solitário encalçado de um comboio levando-lhe a bagagem e víveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para três meses: 3 paneiros de farinha d'água, 1 saco de feijão, outro, pequeno, de sal, 20 quilos de charque, 21 de café, 30 de açúcar, 6 latas de banha, 8 libras de fumo e 20 gramas de quinino. Tudo isto lhe custa cerca de 750\$000. Ainda não deu um talho de machadinha, ainda é brabo canhestro, de quem chasqueia o manso experimentado, e já tem o compromisso sério de 2:090\$000" (p. 29).

Como pudemos verificar o seringueiro, sem ao menos ter tido um dia de trabalho, tinha uma dívida astronômica. Ferrarini (1979) disserta que a maior parte dos que chegavam à Amazônia vinham solteiros, levados pela ânsia do enriquecimento fácil.

Segundo Cardoso e Müller (1977), em 1823, a região Norte contava com uma população em torno de 127 mil que, em 1872, passa a ser de quase 340 mil. Para esse extraordinário crescimento demográfico, os autores argumentam que:

O extraordinário crescimento populacional resulta de dois processos fundamentais. Em que pesem as tentativas do governo de Londres de desenvolver-se o plantio das mudas da Hevea em suas colônias asiáticas (Ceilão e Malásia), os preços internacionais da borracha elevaram-se enormemente a partir dos anos 70 do século passado; de 45 libras esterlinas a tonelada, em média, na década de 1840/50, passam a 118 libras na década seguinte, atingem 182 libras no decênio 1870/80, alcançando 389 libras em 1900/1910. Tais preços são expressão da enorme demanda industrial, a relativamente curto prazo, sobre uma área natural

_

⁴⁶Lê-se trinta e cinco mil réis

⁴⁷ Uma espécie de fação

potencialmente fornecedora do produto, já que as tentativas de plantio na Ásia não tiveram êxito (p. 25-26).

A disponibilidade de mão de obra que o Brasil possuía outrora resolveu o problema, embora o preço da borracha fosse tentador, esse lucro resumia-se às mãos dos seringalistas.

Para termos uma noção das condições de vida nos seringais, Cunha relata-nos mais um pouco do que viu nos seringais, onde:

É que, realmente, nas paragens exuberantes das héveas e castiloas, o aguarda a mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhou o mais desgraçado egoísmo.

De feito, o seringueiro – e não designamos o patrão opulento, senão o freguês jungido à gleba das estradas – realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se (2006, p. 28)

Nota-se o espanto do autor perante as condições de trabalho oferecidas pelos patrões e as quais os seringueiros se submetiam. Realidade essa espalhada por todo vale Amazônico. Weinstein (2002, p. 267) argumenta que "os seringueiros não eram semiescravos, mas pequenos produtores explorados pelos aviadores por meio das relações de troca".

O sonho ficou para trás, a triste realidade do seringal era praticamente trabalhar para sobreviver. A exploração do seringalista sobre o seringueiro torna-se evidente, os seringueiros dificilmente tinham lucro. Eram, muitas vezes, enganados pelo gerente ou pelo seringalista, esses sim, obtinham lucro e gastavam o dinheiro.

Desde que a Inglaterra descobriu a grande aplicabilidade da borracha, tentou obter sementes e quando as conseguiu, iniciou experiências em suas colônias na Ásia. Segundo Tocantins (1982, p. 136) as sementes e plântulas emigraram do "rio Tapajós por artes sorrateiras de sir Henry Wickham." A tabela abaixo demonstra o declínio da produção brasileira e o crescimento da borracha asiática.

Tabela 02 - Dados comparativos entre a produção de borracha no Brasil e na Ásia entre 1900 e 1930

110 D. a.c. C 11a / 101a C1111 C 1000 C 1000				
	Amazônia	Ásia		
1900	27.000 t	40.000 t		
1910	40.000 t	8.200 t		
1913	39.000 t	47.618 t		
1930	14.000 t	800.000 t		

Fonte: Ferrarini (1979, p. 76)

E por falar em ingleses, estes dominavam a comercialização da borracha, para tanto, "instalaram uma agência do *London Bank for South America* antes de qualquer outra casa bancária brasileira chegar a Manaus." (SOUZA, 1977, p. 102). Nesse período, a libra esterlina circulava como mil réis e os "transatlânticos da *Booth Line* faziam linhas regulares entre a capital amazonense e Liverpool." Embora a dependência fosse de Londres, os coronéis estavam voltados para Paris, tanto que:

Numa cidade com vocação de metrópole, aspiraram às delícias eternas. Cegos, perdidos entre os monumentos e encenações operísticas, bordeis luxuosos, diamantes e pérolas, não acreditavam no terrível abismo da quebra do monopólio. Quando os seringais asiáticos, racionalmente plantados pelos ingleses, com sementes roubadas da região, quebraram a exclusividade e puseram a pique essa barca de Cleópatra, os que não puderam fugir, ficaram a falar sozinhos durante cinquenta anos" (SOUZA, 1977, p. 102).

Esse período ao qual o referido autor cita, ficou conhecido como a *Belle Époque*, período de riqueza e ostentação, luxos e exageros, como o caso de "uma família que mandava as roupas para serem lavadas em Portugal." (SOUZA, 1977, p. 103 e WEINSTEIN, 1993, p. 107).

Acreditava-se que a produção de borracha asiática jamais superaria a produção brasileira, pois aqui as seringueiras cresciam naturalmente. Ferrarini (1979) argumenta ainda que não houvesse exploração de terras com base econômica tão instável, nem sistema de trabalho e de negócios erguidos sobre fundamentos falsos e inconsistentes como os do seringal. Contudo, o plantio na Ásia enfim deu certo e o Brasil encerra seu primeiro período da borracha.

Para Weinstein (1993, p. 246), com a vertiginosa expansão dos seringais asiáticos, entre 1910 e 1919, passando de 8.553t para 381.860t, "causou uma depreciação exorbitante no preço da borracha, uma vez que o aumento da produção ficara além da demanda necessária de consumo do mercado".

Na realidade, o proprietário do seringal não passava de um latifundiário. Era o possuidor de uma grande extensão de terras em que se encontravam as seringueiras, contratava homens para extrair o leite no verão, o mesmo não plantava na propriedade, não industrializava o produto, consequentemente, não era um industrial" (FERRARINI, 1979, p. 76). Por não cultivar a terra, não era agricultor, era apenas um negociante, fornecendo aos seus "fregueses" instrumentos de trabalho, alimentação e roupa e a garantia da compra do produto — a borracha, sempre a

preços defasados, onde os produtos eram vendidos em preço atual e a borracha a preços defasados, o seringueiro comprava os aviamentos a quatro ou até mesmo cinco vezes mais caro. (FERRARINI, 1979 e TOCANTINS, 1982).

O "patrão", dono do seringal, "coronel de barranco" ou seringalista após o *rush* da borracha, foi a personalidade mais frisante que surgiu na Amazônia, paralela em riqueza psicossocial à do senhor de engenho, de quem imitou muitos modismos, fato explicável pela origem das populações nordestinas que vieram para a Amazônia. (TOCANTINS, 1982, p. 119; FREIRE, 2006).

Lima (2002, p. 263) relata que mesmo a produção asiática aumentando consideravelmente ano a ano, os donos de seringais no Brasil relutavam em acreditar que um dia a produção de borracha da Ásia pudesse chegar perto da produção nacional. Fato que ocorreu levando o Brasil a encerrar seu primeiro "ciclo". Até "o coronel da borracha, também arrivista e ambicioso, acreditava na exclusividade"da borracha brasileira.(SOUZA, 1977, p. 89)

A produtividade da borracha asiática era bem superior à do Brasil em decorrência da disposição das árvores. Na Amazônia, encontrava-se uma média de três a quatro árvores por hectare, enquanto que na Ásia esse número girava entorno de setenta a cem árvores. Ora, aqui as seringueiras nativas eram encontradas espalhadas pela floresta, na Ásia o plantio era uma ao lado da outra, em linhas simétricas e os homens instruídos por novos processos de trabalho, facilitando o trabalho do asiático extrator. Weinstein (1993, p. 248) chegou a dizer que:

Não é de se admirar, pois, que a área de cultivo da *Hevea* crescesse de 5.342.000 hectares em 1905, para 46.174.000 hectares, em 1910, e, a seguir, para o estarrecedor número de 101.696.000 hectares, em 1915. Se se calcular uma média de duzentas árvores por hectares, em tão pouco tempo, eclipsar a economia da borracha silvestre.

O fato das árvores serem dispersas umas das outras impunha, na maioria das vezes, ao seringueiro amazônico o corte de apenas uma estrada de seringa por dia. Silva (2008) argumenta que nessas proporções, podemos ver um dos motivos da baixa produtividade, uma vez que o seringueiro era obrigado a percorrer uma distância enorme para extrair o látex. E ainda, "cada seringueiro tinha o direito e a responsabilidade de cortar duas ou três estradas de seringa, exploradas em dias alternados para não exaurir sua capacidade de produção". (p. 72).

Almeida Silva *et al.* (2010, p. 76) argumenta que para a extração da *Hevea*, colhida aqui *in natura* necessitava-se de um "exército" para a extração artesanal, e, "em contrapartida havia uma produção em escala com plantas geneticamente melhoradas por parte dos asiáticos que conseguiam melhor produtividade a partir das plantas pirateadas da Floresta Amazônica."

Para Weinstein (1993, p. 15), com os custos de produção e de transportes mais baixos, "a borracha cultivada virtualmente expulsou o produto amazônico do mercado, e a economia regional entrou praticamente em colapso num prazo de poucos anos". Contudo, a respeito desse fato,

É assim que se formou e sempre funcionou a economia brasileira: a repetição no tempo e no espaço de pequenas e curtas empresas de maior ou menor sucesso. Algumas foram fulgurantes, mas pouco ou nada sobrou delas (PRADO JÚNIOR, 1984, p. 123).

De acordo com Homma (2009, p. 117), para termos uma noção, em 1908, contribuição da borracha amazônica para o mundo era de 94,4%; em 1918, era de apenas 10,9%; e, em 1928, esse número caiu para 2,3%; em 1937, 1,4% e em 1963 representaram míseros 0,43%.

Em 1911, numa expedição pelo Oriente, o então diretor do Museu Goeldi em Belém, comissionado pelo estado do Pará, com o objetivo de investigar as perspectivas das plantações orientais declarou que:

[...] É provável que em 1914 a produção de borracha de plantação somente da Península Malaia venha a ser igual ou superior a produção atual de toda a Amazônia e que em 1915 ou 1916 chegue a 60 mil toneladas mais ou menos (HUBER, 1912, p. 02)

Huber estava certo, mas o tempo por ele "previsto" antecipou-se. Em outras palavras, segundo Ferreira (1999, p. 20), no início da década de 20 (século XX), "os seringais do Oriente produziram mais de 1,5 milhões de toneladas, enquanto que a Amazônia apenas 20 mil toneladas." Como a produção na Ásia era maior, os preços caíram vertiginosamente, levando Casas Aviadoras e seringalistas à miséria da noite por dia.

Pinto (1984, p. 44) relata que com a quebra do monopólio em 1880, sabendo das plantações sistemáticas no Oriente, "o poder público brasileiro nada fez no sentido de preparar a economia regional para enfrentar a concorrência asiática."

No enfoque político sobre a crise, Porto-Gonçalves (2010, p. 88-89) relata que:

A borracha, em seu período áureo, chegou a rivalizar com o café na contribuição à entrada de divisas ao país. No entanto, não contou com nenhuma política de sustentação de preços por parte do governo brasileiro, como foi o caso do café. Cabe aqui relembrar o papel subordinado das elites amazônicas na composição do bloco de poder nacional. Enquanto o governo central do império, e mesmo depois da proclamação da República, financiava com recursos públicos a política de imigração europeia para o sul e sudeste do país, negava-se a fazer o mesmo para a Amazônia, chegando até a invocar argumentos falaciosos de que o clima da Amazônia era um obstáculo à presença de europeus e só adequado para o trabalho escravo.

Mediante o exposto e juntamente com os argumentos de Pinto (1984, p. 46), fica clara a falta de interesse do Estado em relação à extração da goma na Amazônia. Mas, com ou sem interesse governamental, houve investimentos maciços de capital privado, assim como de capital estrangeiro para "financiar" o primeiro período da borracha. Weinstein (1993) fala em pequena assistência ou interferência do setor público.

Feitosa (2012, p. 04) em sua argúcia eloquente lembra-nos que após a Primeira Guerra, a crise econômica generalizou-se, principalmente no Amazonas e a "queda vertiginosa dos preços do látex no mercado internacional com a perda da exclusividade na exportação mundial desse produto, trouxe consigo o desemprego e a fome para a capital da borracha".

1.6 Segundo período da borracha

O Brasil ressurge novamente no cenário mundial no período da Segunda Guerra Mundial. Com a tomada dos seringais asiáticos pelos japoneses, surge aí o segundo período da borracha, pois a tomada dos seringais impedia o fornecimento de látex para a Inglaterra e seus aliados. A partir daí, os Estados Unidos da América procurou o governo brasileiro com o intuito de manter o abastecimento do consumo do produto no mercado norte americano e viabilizou políticas de expansão da borracha na Amazônia. (ALLEGRETTI, 2008). Os seringueiros, até então

esquecidos, voltam a ser requisitados para o trabalho na floresta amazônica, surgindo novamente o ciclo de exploração da produção da borracha, produto esse destinado principalmente para a produção de pneus, conforme podemos verificar na figura 05, fazendo propaganda para tal.

Garfield (2009, p. 22) relata que a entrada dos EUA na guerra e a tomada dos territórios produtores de borracha do Sudeste asiático pelo Japão "alteraram a natureza do engajamento político e do debate sobre a Amazônia nos Estados Unidos". Com a ameaça de uma escassez da borracha, o governo interveio de forma decisiva, tanto internamente como na Amazônia e:

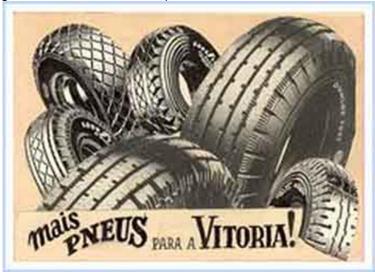
A fim de maximizar a oferta: internamente, o governo dos Estados Unidos subsidiou a criação de uma indústria da borracha sintética; na Amazônia, sua prioridade se deslocou da pesquisa botânica e do desenvolvimento de plantations para a expansão do comércio da borracha silvestre... Eles criticaram [os conservadores] o uso da influência política norte-americana e da ajuda econômica para melhorar as condições sociais na Amazônia, apostando essas medidas como violação aos princípios do livre-mercado, assistencialismo governamental e afronta à soberania brasileira (GARFIELD, 2009, p. 21).

De acordo Corrêa (1967, p. 87), durante a Segunda Guerra, somente os Estados Unidos precisariam de trinta milhões de pneus para veículos a motor. Os acordos de Washington, em 1942, definiram a política da guerra da borracha, e que caberia ao Brasil reservar a quantidade essencial para o seu consumo e os Estados Unidos comprariam todo o excedente a preços estabilizados até o dia 31 de dezembro de 1946⁴⁸. E, segundo Tocantins (1982), milhões de pessoas, nos países aliados passaram a defender a floresta amazônica.

4

⁴⁸ Dentro de uma visão geopolítica, Oliveira (1991) argumenta que com a eclosão da Segunda Guerra e os Acordos de Washington, curiosamente instituíram o monopólio estatal da borracha através do Banco da Amazônia, com a participação de 50% de capital norte-americano.

Figura 05
Propaganda do Governo Federal para convocar os "Soldados da borracha"



Fonte: www.portalsaofrancisco.com.br

Conforme podemos ver na figura 05, fica clara e notória a finalidade da extração da borracha para a fabricação de pneus para veículos utilizados durante a guerra. Corrêa (1967, p. 87) argumenta que "um dos maiores problemas que se apresentava às autoridades norte-americanas e brasileiras, era o de conseguir mão de obra competente e em número suficiente nos níveis mais variados". Mão de obra essa que iria suprir a necessidade de pneus, principalmente norte-americana.

Indispensável, mesmo às nações aliadas em luta contra o eixo Berlim – Roma – Tóquio, com a tentativa da restauração de poderes durante a guerra, a borracha nunca chegou aos índices de produtividade e de ufania do princípio do século XX. Mesmo com os incentivos oficiais dos Estados Unidos, com apoio político, financeiro e econômico, da migração dos nordestinos (na sua grande maioria cearense), da infraestrutura criada para vitalizar os seringais, créditos, preços fixos, compras asseguradas das safras e do encaminhamento de trabalhadores, estes não chegavam mais na Amazônia como "brabos", ganharam o novo batismo de "arigó", termo popular que significava tolo, bobo. (TOCANTINS, 1982, p. 144).

Para o recrutamento dos "soldados da borracha", a propaganda era intensa (conforme figura 06), prometia-se passagem de ida e volta caso quisessem

desistir e "35 mil cruzeiros para o seringueiro que extraísse mais leite no ano". (SANTOS, 2002, p. 12).

Em relação a números, não há um quantitativo exato que se referem ao contingente de nordestinos que migraram para a Amazônia nesse período, Benchimol (1977, p. 247) argumenta que:

Quantos eram, ninguém saberá. Nem o número dos nomes, e nem o nome dos números, pois nunca existiram estatísticas de emigração no Nordeste e nem de imigração na Amazônia. As levas de flagelados e retirantes atropelavam-se nos acampamentos no Nordeste, enchiam os porões dos navios e, nos centros de recepção e nas hospedarias de Belém e Manaus. Quantos partiram, quantos chegaram, quantos morreram a crônica não registrou. O que existe pode dar uma ideia dessa massa crítica de homens, mulheres e curumins que largaram os seus lares em busca de salvação no exílio Amazônico.

O governo brasileiro, incentivado pelos norte-americanos, promoveu uma política de estímulo à produção da borracha, dando início à "batalha da borracha". Surgiu então a figura do "soldado da borracha" recrutado principalmente do nordeste do país para os seringais da Amazônia, objetivando o aumento da produção da seringa.

Figura 06
Cartaz de recrutamento para os "soldados da borracha"



Fonte: SECRETO, 2007, p. 76

Segundo Nascimento Silva (2000, p. 56), "soldado da borracha" eram os migrantes, recrutados pelo Governo Federal no período de 1943 a 1945 com o objetivo de trabalhar na extração do látex, no movimento denominado "Batalha da

borracha" pelo Governo Vargas. São todos os seringueiros, mas para efeito de recrutamento, no esforço de guerra, foram convocados como "soldado da borracha" e, como tal vieram para a Amazônia, conforme a figura acima.

Ainda no cartaz acima, percebemos a figura de um trabalhador observando o encaminhamento dos trabalhadores, em sua grande maioria nordestinos aparentemente felizes de braços abertos para a Amazônia, com os dizeres: "Vai também para a Amazônia protegido pelo SEMTA⁴⁹". A crença de que o trabalho seria fácil trouxe muitos nordestinos para cá.

De acordo com Santos (2002, p. 11), somente em 1942, o Governo Vargas recrutou mais de 55 mil nordestinos, e 70 mil segundo dados do Ministério do Exército. Dos 55 mil destinados aos campos de batalha dos seringais, 30 mil eram do Ceará. Nos primeiros anos, "mais de 35 mil homens morreram na selva", (SANTOS, 2002, p. 12).

A geopolítica amazônica na época, segundo Dean (1989, p. 151), através do levantamento feito pelo "Congresso Constituinte Federal convocado após a queda da ditadura Vargas", a uma estimativa de que entre 17 a 20.000 pessoas dentre as pessoas que se dispuseram à luta da borracha jamais retornaram aos seus locais de origem, "perda maior do que a sofrida pela Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália." A história dos "soldados da borracha", principalmente em Rondônia, ainda carecem de estudos aprofundados.

De acordo com Nascimento Silva (2000, p. 61-62), nesse período,

Neste 'exército da borracha' morreram mais 'soldados' do que no exército da Força Expedicionária Brasileira que lutava nos campos da Itália, para onde foram enviados nos períodos de junho de 1944 a fevereiro de 1945 um total de 25.334 pessoas [...] Fora os mortos e os que foram capturados como prisioneiros pelo inimigo, desembarcaram no total 23.811. Nas trincheiras da 'Batalha da Borracha' milhares de 'soldados' foram exterminados pelas doenças que os debilitava sem terem o mínimo de assistência, abandonados pelos 'comandantes' no meio desta 'batalha', vítimas do descaso do governo e seus representantes, além de lutarem praticamente a vida toda.

2

⁴⁹Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia - Semta foi um órgão brasileiro criado em 1943, como parte dos Acordos de Washington, tinha como finalidade principal o alistamento compulsório, treinamento e transporte de nordestinos para a extração da borracha na Amazônia, como intuito de fornecer matéria-prima para os aliados da II Guerra Mundial.

E, complementando a declaração da referida autora, sem nunca obterem o verdadeiro reconhecimento a eles prometido pelo Governo. Benchimol (1977), Dean (1989), Nascimento Silva (2000), Silva (2008) e Almeida Silva *et al.* (2010) falam que mais de 500.000 nordestinos migraram para a Amazônia entre os dois períodos da borracha.

Santos (2002, p. 13) recorda-nos que até hoje, o Exército ignora o esforço dessa "força tarefa" (numericamente muito mais expressiva que a própria FEB), onde nem mesmo os reconhecem como parte das comemorações da participação do Brasil na Segunda Guerra.

Essa mão de obra recrutada foi distribuída por seringais em toda a região Amazônica, inclusive em Rondônia, local da nossa pesquisa, mais especificamente os seringais do rio Pacaás Novos e, com o término do segundo período da borracha, muitos seringalistas abandonaram os seringais deixando os seringueiros ao léu. Desses, uma grande maioria permaneceu nos seringais.

Em um antigo seringal localizado no lago Cuniã em Rondônia, Silva (1997b, p. 16) relata que muitos moradores optaram por permanecerem nos antigos seringais e fixaram residências definitivas e "paulatinamente, tiveram que modificar seu modo de vida, passando para a atividade de pesca, coleta de produtos da mata e agricultura em pequena escala." Esse fato também ocorreu nos extintos seringais do rio Pacaás Novos e rio Novo.

Contudo, tanto as populações que descendem dos primeiros habitantes da Amazônia, os oriundos dos colonizadores e assim como dos nordestinos que migraram para a região, desenvolveram todo um saber, "todo um conhecimento na sua convivência com os ecossistemas amazônicos que sem dúvida, constitui um enorme acervo cultural" de fundamental importância como base de conhecimento que, normalmente, "é mais misterioso para os de fora do que para os que nele vivem." (PORTO-GONÇALVES, 2010, p. 22).

1.7 De seringal à Unidade de Conservação

Nas décadas de 1970 e 1980 do século passado, deram-se, na Amazônia brasileira, um movimento liderado por sindicalistas e seringueiros que, mais do que a defesa da floresta, se contrapunha a um modelo de desenvolvimento onde os mesmos eram excluídos em suas formas de sobrevivência e cultura. Iniciava-se, assim, um processo de visibilização, proporcionando-lhes a participação na definição de políticas públicas locais protagonizadas pelos sujeitos que ali estavam.

O Movimento Seringueiro⁵⁰ iniciado no Acre (RYLANDS e BRANDON, 2005) configurou-se na disputa entre diferentes apropriações da natureza: natureza como mercadoria, em que impera o valor de troca; e natureza como lugar de sobrevivência e reprodução social, na qual o valor de uso é determinante. Este surge como uma ação coletiva (os empates⁵¹) desdobra-se em um movimento social (ao criar uma entidade representativa e um programa de ação) e se institucionaliza como política pública (ALLEGRETTI, 2008). Desta disputa, e envolvendo alianças e confrontos, surgiu a proposta conhecida como "reforma agrária dos seringueiros", que lhes daria a garantia da terra e seu usufruto.

Ao transformar a proposta dos seringueiros em política pública, o governo brasileiro criou uma modalidade original de regulamentação de direitos fundiários e proteção de territórios e recursos naturais. (ALLEGRETTI, 2008).

A proposta dos seringueiros foi materializada no arcabouço legal brasileiro na forma de Projetos de Assentamentos Extrativistas (1987), por meio da Portaria nº 627/87, destinado à exploração de áreas dotadas de riquezas extrativistas, por meio de atividades economicamente viáveis e ecologicamente sustentáveis a serem executadas pelas populações que ocupem ou venham a ocupar as mencionadas áreas; e posteriormente, dentro do contexto da política ambiental, na figura jurídica de Reservas Extrativistas (1990), por meio do Decreto nº 98.897/90, definiu as Reservas Extrativistas como "espaços territoriais destinados à exploração autossustentável e conservação dos recursos naturais renováveis por população extrativista". Justificou que,

⁵⁰ Não iremos entrar no mérito de Chico Mendes e de sua vital importância no movimento dos seringueiros, para tanto, sugerimos a leitura da obra de Márcio Souza, O empate contra Chico Mendes (1990) para uma maior compreensão do assunto.

⁵¹ Ações organizadas para impedir ou "empatar" o corte de árvores em conflito (Allegretti, 2008).

[...] Os planos de conservação ambiental para a Amazônia não levaram em conta no passado a existência de populações locais que habitam a floresta, retirando dela meios para viver, mediante o uso de técnicas não predatórias [...] Os planos de desenvolvimento não reconheceram no passado a contribuição positiva que as populações extrativistas podem dar para a riqueza nacional [...] Este conceito [de Reserva Extrativista] se distingue de unidades de conservação que preveem atividades de exploração sujeitas a planos de manejo, mas não levam em conta as populações locais, seus direitos, sua organização e sua tradição cultural.

Entretanto, a criação das primeiras Reservas Extrativistas coincidiu com o início do ajuste neoliberal no Brasil, com reflexos diretos na reforma do Estado, desregulamentação de direitos trabalhistas, cortes de gastos públicos e privatizações. Aliado a isto, mudanças no âmbito da sociedade civil com o fortalecimento das Organizações Não Governamentais (ONGs) e enfraquecimento dos movimentos sociais atuantes nas décadas de 70 e 80 contribuíram para uma modificação na relação destes últimos com o Estado (valorização da cooperação, parceria, articulação) e com as ONGs, que, de suporte aos movimentos, passaram a figurar na intermediação com o Estado, na captação e execução de projetos. (Cunha, 2010).

Porto-Gonçalves (1999, p. 77) argumenta que, enfim, com a Resex:

Os seringueiros obtiveram uma chancela formal de reconhecimento de direito, resultante de um longo processo de lutas que conformaram *habitus, habitats*, modo de vida e de produção...

A Reserva Extrativista expressa a territorialidade seringueira com os recursos materiais, políticos e simbólicos que o movimento dos seringueiros dispunha no momento.

Como podemos ver, com a institucionalização das Resex, os seringueiros obtiveram o tão almejado reconhecimento.

Várias foram as medidas legais tomadas para a institucionalização das Resexs. Com a criação do Programa de Defesa do Complexo de Ecossistemas da Amazônia Legal – Programa Nossa Natureza – por meio do Decreto nº. 96.944/88 e do IBAMA pela Lei nº. 7.735/89. Durante o Governo Sarney, em janeiro de 1990, cria-se a primeira reserva extrativista, a RESEX do Alto Juruá, no Acre. Uma semana depois se baixa o Decreto nº. 98.897/90, que dispõe sobre as RESEXs, criando-se assim a RESEX Chico Mendes (AC), rio Cajari (AP) e rio Ouro Preto (RO), dessa vez no Governo Collor. Ainda em 1989, o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA) contratara a ONG Fundação Pró-Natureza (FUNATURA) para elaborar aquela que foi a primeira proposta de um Projeto de Lei, hoje a Lei nº.

9.985/00 que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

Segundo Becker (2010, p. 21) essas experiências produtivas sustentáveis no extrativismo "não alcançaram o nível de sustentabilidade almejado, por não considerarem devidamente as condições de produtividade do sistema florestal".

Vallejo (s/d, p. 01) argumenta que a criação das UCs atualmente "vêm se constituindo numa das principais formas de intervenção governamental, visando reduzir as perdas da biodiversidade em relação à degradação ambiental imposta pela sociedade".

Há Unidades de Proteção Integral e Unidades de Uso Sustentável. Entre as últimas, estão as seguintes categorias: Área de Proteção Ambiental, Área de Relevante Interesse Ecológico, Floresta Nacional, Reserva Extrativista, Reserva de Fauna, Reserva de Desenvolvimento Sustentável e Reserva Particular do Patrimônio Natural.

Ainda na década de 1990, verificou-se a expansão do modelo de área protegida das Resexs para outros biomas brasileiros. Todavia, não houve no caso das Resexs correspondência no aporte de recursos públicos para a gestão das mesmas, a não ser aqueles advindos de projetos de cooperação internacional.

Estudos relatam o pouco atendimento dessas políticas a seus objetivos iniciais, assim como retratam uma nova arquitetura de interlocução dos beneficiários em relação às instâncias de decisão na construção e execução das "políticas públicas." (AZEVEDO, 2003; LÈNA, 2002a e 2002b; BARRETO FILHO, 2006).

Como consequência, mais de uma década após a criação das primeiras Resexs, verificam-se relatos de dificuldades de organização comunitária que resultem na formação de associações atuantes e representativas nessas áreas (GOMES FILHO *et al.*, 2004) assim como desafios enfrentados no que diz respeito à implementação de seus instrumentos de gestão. (CORDEIRO e CURADO, 2007). Vemos a criação de diversas UCs após a década de 90 e outros projetos de criação. Lèna (2002a) levanta uma questão pertinente em relação à essas criações alegando que a criação de UCs não pode ser separada de duas outras áreas de ação: o manejo e ouso sustentável de recursos florestais e o desenvolvimento de uma agricultura sustentável nas áreas de pequena produção familiar.

Coelho et al. (2009, p. 69) colocam que uma UC, além de área de proteção ambiental, também é um território, construído por práticas sociais grupais

onde "há relações entre grupos sociais e desses grupos com o meio ambiente, num processo de mão dupla".

Uma definição de reserva extrativista que nos chamou a atenção rege que é uma área já ocupada por populações, que sobrevivem de recursos da floresta, regularizada através da concessão de uso, transferida pelo Estado para associações legalmente constituídas, explorada economicamente segundo planos de manejos específicos e orientada para o benefício social da população através de projetos, dentre eles de saúde e educação, (Instituto de Estudos Amazônicos- IEA, 1989).

Caracterizadas como UCs que funcionam como área de exploração ambiental, sustentável e com a presença de uma população tida como "típica" ou "tradicional", as Resexs possuem dois objetivos singulares: proteção e manejo sustentável do meio ambiente da área demarcada e oferta de condições dignas de vida para a população residente na mesma.

Cunha (s/d, p. 18) coloca que "pautando-se na territorialidade tradicional do seringueiro que obedece à forma como os recursos estão distribuídos no interior da colocação, à sua disponibilidade e às próprias características" das atividades desenvolvidas é que as Reservas Extrativistas foram concebidas: na perspectiva de assegurar às populações extrativistas seus direitos históricos de posse.

Valiante (2008, p. 10) argumenta que as Resexs foram criadas com o intuito de solucionar a questão da atividade seringueira na Amazônia, estabelecidas em áreas de domínio público, permitindo a exploração e conservação pela população "através de contrato de concessão real de uso a título gratuito, no qual deve estar incluído o plano de utilização da área, devidamente aprovado pelos órgãos governamentais".

Para reparar o impacto ambiental causado com o desenvolvimento do Estado de Rondônia foi proposto pelo Banco Mundial um projeto chamado Plano Agro Florestal de Rondônia (PLANAFLORO)⁵², que previa, além de recursos para infraestrutura, a determinação para que o Estado mantivesse várias unidades de conservação. Com isso de 1990 a 1995 foram criadas 43 Unidades de Conservação⁵³, sendo ao todo 12 de proteção integral e 37 utilizadas para uso

⁵³ Em Rondônia foram criadas 02 UC entre 1974 e 1979, 16 entre 1981 e 1989 e 43 entre 1990 e 1995, (NUNES, 1997b, p. 09).

⁵²Segundo Nunes (1997b, p. 07) o objetivo do PLANAFLORO era/é estabelecer o zoneamento socioeconômico e ecológico de Rondônia, que daria/dará "novo impulso ao processo de criação de áreas destinadas à proteção da fauna e flora".

sustentável. Segundo Nunes (1997a, p. 68), o PLANAFLORO "estabeleceu uma escala acelerada de implementação de unidades de conservação sem muito sucesso." Nesse contexto de criação de UCs, algumas foram criadas em Guajará-Mirim.

1.8 Guajará-Mirim e suas Unidades de Conservação

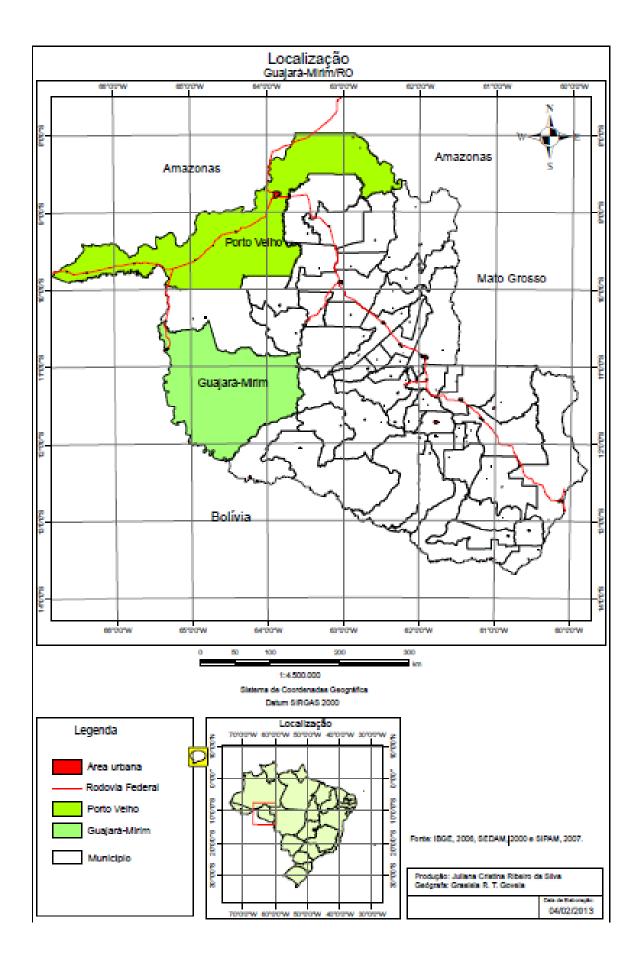
O município Guajará-Mirim (conforme figura 07), conhecido como "Pérola do Mamoré" (rio que banha a cidade, formado a partir da junção do rio Pacaás Novos e Guaporé, afluente do rio Madeira) está localizado a aproximadamente 332 quilômetros de Porto Velho, capital do estado de Rondônia, na latitude: 10°46'49" e longitude: 65°20'22", limita-se: ao Norte com os municípios de Nova Mamoré e Campo Novo de Rondônia; ao Sul com Costa Marques e República da Bolívia; a Oeste com a República da Bolívia e a Leste com os municípios de São Miguel do Guaporé e Governador Jorge Teixeira, altitude média de 195 metros acima do nível do mar, a rodovia que liga a capital a Guajará-Mirim é margeada pelo rio Mamoré e próximo à EFMM.

Possui 41.646 habitantes, segundo o censo do IBGE de 2010 e dois distritos: lata e Surpresa. Situa-se na porção oeste do estado, na Amazônia Oriental, localiza-se na planície e planalto do Guaporé segundo Ross (2001), e de acordo com a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pertence à região oeste, segundo a divisão político-administrativa.

Por meio da Lei nº. 991, do estado de Mato Grosso, em 12 de julho de 1928, Guajará-Mirim foi elevada a categoria de município e comarca, tendo sido instalado somente a 10 de abril de 1929. Em 1943, pelo Decreto-Lei nº 5.812, de 13 de setembro, o município foi desmembrado do estado de Mato Grosso, passando a integrar o Território Federal do Guaporé, (hoje Estado de Rondônia)⁵⁴, que no ano de 1982, precisamente a 04 de janeiro, foi elevado a Estado da federação, representa 14,81% percentual da área sobre o estado.

-

⁵⁴ Fonte: http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=110010



Possuidora de uma história singular, Guajará-Mirim é composta por um passado originado da construção da EFMM e da importância econômica que a borracha teve até meados do século XX. (COY, 1988, p. 171). Com o passar dos anos, o glorioso passado deu lugar a uma cidade equilibrista, que busca manter-se viva frente às novas dinâmicas que surgem ao seu redor.

O espaço no qual a sociedade e o território do município estão inseridos nasceu à luz da modernidade. O pensamento político daquele momento vislumbrava a região em foco como um ponto estratégico e um posto avançado de ocupação na fronteira física entre Brasil e Bolívia.

Sendo apenas um ponto estratégico no mapa, utilizado para designar o ponto brasileiro do ponto boliviano, excluindo os indígenas, os poucos habitantes na região eram seringueiros ou ex-escravos, oriundos de Vila Bela da Santíssima Trindade. Deste modo, podemos dizer que era a natureza quem ditava aos homens o ritmo da vida. Em Santos e Silveira (2005, p.27) temos que o meio natural,

[...]é marcado pelos tempos lentos da natureza comandando as ações humanas de diversos grupos indígenas e pela instalação dos europeus, empenhados todos, cada qual a seu modo, em amansar esses ritmos. A unidade, então era dada pela natureza, e a presença humana buscava adaptar-se aos sistemas naturais. Num período pré-técnico, a escassez era a dos instrumentos artificiais ao domínio desse mundo natural.

Com a chegada da EFMM, que acaba por substituir o meio natural pelo meio técnico, o apito do trem passa a ser grande metrônomo⁵⁵ daquele espaço em questão. Era através da chegada e da partida do trem que se ajustavam a hora dos relógios. Contudo, podemos perceber que não era mais a natureza quem ditava o ritmo ao espaço, mas sim um objeto recém introduzido: o trem.

Guajará-Mirim é um caso interessante no que toca à questão urbana amazônica, diferentemente da maioria das cidades localizadas beira-rio, atualmente a principal ligação deste município com o mundo exterior não é o rio e sim a BR-425. Uma estrada isolada e em péssimo estado de conservação. Com o encerramento das atividades da EFMM (1972) e o fechamento do aeroporto local, esta estrada constitui a única via de transporte de passageiros e cargas.

63

⁵⁵ Metrônomo, segundo Ferreira (2000, p. 460) designação dada por J. N. Maelzel (1772-1838) ao instrumento que serve para regular os andamentos musicais.

Até meados do século XX, Guajará-Mirim possuía todos os atributos necessários ao desenvolvimento de uma cidade, exceto o acesso às demais cidades de sua federação.

Tal como a borracha perdeu importância econômica, todo o empreendimento, assim como a própria cidade, que havia nascido fruto deste empreendimento começou a perder importância, passando a deixar de configurar nos projetos de gestão do território. Temos a presença marcante na composição histórica populacional de Guajará-Mirim a presença de bolivianos, ribeirinhos do Guaporé, indígenas e nordestinos (KEMPF, 2009), sem falarmos de libaneses e gregos que exercem grande importância no comércio local até os dias de hoje.

Barbery (2004) ressalta que processos migratórios anteriores a 1970 tiveram como motivos a descoberta de ouro no vale do rio Guaporé (século XVIII), a construção da EFMM (século XIX e XX), a descoberta da cassiterita (1952) e a construção da BR-364.

Com a abertura da BR-364 e posteriormente sua pavimentação, as políticas públicas para a região limitaram-se ao trecho Cuiabá Porto Velho. Como Guajará-Mirim não faz parte desta rota acabou sendo excluída do desenvolvimento que ali se iniciava. Segundo Carvalho (1980, p. 294), o crescimento populacional do território foi intenso após a abertura da BR, mas esse contingente populacional concentrou-se no eixo da rodovia.

Segundo Cavalcante (2011), com a abertura da BR-364 houve mudança no eixo de desenvolvimento no estado do Madeira-Guaporé em direção ao leste rondoniense, implicando numa mudança institucional.

Com o surgimento de novos municípios, o poder político da cidade foi suprimido. O Território Federal de Rondônia foi elevado a Estado em 1982. Naquele momento Guajará-Mirim estava enfraquecido e desgastada à espera de um futuro promissor.

Mesmo com a criação da Área de Livre Comércio (ALC), Guajará-Mirim não conseguiu se reerguer (HARRISON, 2009). No entanto, não podemos afirmar que a cidade foi totalmente deixada de lado pelos projetos estaduais. O processo de

transformação espacial ocorrido na região a partir de 1960 deixou um grande legado de problemas ambientais e sociais. Em nível estadual, nações indígenas quando não foram exterminadas, tiveram de ser transferidas, pois suas terras fariam parte de grandes empreendimentos agropecuários ou seriam cortadas por estradas. Com o agravamento dos problemas ambientais com a rápida ocupação humana, a natureza foi encarada como um inimigo a ser vencido.

Com o intuito de amenizar os problemas socioambientais gerados pelo progresso criou-se áreas protegidas, só que, ao invés de revitalizarem as áreas já afetadas, essas áreas protegidas foram implantadas em regiões distantes do principal eixo de transformação, a BR-364.

A partir daí, Guajará-Mirim se configura num lugar de destaque, pois seu território foi totalmente recortado por essa política compensatória, tanto que, só há 3,55% de seu território para uso de pecuária e agricultura. Essa limitação a impediu de acompanhar o desenvolvimento agropecuário do Estado.

A contribuição de Guajará-Mirim no processo de transformação espacial ocorrido em Rondônia trouxe sequelas, enquanto cidades se erguiam onde antes só havia natureza ainda não trabalhada pelo homem e se beneficiavam da tecnificação, agricultura e pecuária, a Pérola do Mamoré herdou grande parte do peso de encargos sociais e ambientais da modernização do Estado. (HARRISON, 2009).

Boa parte da população acredita que o motivo pelo qual Guajará-Mirim estagnou seu crescimento econômico e não se desenvolveu na agropecuária e agricultura como Nova Mamoré, cidade vizinha que é economicamente mais ativa que Guajará-Mirim, está ligado à existência das áreas protegidas.

Cavalcante e Góes (2011) fizeram um levantamento sobre a pressão agropecuária nos municípios com unidades de conservação e concluíram que Guajará-Mirim tem sofrido uma grande pressão, não só em relação à expansão agropecuária, mas à extração de madeira.

Com uma área de 24.856 km², 92,48% estão regulamentadas como Unidades de Conservação, Terras Indígenas e Áreas de Preservação, conforme tabela 03 e 04 abaixo e mapas 02 e 03. Apenas 7,52% da área do município, que

totaliza aproximadamente 179.900 hectares estão destinadas para o uso alternativo do solo, e, portanto, destinadas às atividades agropecuárias, segundo dados da Prefeitura Municipal de Guajará-Mirim – RO, 2008.

Tabela 03 - Unidades de Conservação e Terras Indígenas em Guajará-Mirim - percentuais

Categoria	Km ²	Área em hectares	Percentual*
Reservas Indígenas	10.333,33	1.033.333	41,57
Reservas Extrativistas	7.527,20	752.720	30,28
Reservas Biológicas	817,00	81.700	3,29
Parques	4.308,95	430.895	17,34
Total	22.986,48	2.298.648	92,48

Fonte: SEDAM/RO, 2002

Tabela 04 - **Unidades de Conservação e Terras Indígenas em Guajará-Mirim** – Ocupação total ou parcial do território

Categoria	Área total em Hectares	Localização completa ou parcial em Guajará-Mirim
Território Indígena Igarapé Lage	107.321	Parcial
TI Rio Negro Ocaia	104.063	Completa
TI Uru-Eu-Wau-Wau	1.867.117,8	Parcial
TI Pacaaás - Novas	342.903	Completa
TI Rio Guaporé	129.196	Completa
Reserva Biológica Ouro Preto	56.581	Parcial
Rebio Traçadal	20.164	Completa
Parque Nacional Serra da Cutia	283.611	Completa
Parna de Pacaás Novos	764.801	Parcial
Parque Estadual de Guajará-Mirim	207.148	Parcial
Resex Rio Ouro Preto	204.583	Parcial
Resex Rio Pacaás Novos	342.903	Completa
Resex Barreiro das Antas	107.234	Completa
Resex do Rio Cautário I	73.817	Completa
Resex Rio Cautário II	144.371	Parcial

Fonte: SEDAM/RO, 2002

Dentre as Unidades de Conservação, observamos que das quinze unidades que compõem o município, oito encontram-se completamente dentro de seus limites, onde podemos visualizar melhor na figura 08, fazendo com que Guajará-Mirim seja o município com o maior percentual de áreas preservadas de Rondônia.

Localizado o município à margem direita do rio Mamoré, fazendo divisa com a cidade de Guayaramerín, Bolívia. Atualmente é o município do estado que possui o maior número de Unidades de Conservação, juntamente com Territórios Indígenas (conforme figuras 09 e 10). O município de Guajará-Mirim é banhado por

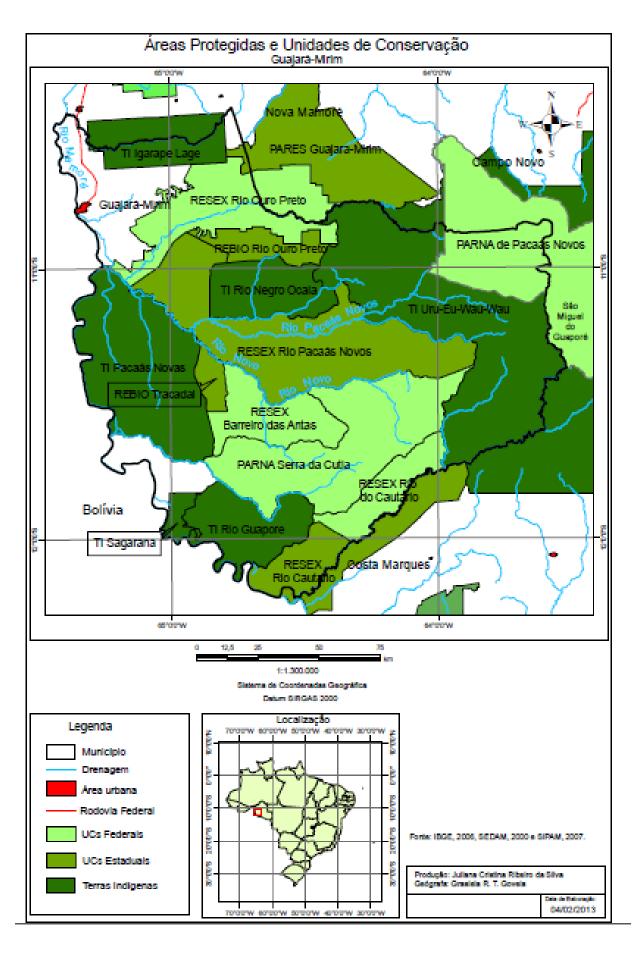
^{*} Percentual sobre a área do município

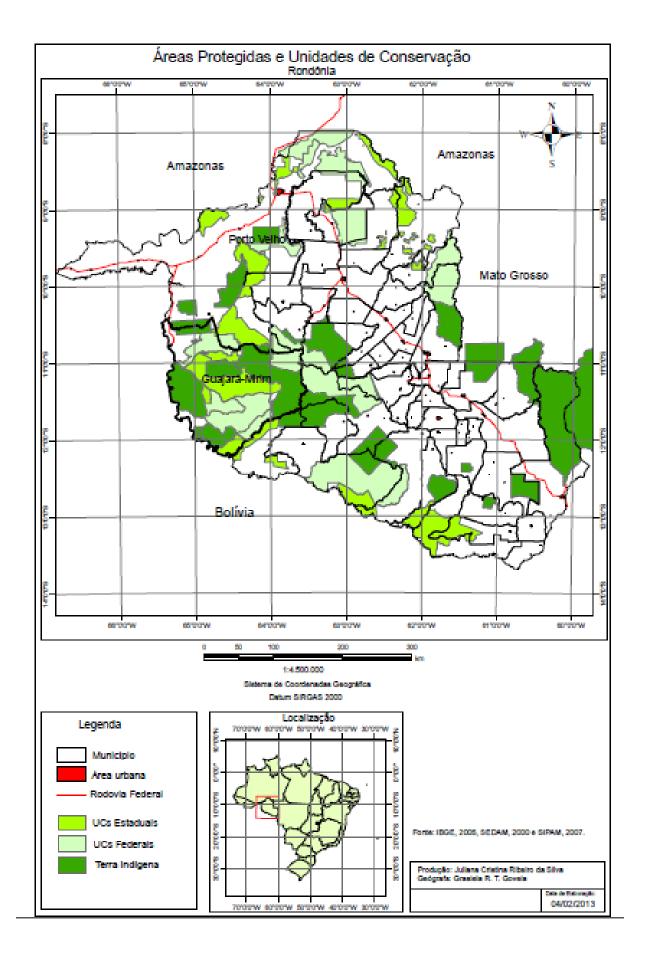
dois importantes rios da região, o Mamoré e seu tributário, o Guaporé (conforme figura 11). O distrito sede do município situa-se às margens do rio Mamoré, um dos formadores do rio Madeira. O rio Guaporé, juntamente com seus afluentes, forma uma das principais bacias hidrográficas do Estado, que interliga as cidades de Guajará-Mirim em Rondônia e Vila Bela da Santíssima Trindade em Mato Grosso. Seus afluentes da margem direita ligam a região do vale do Guaporé-Mamoré à região central do Estado. O Guaporé nasce na Chapada dos Parecis, em Mato Grosso, a 1.080 m de altitude. Com extensão de 1.716 km, da nascente à confluência com o rio Mamoré, dos quais 1.500 km são fracamente navegáveis, sendo 850 km dentro do estado de Rondônia, no trecho entre os rios Cabixi e Mamoré. Sua largura varia de 150 m, na confluência com o rio Cabixi, a 712 m, na confluência com o rio Mamoré. Sua profundidade também varia de 2 a 10 metros. Na época das chuvas suas águas se elevam em mais de 8 metros do nível normal, inundando as matas e os campos de suas margens, numa faixa superior a 60 km, formando lagoas temporárias. No período de estiagem, as águas baixam ao ponto de prejudicar a navegação (RONDÔNIA, 1998).

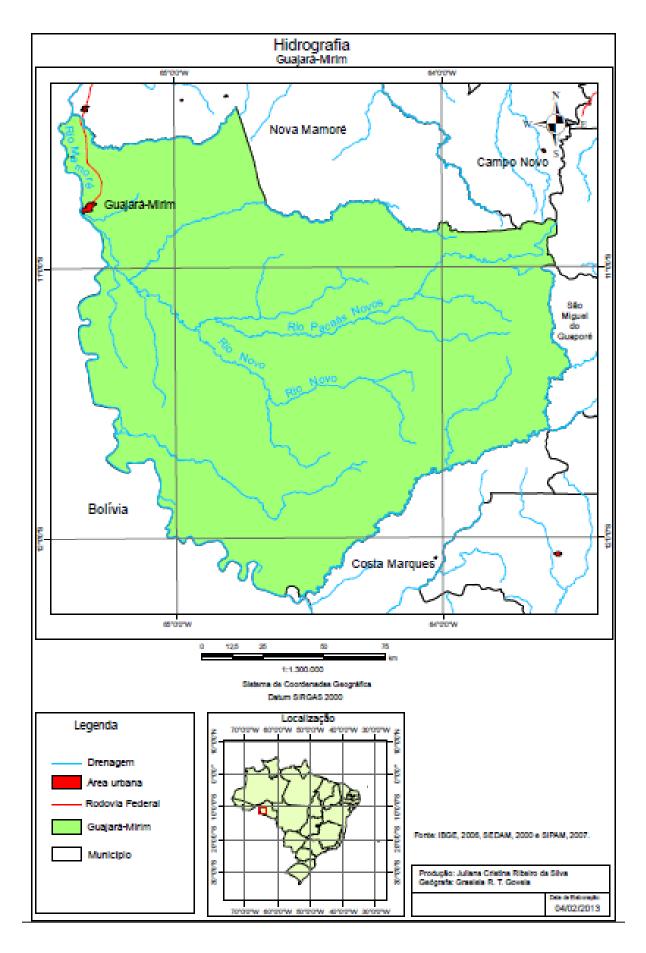
Os afluentes do rio Guaporé, pela margem direita, são os rios Cabixi, Corumbiara, Mequéns, Colorado, São Miguel, Cautário e Cautarinho, todos no estado de Rondônia, com nascentes na Chapada dos Parecis. Pela margem esquerda, situam-se os rios Paraguá, Blanco e Ilomas, todos bolivianos. O rio Guaporé banha os municípios de Costa Marques, Pimenteiras, Cerejeiras e São Miguel do Guaporé e serve de fronteira natural entre as Repúblicas da Bolívia e do Brasil.

O rio Mamoré, um dos formadores do rio Madeira, nasce nos Andes Bolivianos (Cordilheira Real); seu curso tem a extensão de 1.100 km. No alto curso, recebe o nome de Grande La Plata.

Em frente à Vila Murtinho, na altura da cidade Nova Mamoré a montante 50 km do município, une suas águas ao rio Beni, formando o rio Madeira. Ao receber o rio Guaporé, até a sua junção com o rio Beni, representa a linha de fronteira entre as Repúblicas do Brasil e da Bolívia. Em sua margem direita, o rio Mamoré, recebe os seguintes afluentes: rio Sotério, rio Pacaás Novos, rio Bananeiras e rio Laje (ou







rio Ribeirão). Na área urbana de Guajará-Mirim é entrecortada pelo igarapé Palheta, o qual, ao longo de seu percurso, abriga muitos balneários, sendo uma das principais opções de lazer da comunidade e visitantes.

O processo de ocupação do rio Pacaás Novos, rio Novo, Mequéns, Cautário, entre outros da região, se deu com a ocupação dos seringais.

Dentre as UCs em Rondônia, as reservas extrativistas ocupam uma área de aproximadamente 750.000 hectares, estas que, atendendo aos procedimentos legais são áreas passíveis de serem utilizadas para produção econômica, servindo de base para a implantação de indústrias de transformação de produtos da floresta, madeireiro e não madeireiro.

Com isso, podemos verificar que Guajará-Mirim é uma cidade cercada de verde e por unidades de conservação, dentre elas, a reserva que nos propomos a estudar.

1.9 A Reserva Extrativista do rio Pacaás Novos

Criada em 14 de julho de 1995, por meio do Decreto Estadual nº. 6953, a Reserva Extrativista Estadual do Rio Pacaás Novos ocupa uma área de 342.903.5029 hectares, localiza-se no município de Guajará-Mirim, Rondônia. O nome Pacaás Novos teve origem com os seringueiros que ao caçarem na região encontravam muitas pacas na beira dos igarapés. Além da Resex, há também o Parque Nacional dos Pacaás Novos, criado por meio do Decreto nº. 84.019 de 21.09.1979.

A Resex é representada pela Associação dos Seringueiros da Reserva Extrativista dos Pacaás Novos e Resex Federal Barreiro das Antas Primavera e atualmente conta com a da Cooperativa Vida Nova que buscam ajuda por meio de projetos e parcerias para melhoria da qualidade de vida dos moradores.

Pacaás Novos está dividida em sete comunidades e 124 loteamentos ou colocações e mais seis colocações habitadas localizadas à margem esquerda do rio Novo, na área da Resex Federal Barreiro das Antas, totalizando sete comunidades e

124 colocações, conforme podemos verificar na tabela 05 e através da figura 12. Quanto aos moradores residentes na Barreiro das Antas, a maioria é procedente de família tradicional residente da Resex Pacaás Novos, e ao constituírem família foram residir naquela, porém, desenvolvem suas atividades laborais em ambas as Resexs, que são separadas somente pelo Rio Novo.

Tabela 05 - Nomes das Comunidades da RESEX e número de colocações

Comunidade	Número de colocações
Comunidade Encrenca	19
Comunidade Boa Vista	10
Comunidade Margarida	27
Comunidade Santa Isabel	10
Comunidade Nova Brasília	15
Comunidade Igarapé São João	11
Comunidade Noventa	32

Fonte: RONDÔNIA, 1998, 2003 e 2006

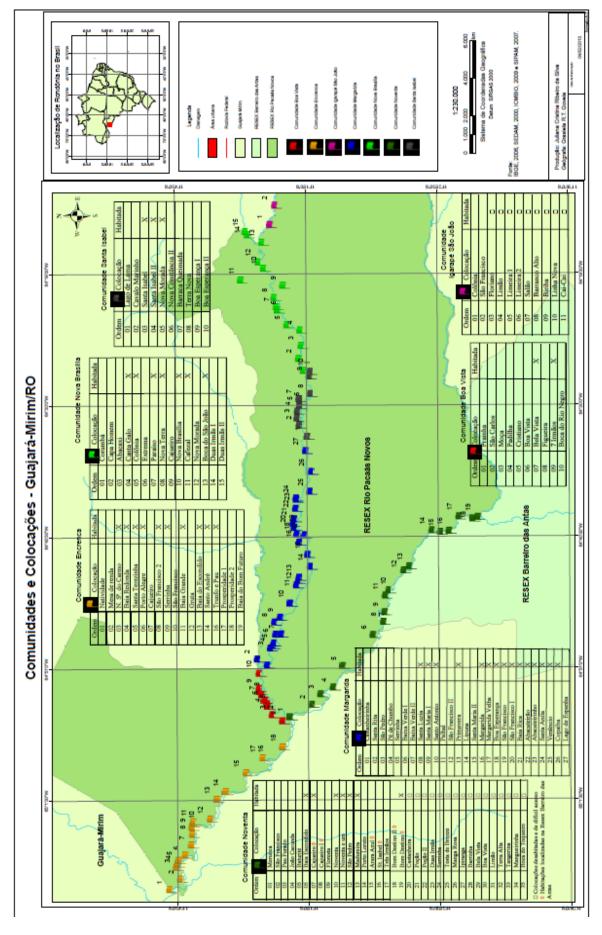
O acesso à Resex só é possível por via fluvial pelo rio Pacaás Novos. Cada morador possui em sua colocação uma canoa ou barco de alumínio e motor rabeta ou Hp15, pois não há linhas regulares de transporte fluvial na região. A distância para os moradores não é medida em quilômetros, mas em dias para se subir e descer o rio. Em épocas de seca leva-se até 06 dias para se chegar ao destino final, Silva (1997a, p. 41) brilhantemente nos traz à luz um fator determinante que auxilia a entender os povos da floresta: o "tempo amazônico", onde: "o tempo amazônico, que é marcado pelo movimento das águas, das enchentes; as viagens não são contadas por quilômetros percorridos, mas por horas de viagem deitados na rede".

No Pacaás Novos podemos encontrar soldados da borracha, seringueiros, filhos e netos de seringueiros que ainda hoje levam uma vida simples. A atividade de extração de seringa, em sua grande maioria, deu lugar para as roças e como complemento da atividade econômica, a fabricação de farinha⁵⁶. Por estarem distantes da cidade, a maneira para saberem das notícias da cidade ainda é via rádio e há também em cada comunidade um rádio PX⁵⁷ para comunicação com a

_

⁵⁶ Na maioria das colocações há uma casinha, denominado casa de farinha, normalmente sem paredes onde há um forno e um taxo onde a farinha d'água é produzida, parte da produção é estocada para o consumo e o excedente comercializado em Guajará-Mirim.

⁵⁷ O rádio PX é um serviço de radiocomunicação que permite a conversa entre pessoas que utilizam



Associação dos Seringueiros, diariamente há trocas de informações, principalmente com o intuito de comunicar algum acontecimento grave.

Pudemos verificar através de entrevistas que entre os rios Pacaás Novos e Novo em Guajará-Mirim havia mais de 80 seringais em funcionamento simultaneamente, só na comunidade Encrenca, no Pacaás havia mais de 20 famílias trabalhando em estradas de seringa, segundo dados fornecidos em entrevista concedida a nós durante levantamento de campo pelo senhor Francisco Joaquim Filho. Seringalistas colocavam até anúncio em jornais para tentar atrair mais seringueiros. Em sua estadia em Guajará-Mirim, o jornalista Manuel Rodrigues Ferreira leu no jornal "O Imparcial" ed 60 de novembro de 1959 o seguinte anúncio:

Figura 13
Anúncio em jornal de contratação de seringueiros

"SERINGAL SÃO LUÍS"

de

Manuel Lucindo da Silva

Ótimas estradas de seringa. Transporte para os rios. Pagamento de saldos no ato da entrega do produto. Rio Pacaás-Novos. Município de Guajará-Mirim".

Fonte: Ferreira, 1961, p. 270

Como o deslocamento, muitas vezes era um problema, gerando o isolamento do seringueiro, a "oferta" de "transporte para os rios" era um grande atrativo na época.

Os rios eram movimentados com a subida e descida de barcos e chatas⁵⁹, assim como uma população considerável, pois em cada seringal havia uma média de 90 seringueiros, muitos com famílias.

No ano de 2003, foi realizado o Plano de Manejo Sustentável da Resex, nesse diagnóstico, houve um censo demográfico e segundo o relatório:

A população residente (autóctone) da Resex é de apenas 140 pessoas, sendo 56% do sexo masculino e 44% do sexo feminino, abrigadas em 46 moradias que compõem as comunidades de Extrema, Rio Novo, Margarida

transreceptores na faixa de radiofrequência em torno dos 27 MHz.

⁵⁸ Procuramos informações sobre edições antigas para colocarmos outros exemplos, mas as informações que obtivemos é que não há registros de edições antigas, pois a Biblioteca Municipal foi parcialmente destruída em um incêndio, além do desabamento do teto.

⁵⁹ Espécie de embarcação larga, com fundo chato, utilizada principalmente para transporte de cargas pesadas.

e Encrenca. Quanto à idade, há uma concentração significativa de pessoas na faixa etária entre 0 e 7 anos (32,81%), seguida das faixas etárias de 15 a 21 anos e de 29 a 35 anos, representando cada uma 10,94% da população. A pessoas idosas, compreendendo as idades superiores a 64 anos, formam um conjunto humano que compõe apenas 6,25% do total da população da Resex Pacaás Novos. (RONDÔNIA, 2003).

Em 2006 a SEDAM realizou um diagnóstico demográfico e socioeconômico, visitando as 119 colocações e chegaram a uma população aproximada de 217 pessoas (148 adultos e 69 crianças).

2 OS CAMINHOS GEOGRÁFICOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 A Geografia

No decorrer da história, diversas áreas científicas, especialmente as Ciências Humanas, em sua busca pela compreensão e interpretação do mundo e das coisas, evoluíram, e continuam evoluindo, no compasso das transformações sociopolíticas, econômicas, culturais e espaciais ocorridas dentro do contexto mundial. Simultaneamente, os paradigmas estabeleceram seus princípios teóricos, fixaram conceitos em níveis de relevância e priorizaram determinados valores e atitudes com o intuito de explicarem cientificamente mudanças da realidade e seus desdobramentos.

Essa articulação é vista na Geografia na produção de autores do século XIX, como Humboldt e Ritter, entre outros, cujos projetos podem ser inscritos no horizonte da Geografia Humana ou Humanística.

Historicizando o percurso de formação teórica e epistemológica da Geografia, vemos a passagem por desde aquilo que se chama de Geografia Tradicional até o que é chamado de Geografia Crítica. Dentro da Geografia Tradicional temos como principal fundamento e elemento de unidade o Positivismo, sendo duramente bombardeado pela Geografia Crítica, que, por sua vez, não tem ainda uma unidade definida, em virtude da grande quantidade de métodos de interpretação propostos pelos pensadores que a compõem, tendo, no entanto, o Marxismo e o Materialismo Histórico Dialético como suporte de destaque considerável.

Na célebre obra Geografia: pequena história crítica (1994), Moraes diz que o termo Geografia Crítica refere-se a um posicionamento dos geógrafos dessa linha que pensam a Geografia como instrumento de ação política transformadora e

radicalizadora da realidade social, propondo uma Geografia que limite no sentido de ser "um instrumento de libertação do homem" (1994, p. 113).

Esse distanciamento do viés tradicional da Geografia das questões sociais acaba por ser uma consequência da neutralidade científica proposta pelo positivismo, sob a qual o pesquisador deveria lidar apenas com o seu objeto, não podendo assumir suas emoções ou o lugar ocupado por ele no quadro social, sendo o pesquisador um indivíduo isento, que deveria apenas descrever a realidade sem parcialidade, sem interferir na mesma, afim de que se constituísse uma "ciência asséptica".

Moraes (1994) nos coloca três razões para a crise da Geografia Tradicional: 1) as mudanças e alterações da base social em virtude do nível de desenvolvimento capitalista; 2) a defasagem do instrumental técnico da Geografia Tradicional que fora criado para explicar fenômenos e situações de espaços simples, não suportando, portanto a nova conjuntura do espaço que se tornaram mais complexos; 3) a crise do positivismo, que teve suas proposições, fundamentações teóricas e seus postulados ultrapassados pelo desenvolvimento científico e filosófico das demais Ciências Humanas.

No entanto, apesar das críticas severas, o autor enumera também alguns saldos da Geografia Tradicional: 1) a Geografia já consolidada como ciência elaborada e disciplina autônoma, com temário elaborado; 2) rico acervo empírico; 3) conceitos como os de espaço, território, lugar, ambiente e região, que, na ocasião ainda precisavam ser discutidos.

A Geografia Humanista preocupou-se em trabalhar com os aspectos humanos, atendo-se aos significados, valores, objetivos e propósitos das ações humanas. O homem tornou-se destaque na análise geográfica de cunho humanista, propôs-se um enfoque compreensivo, baseado na experiência, nos sentimentos, na intuição, nas práticas simbólicas e na dimensão subjetiva.

Como desvela Capel (1981, p. 425) esta Geografia trabalhou na perspectiva de evidenciar o espaço como repleto de significados e de valores, os quais colaboram com o sentimento de pertencimento ao lugar.

Propõe pensar que o homem não se move ou desloca-se num espaço abstrato, mas num espaço vivido e construído a partir da experiência de cada sujeito. O homem é ser social com necessidades de relação e possuidor de valores culturais e sociais.

Na década de 1970, a Geografia de cunho humanista, com base nas correntes filosóficas da fenomenologia, do existencialismo e hermenêutica, apresentou a perspectiva de tratar dos temas percepção, subjetividade, valores humanos e espaço vivido, agregando contribuições que marcariam a sua existência e convergiram nas reflexões geográficas.

Como destaca Capel (1981), há uma ênfase ao espaço vivido repleto de intenções, valores e de significados. A afetividade, o medo que o homem estabelece com o lugar torna-se relevante na compreensão do espaço. São importantes essas considerações, pois a geografia humanista cultural tem sido objeto de discussão entre os geógrafos, dando cada vez mais a visibilidade da abordagem cultural no Brasil.

A Geografia Humanista teve marcado suas raízes históricas, as quais sustentam o seu desenvolvimento, como os princípios da Escola Tradicional Francesa, cuja importância se destaca nessa vivência, nos contatos prolongados dos geógrafos com os lugares e paisagens constituindo assim o seu objeto de estudo.

Nos anos de 1980, as manifestações da cultura ressurgiram, atraindo o interesse de outras áreas do conhecimento, sendo cultivado o interesse pela geografia humana. O homem passou a ser contemplado nessas análises, com destaque para os seus valores culturais ligados aos diversos ambientes.

De acordo com Almeida (2009, p. 244) a renovação da geografia se deu sobre o impulso de dois fatores: um geral e específico. O geral afetou diretamente as ciências sociais e resultou no arrefecimento do estruturalismo; o específico remeteu a insatisfação no campo das investigações quantitativas e alicerçadas no estruturalismo.

Houve um interesse por parte dos geógrafos de reestruturar a base da Geografia, influenciada pelas teorias da desconstrução, do criticismo e da interpretação do signo como sinal de poder. Buscou-se uma abordagem cultural e

inovadora no sentido de dialogar com outras ciências: psicologia, sociologia, filosofia e antropologia como forma de compreender o espaço e as especificidades do indivíduo.

A Geografia passou por processos de rupturas, o que significou para muitos a crise epistemológica, mas colaborou para a produção rica de abordagens teórico-metodológicas, permitindo a construção de um fazer geográfico pautado nas contradições e adversidades.

Esta Geografia Humanista privilegiou os temas da percepção, da subjetividade, criatividade, intuição, sentimentos, experiências, simbolismos e valores humanos, ressaltando a singularidade de cada indivíduo. O espaço é interpretado mediante as experiências vividas, a lógica prescinde na compreensão de mundo, atribuindo-se uma significação maior as categorias (paisagem e lugar) que passaram a fazer parte dos debates sobre objetividade e subjetividade na Geografia.

Para tanto, no trabalho de Relph (1979) vê-se o estudo do mundo vivido cultural como sendo cheio de significados e repletos de intersubjetividade, diferindose do mundo natural que nos é dado e do qual se encontra pré-determinado antes de nascermos. Para Relph (1979) os espaços contêm lugares mais íntimos dos homens, advindo da existência e da percepção da experiência imediata.

Para Claval (2001, p. 82), "uma das tarefas da Geografia Cultural é mostrar como os sistemas de valores se traduzem pelas articulações específicas do social." Em outras palavras, a linguagem se destaca e tem papel essencial nessa articulação com o social, por isso a valorização da poética nessa investigação.

Desse modo, a Geografia de cunho humanista volta-se para o universo das experiências dos homens e dos grupos em relação ao espaço, no sentido de compreender os valores, intersubjetividades, sentimentos, comportamentos, privilegiando as experiências vividas.

Como afirma Bonnemaison (2002), o espaço social é produzido, vivenciado, concebido em termos de organização e de produção, havendo nessa interação uma significação e relação simbólica, gerando sentidos. Este elo do homem com os lugares está carregado de afetividade e exprime essa relação

cultural, simbólica no sentido amplo da palavra, ganhando significação na existência humana.

Destaca-se nesse contexto, o geógrafo Yi-Fu Tuan (1980 e 1983) que trouxe uma abordagem humanista aos estudos geográficos. Foi orientando de Sauer e seu foco era resgatar as percepções, a qualidade ambiental e os valores humanos na análise geográfica.

Tuan (1983) adota o enfoque humanista ao atribuir o sentido ao lugar, atendo-se ao aspecto da afetividade do indivíduo ao manter e perceber o meio ambiente, mostrando que a percepção se dá através dos sentidos, mas a cultura influencia na forma de perceber, formar a visão de mundo e ter atitudes em relação ao meio ambiente diferem quanto à intensidade, sutileza e modo de expressão, podendo ser estética, o deleite ao sentir o que ver e o expressar dos sentimentos por um lugar.

Como afirma Tuan (1983, p. 3), "o lugar é a segurança e o espaço é a liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro." Lugar e espaço são conceitos que fazem parte da análise desse geógrafo no qual procurou mostrar a influência das culturas nas atitudes humanas em relação ao espaço e lugar. Além disso, Tuan (1980) mostrou que as características culturais dos diferentes grupos humanos interferiam no modo de vida de perceber o ambiente, destacando o papel da sensibilidade biológica humana neste processo perceptivo. Nesse sentido, ressalta os fatos biológicos, as relações de espaço e lugar e a amplitude da experiência ou conhecimento.

A experiência abrange as diferentes maneiras das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade, podem variar desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa. Pelo exposto, a experiência se volta para o mundo exterior, implica nessa capacidade de aprender a partir da própria vivência, de acordo com Tuan (1983, p. 11), "a experiência é constituída de sentimento e pensamento".

Revela-se a capacidade humana de criar símbolos, atrelados à percepção através dos sentidos, como maneira de organizar o espaço e o lugar, sendo que a percepção acontece de forma muito subjetiva, a partir do mundo vivido da experiência com a linguagem.

2.2 A Geografia Cultural

A abordagem cultural na Geografia, ou, como nas palavras de Claval (2002), o interesse dos geógrafos pelos problemas culturais surge na mesma época que a Geografia Humana, no final do século XIX. As relações entre sociedade, cultura e natureza assumem um papel central nos estudos dos geógrafos europeus como Ratzel, La Blache, Schuter, Brunhes, entre outros.

Lega-se a Ratzel, expoente da Escola Alemã de Geografia, em sua obra Antropogeografia publicada em 1882, a inserção pioneira do termo cultura nos estudos geográficos. Em seus trabalhos, analisou os fundamentos culturais da diversidade das repartições dos homens e das civilizações, adotando encaminhamento ora etnográfico, ora político (ZANATTA, 2007). Nesta obra, segundo Claval (2001, p. 13), Ratzel analisa a cultura,

[...] sob os seus aspectos materiais, como conjunto de artefatos mobilizados pelo homem na sua relação com o espaço. As ideias que a sustentam e a linguagem que exprimem são quase nada invocadas [...] A ideia de luta pela vida limita, portanto, o interesse que tem Ratzel pelos fatos da cultura e dá à sua obra uma posição essencialmente política.

Ratzel edifica assim as bases conceituais da Geografia Humana em seu sentido restrito, sendo encarado a partir de então como o grande nome do ambientalismo, embora aparentemente, não considerava sua *Antropogeographie* nada mais como um estímulo a uma Geografia Humana que devia fundamentar-se em um estado da cultura. Seus estudos e suas análises de difusão da cultura foram amplamente utilizados por antropólogos, enquanto geógrafos ocidentais viam Ratzel meramente como ambientalista. (SAUER, 2003, p. 20).

No âmbito da Escola Francesa, a tradição pelos estudos culturais se deu, como na Alemanha, em processo contemporâneo à sistematização da Geografia como ciência acadêmica. La Blache, nome principal dos estudos franceses na época, tinha um ponto de vista semelhante a Ratzel no que concerne ao entendimento no papel da cultura que se coloca entre o homem e o meio natural. La Blache elaborou o conceito de gênero de vida⁶⁰, este entendido por ele como sendo

⁶⁰Claval (1997, p. 90) ressalta ainda que a noção de gênero de vida "[...] tem uma dimensão ecológica, naturalista; ela serve primeiramente para mostrar como os grupos se adaptam ao

um conjunto de técnicas, hábitos e costumes próprios de uma sociedade que possibilitam o aproveitamento dos recursos naturais disponíveis. (ZANATTA, 2007).

Até a década de 1940, o interesse da Geografia Cultural atinha-se principalmente, às marcas que a cultura imprimia na paisagem ou à noção de gênero de vida. Ainda que, sob diferentes formas, ambas as abordagens acentuavam a cultura material como artefatos, técnicas, utensílios, habitat e instrumentos de trabalho, não acompanhando a evolução dos estudos antropológicos que já davam destaque à cultura mental, aos aspectos psicológicos das sociedades.

Conforme Claval (2001), no decorrer desse período, os geógrafos valorizaram quatro temas associados ao estudo das relações entre sociedade e natureza, quais sejam: a análise das técnicas, os instrumentos de trabalho, a paisagem cultural e os gêneros de vida. Os três primeiros estão relacionados a aspectos materiais da cultura, e o último a aspectos não materiais. No artigo A Geografia Cultural: o Estado da Arte (1999), esse autor argumenta que a pouca atenção dada pelos geógrafos culturais aos aspectos subjetivos das relações entre espaço e cultura foi um dos motivos que levou ao seu arrefecimento no decurso dos anos que seguiram.

A Geografia Cultural propõe uma nova compreensão do espaço, compreendê-lo a partir das representações culturais como: rituais, religião, crenças, artes e maneiras de organização do trabalho. Considera-se tudo o que for criação e interação humana sobre a natureza e que esteja relacionada conforme a cultura de um determinado grupo.

A partir da Geografia Cultural, abordamos os sentimentos, valores culturais e experiências vividas do homem com o seu espaço. Neste trabalho, a Geografia Cultural possibilitou um olhar diferenciado para a relação do ribeirinho com seu espaço, um olhar da organização do seu lugar e valores atribuídos ao lugar fundamentado na cultura do grupo.

Esse olhar foi possível por compreender que o espaço é um reflexo das ações culturais do homem. Sendo assim, pode ser analisado e apresentado por esta perspectiva da Geografia, isto é possível porque os geógrafos culturais compartilham

ambiente. Ela tem também, entretanto, uma dimensão social e cultural [...]" Vidal de La Blache, que faz do gênero de vida um dos eixos da Geografia que ele elabora é, desta forma, o primeiro a sugerir que ele pode ter uma dimensão cultural.

o mesmo objetivo de descrever e entender as relações entre a vida humana coletiva e o mundo natural, as transformações produzidas por nossa existência no mundo da natureza e, sobretudo, os significados que a cultura atribui à sua existência e às suas relações com o mundo natural. (COSGROVE, 2000, p. 34).

Toda pesquisa geográfica com enfoque cultural está fundamentada nos significados e valores que o indivíduo atribuiu a sua existência ao lugar, bem como as relações sociais e espaciais com o meio, ao compreender as relações entre o homem e seu espaço, enfocando as transformações culturais vivenciadas e sua influência na organização do espaço de um determinado grupo social.

Desta forma, um estudo sobre uma cultura deve estar fundamentado na ideia da diferença. Com uma abordagem que consiste nas múltiplas possibilidades de explicar os acontecimentos no mundo, por meio do conhecimento da maneira de viver de cada ser humano, o qual está inserido em um meio social compartilhando e adquirindo experiências.

Para tanto, destacamos Geertz (1989, p. 29) com a proposta interpretativa para este tipo de estudo, "o estudo interpretativo da cultura representa um esforço para aceitara diversidade entre as várias maneiras que seres humanos têm de construir suas vidas no processo de vivê-las".

Para Geertz, a cultura deve ser interpretada, uma vez que as experiências individuais e coletivas são vivenciadas de muitas maneiras gerando um processo cultural diversificado em cada sociedade. Essas experiências caracterizam o espaço cultural das sociedades fazendo parte da história de vida dos moradores.

Para Merleau-Ponty (2011), a fenomenologia buscou o relato do espaço, do tempo e do mundo vivido, a partir da descrição da experiência tal como ela é. Como o mesmo autor afirma (idem, p. 14), "o mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo [...]." O contexto da experiência faz parte da lógica da fenomenologia. E foi buscando o significado da vivência humana que a Geografia recorreu à fenomenologia para estudar o campo das experiências humanas, tornando-se uma nova alternativa epistemológica dentro da Geografia. Buscou-se estudar o universo dos valores, das atividades dos homens de modo geral, fazendo uma crítica acirrada ao modelo normativo da ciência e ao positivismo.

Para Suertegaray (2005), a fenomenologia na Ciência Geográfica se expressa no conceito de Geograficidade que consiste nas experiências de vida em

relação ao espaço e ao tempo; na maneira do homem relacionar-se com os objetos e com as pessoas ao seu redor. Sendo, portanto, uma dimensão espacial da experiência humana que começa desde o nascimento, e que se torna cada vez mais ampla e complexa com o passar do tempo.

Isto pressupõe um mundo que pode ser entendido geograficamente, no qual o homem possa sentir e conhecer a si como sendo ligada a terra. Nesse sentido a abordagem perceptiva incorpora a ideia fenomenológica do mundo-vivido, um mundo de ambiguidades, comprometimentos e significados, no qual o ser humano está intrinsecamente envolvido em sua vida diária.

Foi pensando nas experiências de mundo-vivido que encontramos o suporte necessário através da fenomenologia para procedermos a pesquisa, em busca de entender os fenômenos ocorridos no espaço geográfico da Resex rio Pacaás Novos. Dardel (2011, p. 112) nos diz que "o mundo geográfico só é autenticamente acessível a partir do nível da experiência vivida, em que o terrestre e o humano se ajustam à uma medida original." Dardel nos leva a compreender que o homem e a terra não podem ser pensados separadamente, há uma relação intrínseca entre o homem e a natureza, podendo ser teórica, prática, afetiva e até mesmo simbólica.

Para Tuan (1980), o mundo-vivido pode ser abordado através de três fenômenos inter-relacionados da experiência humana, os quais podem constituir os polos do mundo-vivido geográfico: o espaço, como experienciado, a paisagem como, a superfície limitante do espaço e o lugar como centro de significado, no espaço e na paisagem.

O caminho trilhado neste trabalho fundamenta-se no entrelaçamento das propostas metodológicas desenvolvidas por Merleau-Ponty (2011) na obra "Fenomenologia da percepção" e José Sebe Bom Meihy (1996) em "Manual de História Oral" e Meihy e Holanda (2011) em "História Oral: como fazer, como pensar".

A escolha do primeiro ocorreu devido à necessidade de compreender as relações existentes na essência que se procura nas manifestações do fenômeno, para podermos adentrar a consciência do homem, a existência no "homem

histórico". E a do segundo, para realização, compreensão e desenvolvimento das entrevistas, bem como a concepção do *outro*. Ambos trilham para o contato do pesquisador com o narrador/colaborador, como agir diante do trabalho de campo e de como compreender a relação entre o pesquisador e o narrador/colaborador.

Essas propostas metodológicas possibilitaram identificar e interpretar a relação do homem com o seu espaço, o seu lugar; proporciona ainda preservarmos e trabalharmos com a fala completa do narrador a partir de suas experiências de vida, o que facilita para compreendermos as relações deste com o lugar.

A partir das narrativas, norteamos o trabalho e as leituras das mesmas. Considera-se ainda que "os geógrafos devem procurar compreender a concepção de mundo que existe no coração do grupo ou da sociedade que estejam estudando." (BONNEMAISON, 2002, p. 102).

Na busca por esta compreensão, o geógrafo pesquisador se envolve com o grupo ou sociedade que está pesquisando. Neste sentido, tentamos limitar nosso envolvimento em ouvir nossos narradores, deixando-os mais à vontade possível na hora da escolha do local e data das entrevistas, assim como suas falas, buscando manter o máximo de respeito ao outro, não intervindo na fala, permitindo que os mesmos discorressem conforme suas experiências de vida, expondo apenas o que desejassem. Contudo, as narrativas tendem a expressar a transparência das experiências vividas pelos narradores, onde, somente após todo o processo de realização das mesmas, o pesquisador interpretar as mesmas.

Para a realização da pesquisa, foram adotados procedimentos específicos, tais como entrevista não direcionada, na qual a pessoa é convidada a falar sobre a sua experiência devida, iniciando como achar melhor. Embora as pessoas escolhidas estejam relacionadas a temática da pesquisa, não foram feitas perguntas diretas, sendo que estas surgiram no decorrer das entrevistas, com a intenção de esclarecer algo que não foi entendido ou para estimular uma descrição mais minuciosa do que estava sendo comentado, geralmente quando relacionada ao modo de vida nos espaços de seringais. O interesse se deu portoda a experiência de vida narrada.

Após a realização das entrevistas foi feita transcrição literal de tudo o que foi dito e, após a textualização, em que se iniciaram os trabalhos de criação textual, onde foram suprimidas as repetições sem significação e as eventuais perguntas sem repercussão. Nesse processo, as perguntas que estimularam a narração foram incorporadas a narrativa, transformando a entrevista em um texto.

Em seguida, realizou-se a transcrição, em que todo o processo dos trabalhos consiste na transformação da oralidade para a escrita na intenção de alcançar um texto comunicável, sendo também uma busca pelo outro.

Ao todo foram realizadas 09 entrevistas com diferentes moradores e exmoradores da Resex, ex-seringueiros, hoje ribeirinhos. Dessas, após releituras selecionamos três: senhor Francisco Joaquim Filho, conhecido como "seu Pitito", senhora Geracinda Amaral da Costa, conhecida como "dona China" e senhor Francisco Lopes da Silva, conhecido como "seu Chico Leonel". Essa seleção teve como cunho os detalhes trançados em suas narrativas, detalhes que nos ajudaram a desvendar ou pelo menos entender como se deu as tramas da vida dentro da Resex.

2.3 Compreendendo a História Oral

Para o desenvolvimento deste trabalho, optamos por ouvir suas narrativas ou as histórias de vida dos moradores e ex-moradores da Reserva Extrativista do Rio Pacaás Novos. Esse encontro dialógico nos proporcionou um crescimento, sabemos que a existência rica e singular plasmada em um papel é de fundamental importância, mas a oportunidade de vermos *in locu* a realidade que esses atores sociais viveram e vivem nos proporcionou outra visão, visão até mesmo de vida.

Como tal, optamos por utilizarmos a História Oral como metodologia de pesquisa, que por sua vez foi trazendo o problema à tona, *à priori* não como desafio, mas como atividade de diálogo com vivências tão singulares, transformando o pesquisador como leitor e leitor como pesquisador. (MEIHY, 1996, MEIHY e HOLANDA, 2011).

As entrevistas passam pela transcrição, que é, em termos de escrita, tal e qual ao gravado, neste momento colocando no papel tudo o que foi dito, inclusive os erros de português por parte dos narradores, repetições, vazios e silêncios, sendo entendida por Meihy como "... a passagem do estágio da gravação oral para o escrito." (1996, p. 88).

O próximo passo será o de textualização das entrevistas, processo esse que é apresentado por Meihy como sendo um momento de reorganização do discurso. A textualização tem como objetivo tornar a entrevista transcrita em texto compreensível, que permita ao leitor perceber inclusive as sensações passadas pelo colaborador no momento da entrevista. Eliminam as perguntas e erros gramaticais.

O conceito de transcriação é transposto da concepção de Haroldo de Campos sobre a tradução do poema *Transblanco* para a concepção do texto transcriado. Essa transposição é explicada na obra *História oral: como fazer, como pensar* (2011, p. 134), de José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda:

Tendo a inspiração como ponto de partida, vertida em palavra, o produto, o poema, concretizaria na beleza o sentido da mensagem. Haroldo de Campos, no Brasil, emprestou essa ideia – de recriação – e dinamizou o processo, aplicando-o a tradução de uma língua para outra. A isso chamou Transcrição.

Por fim, na transcriação, após termos apenas a fala de nosso colaborador, organizamos a narrativa. Considera-se o texto pronto e viável para interpretação.

No diálogo que se estabelece a partir da História Oral, o *colaborador* fala sobre suas vivências, aventuras de trabalho, histórias conhecidas, passagens, causos, enfim, fala sobre o vivido, o que é incorporado ao discurso como vivências e o que carrega de sua comunidade de referência, as situações que os identificam e que marcaram, independente de terem participado ou não do ocorrido. Por vezes, as histórias podem vir a ser recorrentes, mudando alguns personagens, uma espécie de condição inescapável à vida, no nosso caso, a vida de qualquer seringueiro.

Para tanto, procuramos realizar entrevistas não sistematizadas, onde nos apresentamos e marcamos a entrevista com antecedência para deixar o entrevistado à vontade, tanto que local e horário foram designados pelos mesmos. Antes de iniciarmos as gravações, pedimos para que estes contassem suas histórias de vida, inclusive dentro dos seringais ou da Reserva. A escolha nos proporcionou a possibilidade do colaborador estabelecer a narrativa em sua própria ordem

(cronológica ou histórica), sua própria geografia, produto do seu trabalho, sua historicidade, "desde que se entendesse por gente".

A escolha dos entrevistados teve como critério o certo grau de importância no que tangeu às atividades dentro dos seringais e suas percepções enquanto filhos de "Soldados da Borracha" e seringueiros. Como datas e locais foram definidos pelos mesmos, percebíamos que antes das entrevistas, estes se arrumavam, colocando a "roupa de missa" como ainda falamos no interior.

Para trabalharmos as narrativas, adotamos o modelo criado por Meihy (1996) e Meihy e Holanda (2011). O referido autor trabalha em três etapas: transcrição, textualização e transcriação. Para uma maior compreensão dos assuntos tratados nas entrevistas, a escolha deste método proporciona-nos obter um texto coeso, podendo transmitir com mais clareza, acarretando uma melhor compreensão dos assuntos abordados nas entrevistas. De fundamental importância, essa metodologia para nosso trabalho vem de encontro com o que nos propusemos a trabalhar, levando-se em conta que nossos colaboradores, em sua maioria são pessoas que utilizam um linguajar que pode não ser muito habitual para outros.

2.4 Compreendendo a Fenomenologia como método

Fenomenologia deriva do grego *Phainesthai* – aquilo que se apresenta ou que se mostra – e logos – explicação, estudo. Tem como fundamento a importância dos fenômenos da consciência, que por sua vez devem ser estudados em si mesmo, onde, tudo o que podemos saber do mundo acaba por resumirem-se a esses fenômenos, objetos ideais que existem na mente, designados cada um por uma palavra que representa a essência, ou seja, sua "significação." (Martins e Bicudo, 1989, p. 21-22).

a) Considerações sobre a Fenomenologia

Para Merleau-Ponty (2011, p. 01), fenomenologia é estudo das essências e,

Todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira se não a partir da sua 'facticidade'.

De acordo com Martins e Bicudo (1989, p. 21-22), o significado de **fenômeno**⁶¹ vem da expressão grega *fainomenon*e deriva-se do verbo *fainestai*, que quer dizer mostrar-se a si mesmo. Assim,

Fainomenon significa aquilo que se mostra, que se manifesta. Fainestaié uma forma reduzida que provém do faino, que significa trazer à luz do dia. Faino provém da raiz Fa, entendida como fos, que quer dizer luz, aquilo que é brilhante. Em outros termos, significa aquilo onde algo pode tornar-se manifesto, visível em si mesmo (...) Fainomena ou fenomena são o que se situa à luz do dia ou o que pode ser trazido à luz. Os gregos identificavam os fainomena simplesmente como taonta que quer dizer entidades. Uma entidade, porém, pode mostrar-se a si mesma de várias formas, dependendo, em cada caso, do acesso que se tem a ela. (grifo do autor).

A partir da origem das palavras de origem gregas "fenômeno" e "logia", Bello (2006, p. 29) define, então, "fenomenologia como uma reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra."

A essência do que se procura nas manifestações do fenômeno nunca é totalmente apreendida, mas a trajetória da procura possibilita compreensões. Segundo Garnica (1997, p. 114),

Fenômenos nunca são compreendidos sem que sejam inicialmente interrogados: disponíveis na percepção, são questionados e, na perspectiva fenomenológica, qualquer forma de manifestação ou objetividade implica um relacionamento intersubjetivo. O questionamento põe-nos frente ao manifesto, em atitude de abertura ao que se mostra, na intenção de conhecer, própria da consciência. O fenômeno, assim, é sempre visto contextualizadamente.

O termo fenomenologia foi usado pela primeira vez, de acordo com Dartigues (1973), na obra *Novo órganon* (1764), de autoria de Johann Heinrich Lambert (1728-1777), como sentido de teoria da ilusão sob suas diferentes formas. Em 1770, Emanuel Kant (1724-1804), retoma o vocábulo fenomenológico, falando da *phaenomenologia generalis*, para indicar a disciplina que deveria preceder à metafísica; contudo, a palavra fenomenologia volta a ser utilizada por Kant em 1722, na denominada *Carta a Marcos*, esboço da obra intitulada *Crítica da Razão Pura* (1781).

-

⁶¹ Grifo nosso.

George Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) chama fenomenologia do espírito, a ciência que considera a sucessão de diferentes formas ou fenômenos da consciência até chegar ao saber absoluto. Com Hegel, a partir do estudo do movimento do espírito, a fenomenologia definia-se enquanto método e filosofia. Em Hegel, temos a fenomenologia do espírito representada como introdução ao sistema total da ciência: apresenta o dever do saber ou da ciência em geral. Onde, segundo Merleau-Ponty (1973, 25-26) afirma que:

No sentido hegeliano, a fenomenologia consiste, em suma, numa lógica do conteúdo: a organização lógica dos fatos não provém de uma forma que lhes seria superposta, mas é o conteúdo mesmo desses fatos que é suposto ordenar-se espontaneamente de maneira a tornar-se pensável. Uma fenomenologia é a vontade dupla de colidir todas as experiências concretas do homem e não somente suas experiências de vida de civilização, tais como se apresentam na história, e de encontrar, ao mesmo tempo, neste decorrer dos fatos, uma ordem espontânea, um sentido, uma verdade intrínseca, uma orientação tal que o desenvolver-se dos acontecimentos não apareça como simples sucessão.

A fenomenologia tem como ponto essencial a intencionalidade da consciência, entendida como a direção da consciência para compreender o mundo. A consciência está intencionalizada para o mundo, que ela não envolve ou possui, mas para a qual ela está sempre voltada. (MARTINS, 1992).

No início do século XX, com Edmund Husserl (1859-1938), conforme Dartigues (1973), a fenomenologia se consolida como uma linha de pensamento, onde, à partir de Husserl a expressão fenomenologia passou a ter um significado novo, e é dentro deste âmbito que na época contemporânea este vocábulo é empregado. Ainda segundo o referido autor, Husserl define a fenomenologia como ciência dos fenômenos, sendo o fenômeno compreendido como aquilo que é imediatamente dado em si mesmo à consciência do homem.

Diversos filósofos se inspiraram nas intuições de Husserl e em seu projeto, e teceram, com suas reflexões próprias, novos caminhos e compreensões para a fenomenologia, dentre eles Martin Heidegger, Merleau-Ponty, Jea-Paul Sartre, Emmanuel Lévinas, Paul Ricoeur, entre outros. Em nosso caso iremos nos atentar ao método fenomenológico merleau-pontyano.

b) A fenomenologia segundo Merleau-Ponty

Maurice Merleau-Ponty, escritor e filósofo líder junto com Jean Paul-Sartre, do pensamento fenomenólogo na França, nasceu em 14 de março de 1908, em Rochefort, e faleceu em 14 de maio de 1961, em Paris. Estudou na *École Normale Supérieure em Paris*, graduando-se em filosofia em 1931. Em 1945 foi nomeado professor de filosofia na Universidade de Lyon e em 1949 foi convidado para lecionar na *Sorbone*, em Paris. Em 1952 ganhou a cadeira de filosofia no *Collège de France*. Entre suas obras, encontram-se *A Estrutura do Comportamento* (1942), Fenomenologia da Percepção (1945), Signos (1960), Elogio da Filosofia (1953), As Aventuras da Dialética (1955) e outras mais.

Segundo Chauí (2002), a filosofia de Maurice Merleau-Ponty não é de fácil compreensão, por conseguinte, podemos dizer, não é impossível tal compreensão. Em outros termos, a filosofia de Merleau-Ponty é desafiadora.

A partir de sua primeira obra, Merleau-Ponty traçou seu projeto filosófico e que se instituiu como uma filosofia interrogativa.

A filosofia de Merleau-Ponty interroga a experiência da própria filosofia e a cegueira da consciência porque se volta para o mistério que faz o silêncio sustentar a palavra, o invisível sustentar a visão e o excesso das significações sustentar o conceito". (CHAUÍ, 2002, p. 12).

Pois buscava questões novas que a metafísica não buscava no seio de suas discussões. Portanto, essa maneira de ser, levou-o a interrogar por várias vias possíveis do conhecimento a realidade. Utilizou-se da literatura, da pintura, da linguagem e fez de tais estudos uma filosofia perceptiva e experienciada do mundo vivido, no qual, este onde estamos inseridos intensamente.

Assim como Sartre, ao escrever *O Imaginário (1940)*, em seguida escrevera *O Ser e o Nada (1943)*, dando sequência à uma linha lógica de raciocínio, Merleau-Ponty logo que escreveu *A Estrutura do Comportamento (1942)*, sua segunda obra se inscreve sobre o título de *Fenomenologia da Percepção (1945)*, para assim dar continuidade àquilo que o mesmo já tinha iniciado na obra anterior, no caso, a noção de corpo como estrutura.

É com a Fenomenologia da Percepção em 1945 que vai efetivamente aprofundar-se tal noção, de modo que, em A Estrutura do Comportamento "a noção de 'estrutura' anunciava então uma boa nova". (MOUTINHO, 2006, p. 23). "Merleau-Ponty usa o termo estrutura como sinônimo de forma." (CARMO, 2004, p. 77). "A conclusão que Merleau-Ponty pretende extrair daqui é que o comportamento tem

uma estrutura, que ele é uma forma." (MOUTINHO, 2006, p. 47). "O comportamento não é uma coisa, mas também não é uma ideia... ele é uma forma." (Idem, p. 48). Portanto, "por não ser coisa nem ideia, [...] a estrutura é sentido encarnado. [...] a estrutura inaugura uma nova maneira de ver o ser." (CHAUÍ, 2002, p. 229).

Dando continuidade ao pensamento de Husserl, Merleau-Ponty propõe a fenomenologia como uma ciência rigorosa da busca das essências, mas também como uma filosofia que vê o homem num mundo que já existe antes da reflexão.

A fenomenologia merleau-pontyana é existencialista, no sentido de que se preocupa com a existência do homem num mundo pré-dado. Trata-se de uma filosofia que não está interessada no abstrato, mas sim num "homem histórico", na medida em que este se engaja e existe no mundo. (MARTINS, 1992). Segundo Husserl, Merleau-Ponty propõe o retorno às mesmas coisas, na busca das essências dos objetos, das qualidades, essas coisas vistas como parte de um mundo vivido, experienciado, que constitui um mundo irrefletido, sobre o qual se constroem as ciências. (Merleau-Ponty, 2011).

"A verdade não habita o homem interior", ou seja, "não há homem interior", há o homem no mundo e é o mundo que ele se conhece. Isso supera a noção, uma consciência fechada sobre si própria. Não se trata de negar o mundo interior, como fazem os empiristas, e não nega a existência do mundo exterior, como o fazem os idealistas. A experiência vivida, pré-reflexiva do ser no mundo (être-aumonde), no sentido de ser lançado ao mundo, com a sua intencionalidade, num mundo que já está aí, pronto, mas não totalmente pronto – estas são as concepções fundantes da fenomenologia merleau-pontyana, voltada para a compreensão do homem como ser em situação, nunca totalmente livre, mas num mundo também nunca totalmente acabado: nascer é, ao mesmo tempo, nascer do mundo e nascer no mundo. O mundo já está constituído, embora também nunca completamente. Sob a primeira relação, somos solicitados; sob a segunda, somos abertos a uma infinidade de possibilidades. Porém, "essa análise ainda é abstrata, porque existimos sob as duas relações ao mesmo tempo. Não há jamais, pois, determinismo e tampouco escolha absoluta, nunca sou coisa e nunca consciência pura." (Merleau-Ponty, 2011, p. 5).

Para compreender o fenômeno do ser, faz-se necessário entender o não-ser, uma vez que a consciência revela o fenômeno do ser e ela é extraída do nada. No entanto, Merleau-Ponty propõe uma fenomenologia da percepção para buscar uma verdade, que nunca é dada, inacabada, que é aberta, é falha e sujeita a brancos e vazios. E, os estudos do autor têm como referências as pinturas de Cezzane, pois este pintor possuía um estilo próprio, o que o diferenciava de outros pintores da sua época.

c) O método fenomenológico em pesquisa

Ao lermos sobre o método fenomenológico em pesquisas, muito nos chamou a atenção de trabalhos que utilizam esse método nas áreas de saúde. O leque de possibilidades de emprego do método vai desde trabalhos com mães de filhos autistas (Monteiro *et al.*, 2008), usuários de crack (Guedes da Silva Júnior e Monteiro, 2012), prostitutas (Moreira e Monteiro, 2009), em trabalhos de Psicologia, Enfermagem, Medicina, entre outras áreas de saúde e claro, a empregabilidade em trabalhos da Geografia.

De acordo com Relph (1979), o método fenomenológico nos permite identificar e interpretar as estruturas da experiência vivida, possibilitando compreender suas origens, desenvolvimento e transformação, "sem comprometer sua riqueza e complexidade de significados." Ainda segundo o autor, "a Fenomenologia é um método de abordagem no espaço tal como é vivido."

O método fenomenológico nos permite ainda um retorno às coisas nelas mesmas, conhecer o fenômeno tal como se mostra à consciência e através do discurso permite desvelar o cotidiano do mundo do ser, tornando realidade aquilo que faz sentido para o sujeito. (Merleau-Ponty, 1971).

Para adentrarmos nesse universo fenomenológico, o uso de entrevistas é de suma importância, claro, antes da entrevista em si, tem-se o contato com o grupo a ser estudado, o ganho da confiança e a entrevista em si.

Em uma entrevista fundamentada no método fenomenológico não se busca uma linguagem que seja a soma de pensamentos e ideias. Busca-se, segundo Carvalho (1991) "uma linguagem que seja 'fala originária', 'fala' esta que possibilite a mediação com o outro e a comunicação com o mundo."

Em Triviños (1992) temos a referência que a fenomenologia dá ênfase ao "significado" que as pessoas dão às coisas e à vida. Os significados são obtidos através das descrições dos depoimentos e, para tanto, utiliza-se a entrevista na modalidade fenomenológica como instrumento de obtenção dos mesmos.

A entrevista nesta abordagem é considerada por Martins e Bicudo (1989) como um "encontro social", com características peculiares como a empatia e a intersubjetividade, onde ocorre a penetração mútua de percepção. É colocar-se no lugar do outro.

Trabalhar com as experiências vividas dos moradores da Reserva Extrativista do Rio Pacaás Novos permitiu-nos adentrarmos aos seus mundos vividos, as entrevistas não seguiram roteiros, pedimos apenas que os moradores nos contassem suas experiências e percepções de vida, iniciando pelas suas memórias, alguns voltando à infância, outros aos momentos mais difíceis passados nos locais onde vivem, tendo sido essa a situação escolhida no momento da entrevista para que os relatos viessem à tona. Encorajamos os colaboradores a refletirem sobre suas experiências e detalhá-las o máximo possível. Algumas perguntas surgiram durante as entrevistas demonstrando interesse e curiosidade pelo conteúdo narrado.

2.5 Pesquisa de campo

Entre julho de 2008 e março de 2009 tivemos a oportunidade de trabalharmos no escritório regional da SEDAM no município de Guajará-Mirim, o que nos proporcionou quatro viagens à Reserva, mas nossos contatos realizaram-se também na cidade. Através de questionamentos, para não dizer curiosidade, soubemos que antes de Reserva Extrativista, nos rios Pacaás Novos e rio Novo

chegaram a existir mais de 80 seringais em funcionamento simultaneamente, daí inconscientemente surgiu o interesse pela história da Reserva e de seus moradores.

Durante o período do mestrado, fomos a campo duas vezes, em 2011 e 2012, acompanhando o trabalho da Gerente da Resex Rosinete Lins e o trabalho do presidente da Associação Primavera. Como fomos de carona, contribuímos com o trabalho fazendo as atas das reuniões que ocorreram nas comunidades Margarida, Santa Isabel, Nova Brasília e Noventa.

Até tentamos fazer um diário de campo anotando tudo o que podíamos, mas, muitos moradores têm o hábito de fumar cigarro de palha e sempre nos pedíamos folhas do caderno. Por uma questão de educação dávamos, mas quando eram poucas folhas eles pediam mais, resultado: o diário de campo ficou com pouquíssimas páginas. Porém, com informações relevantes.

O meio de transporte utilizado em todas as viagens eram em voadeiras, com motor de popa Hp 15 e 25 e também de rabeta, pois imprevistos acontecem e ao todo tivemos a oportunidade de permanecermos e vivenciarmos mais de 30 dias dentro da Reserva.

Possuidores de uma receptividade calorosa e amistosa, em todas as localidades visitadas (Encrenca, Boa Vista, Margarida, Noventa, Santa Isabel, Nova Brasília, Igarapé São João e Noventa) fomos extremamente bem recebidos, ao ponto de vermos darem o melhor, o melhor talher, o melhor copo para tomar café... as observações de sua cotidianidade, seus afazeres e suas obrigações nos levou a refletir sobre a acessibilidade ou dependência de bens materiais que a cidade nos proporciona. O fato de saberem das notícias através do rádio, sintonizados na Rádio Nacional de Brasília e a falta de alguns bens considerados por nós como de primeira necessidade nos mostram como o Capital, muitas vezes, está distante daquela realidade.

Além da pesquisa de campo, sempre que sabíamos que um morador havia descido o rio, procurávamos entrar em contato para conversarmos, conversas que não se transformaram em entrevistas, mas que nos ajudaram a compreender o universo ribeirinho e dos tempos de seringais. Na verdade, foram fontes de pesquisa, houve um caso em que o senhor até riu quando o questionei sobre a poronga, para mim algo novo, para ele um apetrecho inseparável há tempos atrás.

Fizeram-se necessárias pesquisas em órgãos públicos e com pessoas que trabalham ou trabalharam em contato com os moradores ou diretamente dentro da Reserva. Visitas a órgãos ambientais como SEDAM, EMATER, INCRA, assim como Associação dos Seringueiros, Prelazia, Biblioteca Municipal e Cartórios. Sobre a Biblioteca Municipal, o teto da mesma desabou e parte do acervo foi perdido, principalmente os jornais que corriam na cidade.

3 ESTRUTURA DOS SERINGAIS NA AMAZÔNIA E AS DIMENSÕES CULTURAIS

3.1 As dimensões culturais do seringueiro e do ribeirinho

Ao nos propormos a trabalhar com seringueiros, populações tradicionais ou populações ribeirinhas, moradores das margens dos rios Pacaás Novos e rio Novo, procuramos entender o seu modo de vida e sua cultura. Por morarem às margens de rios e igarapés são classificados como ribeirinhos. Contudo, ser ribeirinho não significa simplesmente morar na beira do rio, percebemos que a compreensão é mais complexa do que a localização de sua morada, não se trata somente de alguém que mora às margens de um rio ou igarapé,

[...] mas àquele que essencialmente mantém uma organização social diferenciada da urbana, com sua sobrevivência econômica baseada principalmente na pesca, pequena produção agrícola (caracteristicamente mandioca para produção de farinha, frutos como a melancia, plantada nas várzeas dos rios e plantações perenes como o cupuaçu, a pupunha e o açaí) e que pratica a coleta de produtos da mata como a castanha do brasil, o açaí, a abacaba e o patoá nativos." (SILVA e SOUZA FILHO, 2002, p. 27).

Possuem um legado cultural remanescente do contato com os índios, como a utilização de ervas, por exemplo. Caracterizam-se por possuírem uma relação diferenciada com a natureza, integram em seu modo de vida elementos essenciais, como as águas e matas. Para Silva e Souza Filho (2002, p. 27) ribeirinho é uma:

População constituinte que possui um modo de vida peculiar que as distingue das demais populações do meio rural ou urbano, que possui sua cosmovisão marcada pela presença do rio. Para estas populações, o rio não é apenas um elemento do cenário ou paisagem, mas algo constitutivo do modo de ser e viver do homem.

Com seu dia a dia diferenciado, o ribeirinho tem um tempo que não é marcado pelo relógio, preferencialmente pesca bem cedo e no fim da tarde, deita-se

na rede e espera até o fim da tarde para fazer algo. Considera-se que o horário em que está deitado, corresponde ao horário mais quente do sol. No fim da tarde, com o sol baixo e mais fresco, realiza outras atividades.

Sua organização social e as relações espaciais são caracterizadas pelos meios de sobrevivência deste grupo, seja econômica ou cultural, o que caracteriza o modo de vida do grupo. Entendemos que tanto os ribeirinhos como os seringueiros que vivem à beira do rio Pacaás e rio Novo não vivem mais isolados no tempo e no espaço, pelo contrário, estabelecem relações de trocas materiais e simbólicas entre si, com os vizinhos e com os visitantes, logo, estão em constante processo acumulativo de ressignificações de suas representações que caracterizam o seu modo de vida.

Dessa forma, sua cultura interage com a vida urbana de Guajará-Mirim e o seu modo de vida sofre as influências advindas, principalmente das escolas, igrejas, televisão e mais recentemente, da internet. Contudo, podemos perceber que em modo de vida está ocorrendo mudanças rápidas e por fatores externos. Com as influências sofridas nas representações em sua cultura tradicional percebemos que está havendo uma inserção do modo de vida urbano nessas localidades. Esse é um processo que está acontecendo no espaço caracterizado pela subsistência.

Uma definição de cultura que nos leva a pensar nos povos ribeirinhos, é a do geógrafo Paul Claval (2002, p. 141), onde,

A cultura é o conjunto de representações sobre as quais repousa a transmissão, de uma geração a outra ou entre parceiros da mesma idade, das sensibilidades, ideias e normas. Ela inclui a imagem do meio ambiente próximo e os conhecimentos, práticas e ferramentas que permitem tirar partido dele.

Para a compreensão de nosso trabalho, utilizaremos como aporte Claval, onde "as culturas não existem como realidades estáveis". Ao longo de nossas vidas, "cada um recebe uma herança diferente de técnicas, atitudes, conhecimentos, porque não vivem nos mesmos lugares e no mesmo tempo que os outros". As culturas se modificam com a introdução de novas tecnologias de comunicação, "com a fusão dos saberes escolares, com a facilidade menor ou maior das viagens." (CLAVAL, 2009, p. 54).

Segundo Claval (2001, p. 12), a cultura que interessa aos geógrafos é, pois, "primeiramente constituída pelo conjunto dos artefatos, do know-how e dos conhecimentos através dos quais os homens mediatizam suas relações com o meio natural".

Dentro de uma cultura distinguir o que é certo ou errado, bonito ou feio depende das relações culturais e espaciais introduzidas e ensinadas, conforme contextualiza Laraia (2004, p. 45) sobre o homem, como resultado do meio cultural em que foi socializado, "herdeiro de um longo processo acumulativo que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam." Para esse autor, o homem inserido em uma sociedade adquire e vivencia a cultura desta sociedade. Não negamos que em caso de contato com outras sociedades pode haver trocas culturais⁶². Ao longo dos anos, até mesmo de gerações, há um processo acumulativo da cultura na formação do mesmo, ou seja, a cultura repassada e revivida de geração a geração reflete o conhecimento e a experiência do grupo onde o sujeito faz parte. De fundamental importância é a presença do ensinamento da família para a cultura, organização do espaço e vivenciado de um grupo. E ainda, de acordo com Claval (2001, p. 14),

A cultura é constituída de realidades e signos que foram inventados para descrevê-la, dominá-la e verbalizá-la. Carrega-se, assim, de uma dimensão simbólica. Ao serem repetidos em público, certos gestos assumem novas significações. Transformam-se em rituais e criam, para aqueles que os praticam ou que os assistem, um sentimento de comunidade compartilhada. Na medida em que a lembrança das ações coletivas funde-se aos caprichos da topografia, às arquiteturas admiráveis ou aos monumentos criados para sustentar a memória de todos, o espaço torna-se território.

Constituída de realidades, analisa-se a cultura como algo que não pode existir sem o homem, pois é este o único ser capaz de tê-la e transformá-la. Por outro lado, a cultura é condicionante da existência do ser humano, sendo que é por meio dela que ele aprende a orientar-se ou mesmo enquadrar-se em certos padrões de comportamento próprios do ser humano. Enfim, o que é passado de geração a geração, podendo constituir regiões, ou áreas culturais.

99

⁶² Como é o caso do uso de ervas medicinais, a pesca com a zagaia e a confecção de cestos que os moradores da Reserva aprenderam com os índios que também moram ao longo do rio, na margem esquerda.

A região do rio Pacaás Novos e rio Novo constitui-se em uma relevante marca cultural e expressa uma efetiva apropriação de um determinado espaço. Nas últimas décadas a Reserva tem passado por transformações em sua estrutura sócio-econômico-cultural, mas, ainda de maneira preliminar foi possível identificar a resistência em abandonar determinadas práticas culturais. O processo de resistência em abandonar determinadas práticas se dá por meio da valorização de tradições culturais, caracterizando-se pelas histórias e "causos" contados pelos mais velhos. Como a Reserva não é uma ilha de isolamento na região, recebe influências do mundo exterior, o tradicional funde-se com o moderno, sendo que este já deu sinais de sua chegada, como por exemplo, algumas residências com gerador de energia à diesel para funcionar à noite durante o período da novela e ao mesmo tempo o freezer gelando água para ser consumida durante o dia.

Claval (2001) ressalta que a carga dada à memória verbal diminuiu com a escrita, e a cultura é vista como a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte da herança transmitida de uma geração a outra e se transforma, também sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem em seu interior.

Pereira e Braga (2005) relatam que a identificação dos habitantes do meio rural às manifestações culturais traduzem-se nas formas de comportamento, valores e símbolos que são a expressão da formação sócio-espacial de pequenos grupos, como é o caso da Resex.

Processos econômicos mundiais e nacionais acabam influenciando as regiões, algumas mais e outras menos. Com isso, Santos (2002, p. 34) coloca que "um lugar pode, a um dado momento, ou por uma mais ou menos longa extensão de tempo, ficar a salvo da influência, em quantidade e qualidade diversas, de variáveis correspondentes a uma nova fase histórica", e isso se torna uma realidade dentro do espaço rondoniense, onde há vários subespaços que mantêm suas especificidades, sendo a Reserva um desses.

Johnson *et al* (2000) dizem que os processos culturais estão intimamente vinculados com as relações sociais, especialmente com as relações e as formações de classe, com as divisões sexuais, com a estruturação racial das relações sociais e com as opressões da idade. A cultura envolve poder, contribuindo para produzir

assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais para definir e satisfazer suas necessidades. Cultura não é um campo autônomo nem extremamente determinado, mas um local de diferenças e de lutas sociais. Ratts (2003, p. 31) pertinentemente relata que:

Nessa terra de índios, negros e brancos as relações sociais constituem relações interétnicas e se processam de maneira diferenciada e desigual. A cultura, que por vezes adjetivamos de popular, também o é negra e indígena. O grupo étnico branco, quase nunca assim denominado, tem "sua" cultura referida através de regionalismos e nacionalismos. A espacialização desses segmentos é da mesma forma diversa e desigual.

As relações culturais como fator de integração realizadas hoje no rio Pacaás Novos e rio Novo, têm gerado novas relações, com algumas divisões em "grupos sociais", essa soma de saberes, conhecimentos, técnicas entre outros, transmitido de geração a outra, acaba-se transformando.

Essa cultura e esses símbolos presentes na Reserva são resultantes de um acúmulo cultural, legado ao longo de gerações, na sua grande maioria oralmente, onde, de acordo com Martins (2010, p. 103),

O homem age sobre a natureza, na atividade social de atender suas necessidades. Constroem relações sociais e concepções, ideias, interpretações, que dão sentido àquilo de que carece. Reproduz, mas também produz, isto é, modifica, revoluciona, a sociedade, base de sua atuação sobre a natureza, inclusive sua própria natureza. Ele se modifica, edifica sua humanidade, agindo sobre as condições naturais e sociais da sua existência e, nesse movimento, sobre as condições propriamente econômicas.

Como podemos ver, Martins parte das relações sociais existentes, e podemos verificar este fato até mesmo dentro da Reserva, pois estas relações muitas vezes são de cunho econômico. Claro, há o social, mas o econômico prevalece.

3.2 Apresentando o conceito de lugar

A Ciência Geográfica, ao longo dos estudos a respeito do seu objeto e paralelamente às formulações teóricas daí decorrentes, tem-se manifestado a partir

de um conjunto de conceitos que foram amadurecendo ao longo do tempo. Assim, destaca-se aqui o esforço em disciplinar o uso de lugar.

Na opinião de Relph (1979, p. 16), não há limites precisamente traçados entre espaço, lugar e paisagem como fenômenos experienciados, nem estes se inter-relacionam constantemente – lugares têm paisagens, paisagens e espaços têm lugares, numa relação que pode também não acontecer. Tudo depende do referencial humano, de como lança seu olhar e de como vivencia sua inserção e sua ação sobre e a partir da realidade que lhe é subjacente. É a partir de sua cognição, do olhar que lança sobre o mundo, que o homem configura e atribui em seu cotidiano a condição valorada do que seja, para um indivíduo ou comunidade, espaço, lugar e paisagem, em função desse construto mental que elaborou a respeito de onde se encontra, momentânea ou permanente.

A partir de uma visão fenomenológica pode-se afirmar que o lugar é um dos conceitos mais fundamentais da Ciência Geográfica, ou seja, aquele que focaliza o espaço e a paisagem em torno das intenções e experiências humanas. É aquele percebido como sendo o mais próximo do indivíduo, forjando nestes laços afetivos fortes, uma vez que a pessoa sente-se ligada, por exemplo, à sua terra natal. O lugar evoca lembranças, fixa comportamentos de integração, suscita sentimentos de apego ou saudade, cria sensações de identidade entre o sujeito e meio e, a partir deste momento, ganha como que uma personalidade telúrica, tornando como que palpável as emoções que o dado psíquico transformou em coisa visível, palpável e querida. O lugar é a materialização da abstrata circunstância do espaço, que conota amplidão, limites longínquos, situações inesperadas. Delimitado, conhecido, vivenciado, o lugar representa o ingresso a um relicário de emoções. Desta forma é que, para Tuan (1983, p. 03), o lugar é segurança, e "os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação".

Para Yi Fu Tuan, o lugar é uma área que foi apropriada afetivamente, transformando um espaço indiferente em lugar, o que por sua vez implica na relação com o tempo de significação deste espaço em lugar. "O lugar é um mundo de significado organizado" (1983, p. 198). Ele está no seu lugar, ele o conhece e se reconhece como parte daquilo que mentalmente construiu para si.

No horizonte humanístico da Geografia, lugar é o lar, podendo ser a casa, o rio, a rua, o bairro, a cidade, a nação, desde que revestidos de referência e identidade, aconchego e segurança.

Esta fundamentação teórico-conceitual constitui-se numa síntese de proposições, possibilitando um entendimento sobre a temática proposta, pois, como objeto de análise, a Resex Pacaás Novos pode ser tida como um laboratório de geograficidade, permitindo verificar-se como a comunidade vive, apreendendo as suas diferenças e comparando-as à visão científica.

Para a realização da pesquisa, foram adotados procedimentos específicos, tais como entrevista não direcionada, na qual a pessoa é convidada a falar sobre a sua experiência devida, iniciando como achar melhor. Embora as pessoas escolhidas estejam relacionadas a temática da pesquisa, não foram feitas perguntas diretas, sendo que estas surgiram no decorrer das entrevistas, com a intenção de esclarecer algo que não foi entendido ou para estimular uma descrição mais minuciosa do que estava sendo comentado, geralmente quando relacionada ao modo de vida nos espaços de seringais. O interesse se deu por toda a experiência de vida narrada.

Após a realização das entrevistas, foi feita transcrição literal de tudo o que foi dito e, após, a textualização, em que se iniciaram os trabalhos de criação textual, sendo suprimidas as repetições sem significação e as eventuais perguntas sem repercussão. Nesse processo, as perguntas que estimularam a narração foram incorporadas a narrativa.

Em seguida, realizou-se a transcrição, em que todo o processo dos trabalhos consiste na transformação da oralidade para a escrita na intenção de alcançar um texto comunicável, sendo também uma busca pelo outro.

Ao todo foram realizadas 11 entrevistas com diferentes moradores e exmoradores da Resex. Dessas, após releituras selecionamos três, seu Pitito, dona China e seu Chico Leonel. Essa seleção teve como cunho os detalhes trançados em suas narrativas, detalhes que nos ajudaram a desvendar ou pelo menos entender como se deu as tramas da vida dentro da Resex.

4 DIÁLOGO COM OS COLABORADORES E IMAGENS DO UNIVERSO DOS MORADORES DA RESEX DO RIO PACAÁS NOVOS

4.1 Diálogos

Colaborador 01 – Francisco Joaquim Filho



Francisco Joaquim Filho, 67 anos, conhecido como Pitito, nasceu no rio Pacaás Novos.

Durante um tempo foi gerente de um seringal após a morte de seu pai. Por ter problemas na perna andava sempre com jagunços, "seringueiro que não queria trabalhar, que era preguiçoso, que produzia pouco tinha que levar um corretivo".

A entrevista aconteceu em sua residência, no bairro Triângulo em Guajará-Mirim, no dia 17 de abril de 2011, como já nos conhecíamos a um tempo, a entrevista foi agendada com antecedência, mas por causa de um derrame sofrido, seu Pitito não se lembrava do agendamento, mas mesmo assim conversamos.

Em muitos momentos seu Pitito se perdia em seus pensamentos e fala. Por ter sido patrão em um seringal há muitas histórias a respeito de sua austeridade, mas sempre que tocávamos no assunto, a mesma era justificada que a culpa era do "seringueiro preguiçoso".

"Aí se tinha algum bravo, a gente mandava os camaradas darem uma sova nele, dava uma surra nele e ele ficava até pagar todo o prejuízo que ele deu. Aí no fim do ano quando a gente batia a conta, colocava bem legível: mau seringueiro, mau produtor, malandro, vagabundo..."

Eu nasci no rio Pacaás Novos, naquela época ainda não era Reserva, era seringal dos proprietários, dos donos.

Meu pai veio do Rio Grande do Norte, daí minha mãe era boliviana, eles se conheceram, casaram e foram viver lá, inclusive quem casou meu pai e minha mãe foi esse padre Armando, casou lá, nos batizou lá e aí nós vivemos lá e crescemos.

Quando eu estava com a idade de 12 anos, 10 anos, eu vim para Guajará para estudar, me matricularam aqui no Simon Bolívar⁴², estudei só três anos, desisti de estudar.

Meu pai como castigo, me levou lá para a Reserva para trabalhar em roça e me deixou lá sozinho num lugar lá na roça, sozinho... meu tio morava assim uns 500 m de distância, mas a ordem que meu pai deu era para ele não me aceitar na casa dele, aí eu fiquei lá. Limpava roça, trabalhava, ia pescar e pegava peixe, cozinhava, comia com arroz e feijão e fiquei lá. Isso era o objetivo pra eu desistir de trabalhar e vir estudar, mas eu não desisti não, continuei trabalhando.

Quando estava com 15 anos, nós tínhamos um cavalo que carregava mandioca, montei no cavalo, não tinha o que fazer e ensinei o cavalo a pular, colocava duas forquilhas assim e botava uma vara para o cavalo ir correndo e pular, eu corria no cavalo, todo dia eu fazia isso, até que um dia botei bem alto e o cavalo pulou, mas errou o pulo e tropeçou na vara, ele tombou assim e eu escutei assim, eu escorreguei para trás, cai assim sentado, nessa queda eu fraturei a bacia, quebrei a bacia.

Comecei a mancar... mancar...fiquei ruim, me trouxeram, meu tio me trouxe, fui consultar aqui e os médicos eram bem pouquinhos e o atendimento era péssimo, me levaram para a Bolívia e o doutor me examinou e disse:

"Não, você aqui não tem jeito não, tem que mandar pra fora".

Aí eu vim embora e passei dois anos e comecei a andar, mas perdi o contato da perna e comecei a andar de muleta, aí andava de muleta. Até que chegou aqui um Capitão do Exército, o doutor... esqueci o nome dele, doutor Duarte, eu fui consultar com ele e ele disse:

_ "Não, aqui você não tem jeito não".

Mandou tirar radiografia e disse:

_ "Você tem que ir pro Rio de Janeiro, porque aqui você vai morrer, pode dar um câncer na sua perna, tá bem inflamado".

Aí eu digo:

"E agora, condições para eu ir?"

Meu pai também era patrão, mas não tinha esse dinheiro todo. Um dia, doutor Duarte mandou o emissário do Quartel vir aqui me avisar e chegou e disse:

"O senhor pode se arrumar porque amanhã viaja".

Eu arrumei duas mudas de roupa e o Capitão me levou, mandou um carro do Quartel vir aqui, me levaram, me botaram num avião da FAB⁴³ junto com ele e fomos embora, fomos bater no Rio de Janeiro.

Aí chegou lá e ele fez meu cadastramento lá no hospital, Hospital Escola Anchieta, lá no Caju, perto do Hospital São Sebastião e fiquei lá. Fizeram os exames, depois que fizeram todos os exames, resolveram me operar. Fizeram a primeira cirurgia, não teve êxito, o osso não consolidou. Precisavam de um enxerto, só que não tinha outra pessoa que pudesse me dar, me desse enxerto. Aí os doutores fizeram exames, fizeram e fizeram, analisaram, e disseram:

_ "O senhor pode dar o enxerto mesmo, a gente vai tirar do senhor".

Eu aceitei, né, e me operaram de novo e isso eu já estava com um ano e três meses lá, me operaram de novo e eu passei um ano engessado, com as duas pernas engessadas. Aí com um ano tiraram o gesso, bateram a radiografia, examinaram e tinha consolidado o enxerto que eles botaram que foi esse osso daqui, essa ponta daqui⁴⁴ eles tiraram, daqui todinho para colocar desse outro lado aqui, é aberto daqui até aqui, eles tiraram essa ponta daqui para colocar aqui desse lado, tanto que eu só tenho junta desse lado, aqui desse outro eu não tenho não, só no joelho.

Eu estava com 15 anos. Quando eu fiquei bom, os médicos me deram alta, eu fui no Comando Geral do Exército no Rio de Janeiro que ficava bem pertinho do Caju, falei com o Comandante, contei a situação, que eu não tinha condições de voltar, que eu não tinha contato com o meu pai e nem com ninguém daqui, que era difícil, só carta e era difícil a gente fazer as cartas, aí o Comandante disse:

_ "Aguarde lá no hospital que quando for eu vou mandar lhe buscar".

Tá bom, com 8 dias veio uma equipe do Exército e me levaram pro Galeão, lá no Galeão já estava a passagem confirmada me colocaram no avião e me mandaram de volta. Chegou em Três

_

⁴² Escola Estadual de Guajará-Mirim

⁴³ Força Aérea Brasileira

⁴⁴ Ele fez questão de nos mostrar as cicatrizes de onde o osso foi retirado e foi enxertado

Lagoas⁴⁵, pernoitamos lá, mandaram me levar para a enfermaria do Comando, no outro dia me colocaram no carro e me levaram pro aeroporto.

Quando eu cheguei aqui meu pai ainda estava vivo, mas aí começou a piorar, a piorar e o resultado é que adoeceu. Nós o trouxemos⁴⁶, ele consultou, mas não tinha jeito, era coração, cresceu, inchou. Aí morreu, nós enterramos ele e eu figuei lá.

Já estava lá no seringal, porque lá no Rio de Janeiro eu tinha feito um curso de enfermagem, fui procurar emprego, daí chegou aqui o diretor do hospital disse:

_ "Não, o senhor não pode carregar um paciente, porque o senhor não pode, o senhor tem dificuldade, o senhor não pode, o senhor é deficiente físico, não pode".

Como não tinha trabalho aqui, eu digo:

_ "Eu vou cortar seringa".

E fui-me embora. Cheguei lá, comecei a cortar seringa, limpei as estradas e comecei a cortar, trabalhar. Com dois anos que eu estava trabalhando, foi o tempo em que a FUNAI⁴⁷ demarcou as terras dela e eu tive que sair daquela área e passar para outra. Continuei trabalhando, eu comecei a cortar ainda quando eu estava com uns 12 pra 13 anos eu já cortava seringa sim. E eu voltei a trabalhar na vida profissional já aos 19 anos.

Eu cortei até os 30 anos, foi o tempo em que nós entregamos a área lá pra FUNAI e ficamos com a margem do Pacaás Novos, o seringal Encrenca e Triunfo e Pau, nós ficamos com essa área. Depois tinha outra área de uma senhora que tinha ido embora lá pro Rio de Janeiro, São Paulo e eu entrei na questão e ganhamos a área, a colocação que é a Prosperidade, que é onde é minha casa hoje.

Naquela época tinha pra mais de oitenta seringais lá pro Pacaás, uma base dos oitenta seringais. Tinha o Manoel Lucindo, tinha Hermínio Ferreira, Félix Duarte que era meu vizinho, a Chica Moraes que era também minha vizinha e tinha muitos, Antônio Feliciano, Hermínio Ferreira que era o maior matador de índios. Esse foi o pessoal que vieram de outros estados, Rio Grande do Norte como era meu pai, ele veio na abertura dessa linha telegráfica de Mato Grosso a Rondônia, ele trabalhou ali.

Meu pai veio pra cá para a região ainda novo, ele estava com 17 anos. O maior seringal que tinha era o São Luiz que era do Manoel Lucindo e no rio São João que era do Pascoal, depois foi vendido pro Miranda Cunha, que era acreano. Mas todos eles trabalhavam com 100, 80, 90 seringueiros, 90 famílias. O São Luiz que era um seringal grande e tinha o outro rio que é o Água Branca que hoje é dos índios que tinha também seringal no Água Branca e tudo era do Manoel Lucindo, pai do Adão Fandinho, professor.

Já no rio Novo era de outros patrõezinhos e venderam pro Omarzinho que é pai do Sérgio Boez e daquele outro que é professor da Unir⁴⁸, o Lauro, ele é dessa família. Aí hoje nesse seringal do rio Novo é Reserva, dum lado é Reserva Federal e do outro Estadual.

Nós começamos a trabalhar, trabalhamos, trabalhamos, foi o tempo em que meu pai morreu, meu irmão que assumia a responsabilidade começou a fracassar, dar calote, porque ele pegava o dinheiro e gastava com cerveja, bebida, daí desistiu e foi trabalhar de gerente com o Miranda Cunha, no seringal São João, ele foi pra lá e nos deixou aí jogado.

Naquela época a extração dava muito dinheiro, o patrão pagava em dinheiro vivo, era o seguinte: eu era patrão, digamos naquela época, aí o seringueiro, se eu quisesse cortar seringa eu perguntava:

_ Quanto o senhor precisa?"

E o senhor dizia:

"Quero R\$ 1.500,00".

Naquela época era Cruzeiro, aí eu dizia:

_ "Eu lhe dou os 1.500,00".

Aí fazia o recibo, mandava bater o recibo, o senhor assinava, se não soubesse assinar colocava a digital, eu ia lá no cartório, reconhecia e lhe dava os 1.500,00 reais, o senhor ia beber, gastava, no dia da subida eu dizia:

_ "Amanhã as 08:00 tem que estar todo mundo aí no porto".

Nosso porto era ali. Aí o senhor chegava, se não chegasse eu já iria lá na delegacia, convocava a polícia e um carro já ia rodar, rodar, até lhe encontrar, na hora que lhe encontrava,

⁴⁸ Universidade Federal de Rondônia

-

⁴⁵ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul

⁴⁶ Nessa época o pai de seu Pitito morava no seringal no Pacaás Novos

⁴⁷ Fundação Nacional do Índio

colocava no camburão e já trazia e já pegava outro. Naquela época era até difícil carro, só quem tinha era a polícia mesmo, um carro, uma viatura.

A gente ia ao porto, lá tinha aqueles carrinhos de mão, assim de empurrar, contratava um carregador e ele ia lá no alojamento, colocava a bagagem do seringueiro todinha dentro, trazia e a polícia ali junto, quando estava todo mundo junto embarcavam, puxava a correia e ia embora. Viajava um dia, dois dias, daqui lá em casa é um dia, saindo daqui 6 da manhã, quando é 6 da tarde a gente chega lá.

Nós chegávamos lá e já tínhamos a mercadoria porque eu comprava aqui o grosso, chegava lá, o seringueiro vinha e íamos ver a nota: dez quilos de feijão, arroz, óleo, açúcar, café, chá, tudo que o senhor precisasse, aí eu atendia, já tínhamos lá os saquinhos e dizíamos:

_ "Esta aqui, o vasilhame é do patrão, é meu, o senhor tenha cuidado, se o senhor perdesse um saquinho desses, o senhor vai pagar".

Aí lhe entregava, o senhor pegava aquelas sacolas e o senhor levava para a sua casa, quando era distante, era em costa de animal, aí o comboieiro vinha e já estava tudo etiquetado com os nomes, entregava para o comboieiro que colocava em cima dos burros e levava para entregar lá na sua casa.

Tinha o mateiro que era empregado do barracão também, o mateiro já havia limpado as estradas e ia com o senhor mostrando o caminho por onde entrava e saia, todinho. E lhe dava 1.000 tigelas que era para embutir e o senhor ia fazer o serviço, entigelava e começava a cortar.

O barração ficava lá mesmo na beira do rio, onde se depositava a mercadoria, a gente levava em grande quantidade, que eu comprava de um comerciante aqui, o Pedro Nicolau Flores. E a gente trabalhava, o seringueiro cortava de segunda a sábado, sábado ele parava para descansar e ia tirar cavaco e domingo ele descansava de novo, aí quando era na segunda-feira ele continuava a cortar.

Cortava e colhia o leite, chegava e aquecia na bacia até ele esquentar porque ele enchia e ficava mais grosso, daí ele ia defumar, quando acabava de defumar e a borracha já estava na base de 60 quilos, 70 quilos, ele colocava a marca do patrão. A minha era FJF, ele colocava aquelas letras embaixo, era para evitar que se alguém roubasse, a gente sabia, descobria. Daí colocava a marca e ele tirava e colocava lá na sombra e ia colocando.

Quando o patrão, todo final de mês mandava o gerente, inclusive era eu mesmo que ia lá, daí eu chegava e contava quantas borrachas ele tinha, calculava o peso, dava uma calculada e somava, chegava e olhava a conta dele e quando era no final do mês o comboieiro ia e levava quantas borrachas ele tinha, o valor mais ou menos que ele tinha e o débito dele todinho pra ele ter uma análise do saldo dele ou de débito.

Daí quando era em dezembro, a gente ia já com bastante gente e ia pesando a borracha todinha, a borracha era pesada em balança de varão, já viu aquelas balanças? Tem um peso assim, tem um gancho, a gente amarrava uma corda na borracha, a enganchava, dois colocavam nos ombros aí levantava, o varão ficava fiel e botávamos o peso até quando o ponteiro estava bem fiel no positivo, daí anotávamos o peso, somava o peso.

Tinha seringueiro que naquela época fazia 1.500 kg, 1.000, 1.200 por ano de maio até dezembro. Pra cortar as seringas eles saiam na base de 1h da manha, levantava 1h, o relógio despertava, levantava, fazia uma garrafa de café e tomava, fritava um peixe, fazia uma farofa de feijão com arroz, comia de madrugada, uma e meia ou duas horas já ascendia a poronga na cabeça, cheia de querosene e ia embora cortando.

Ah eu já usei muito a poronga, aquilo não machuca a cabeça, a gente acostuma, a gente cortava e quando terminávamos o corte que era uma base de 12h, a gente fazia café e tomava, comíamos feijão com arroz e peixe, pegava o balde, um paneiro com o balde encauchado e ia embora, quando enchia aquele balde, que estava bem cheinho, a gente fincava dois paus assim no chão, abria o saco, encaixava ele ali e despejava o leite, tirava com a folha aquela espuma, tirava o ar e amarrava bem com a liga, chamávamos de cernambi, feito da borracha mesmo e deixa naquele ponto e ia colhendo, colhendo porque as estradas eram cheias de zigue-zagues, quando enchíamos o balde, nós vínhamos ali onde estava o paneiro, o saco, despejava de novo e ia embora.

Naquela época a gente tirava 20, 25, até 30 frascos, um frasco corresponde a dois litros, nós chegamos em casa lá pelas 4 horas, 5 horas, media o leite na bacia, aquecia e aí começava a defumar, colocava fogo na fornalha e ia defumar. Era a família toda que trabalhava ali, cada um, digamos, eram 10 famílias, cada uma tinha suas estradas, cada um tinha o seu defumador para defumar o leite, cada um cuidava do seu trabalho.

Quando chegava ao final do mês, o patrão fazia a aviação, o rancho e mandava todinho pra eles, charque, conserva, tudo isso a gente levava pra vender pra eles. E quando era no fim do ano,

-

⁴⁹ Cesto de vime com alças, Ferreira, 2000

época que se pesava a borracha, o Banco da Amazônia aqui já dava o preco que o patrão tinha que pagar, a gente já via os quilos de borracha que o serinqueiro havia feito, tirava uma demonstração de conta e já tirava a conta dele, a maioria deles tinha saldo.

Chegando aqui⁵⁰, a gente levava a demonstração de conta pro gerente do BASA e ele liberava uma parte daquele financiamento que tinha ficado retido, que era para um caso de emergência, digamos que tinha um seringueiro doente que precisasse de dinheiro para comprar medicamento, a gente ia lá no banco e sacava aquele dinheiro mas se não precisasse ficava lá no banco, só que o banco não cobrava juros dos patrões naquela época, daquela cotinha que ficava lá reservada, se usássemos pagávamos aquela porcentagem por mês pro banco.

Digamos que se o senhor precisasse de 500,00 cruzeiros, eu la ao banco e sacava os 500,00 cruzeiros e lhe dava, mas o senhor assinava um recibo, só que no fim do ano eu colocava os juros que o banco cobrava e o senhor é que iria pagar, eu incluía aqueles juros no seu dinheiro que o senhor havia usado e nós trabalhávamos assim e era bom, não era mal não.

Só que naguela época o negócio era duro assim, se o senhor trabalhasse bem, o senhor tinha direito de ter todas as regalias com o patrão, agora, se não trabalhasse e fosse preguiçoso, o patrão cortava o rancho. Eu chegava e olhava e dizia:

- _ "Não, porque que você não tá produzindo"?
- "Ah seu Pitito, eu tive uma dor de barriga, não fui trabalhar, passei dez dias, quinze dias sem trabalhar...".
 - "Olha, eu vou cortar teu rancho".

Aí eu chegava e cortava tudo pela metade. Se no outro mês não melhorasse de produção, eu cortava tudo, aí o senhor ia trabalhar sem comer nada. Não vendia nada, tinha de trabalhar e não adiantava ficar bravo não, porque se tinha algum que queria vir encima, mas eu sempre andava acompanhado com dois, três capangas, né, os cabras bons, tinha um rifle do lado, a gente não largava a espingarda, eu, por exemplo, andava com um revólver 38 que era do meu pai, eu não largava o 38 não.

Aí se tinha algum bravo a gente mandava os camaradas darem uma sova nele, dava uma surra nele e ele ficava até pagar todo o prejuízo que ele deu. Ai no fim do ano quando a gente batia a conta, colocava bem legível: mau seringueiro, mau produtor, malandro, vagabundo, quando ele chegava aqui na cidade que ia com o patrão dizia:

- _ "Ah eu trabalhei."
- _ "Com quem o senhor trabalhou?"
 _ "Ah com o seu Pitito".
 _ "Cadê a conta?"

Aí ele pegava a sua conta e olhava e dizia:

"Quero o senhor não, pode ir embora".

É tanto que o negócio arruinava que o camarada tinha que trabalhar de capanga com o outro serinqueiro, o outro ia lá, pegava o dinheiro e dava para o vagabundo, 200 cruzeiros, 300 cruzeiros, aí o cara ja e gastava, chegava lá o cara ja trabalhar ajudar a cortar, ajudar a colher.

Então naquela época não tinha vagabundo não. A gente organizava tudo. Meu filho trabalhou lá também, mas ele era pequeno naquela época, ele me ajudava só a colher, minhas meninas, a Beatriz que estavam aqui outro dia, a Artemisa que hoje é gerente do Correios lá em Nova Mamoré, a Francisca... tudo era pequeno naquele tempo, ai quando eles ficaram na idade de 7 anos, 8 anos, eu arrumei vaga numa escola indígena lá no Santo André, que fica pertinho de nós, só 10 minutos, eu consegui vaga com o chefe da FUNAI aqui e escrevi eles lá, todos os dias eles iam a remo estudar e de lá os índios traziam elas, estudaram, estudaram e quando já terminaram a 4ª série, eu os trouxe aqui para Guajará, matriculei aqui no Simon Bolívar e eles estudaram aí todinho. Hoje já estão fazendo faculdade, a Alzerina tá fazendo faculdade, a Beatriz é professora, trabalhou no Ministério Público aí saiu, tinha um promotor muito chato e hoje ela trabalha lá na escola no Tamandaré⁵¹ e a outra é funcionária do Correios em Porto Velho, foi embora para Porto Velho, pediu a transferência pra lá.

Eu fico mais lá na Reserva do que aqui. Ultimamente eu estou aqui porque eu tive um derrame e uma parada cardíaca, me deu derrame e fiquei inconsciente e me levaram para o Hospital de Base⁵², meu genro que é irmão do ex-deputado Miguel Sena, meu genro que mora com a Francisca ligou lá para o irmão dele e o irmão foi ao Hospital de Base e me colocaram na UTI, consequiram vaga e eu fiquei lá. Bem com uns 20 dias eu recuperei os sentidos e fiquei bom, fiquei bem, só hoje

168

169

170

171

172

173 174

175 176

177

178

179

180

181

182

183

184

185 186

187

188

189

190

191

192

193

194

195

196

197

198

199 200 201

202 203

204 205

206

207

208

209

210

211

212

213

214

215

216 217

218

219 220

221

222 223

⁵⁰ De volta a Guajará-Mirim

⁵¹ Bairro de Guajará-Mirim

⁵² Em Porto Velho.

que tenho dificuldades de falar assim, de reconhecer mesmo as pessoas, ontem quando a senhora chegou e falou comigo eu mesmo não estava reconhecendo não, depois foi que eu me lembrei quem era a senhora.

Daí eu perdi o conhecimento, hoje as pessoas passam, falam comigo e eu não sei quem é, não, e pergunto para meus filhos, minhas filhas:

- _ "Quem é?" _ "É fulano" _ "... ah tá".

224

225

226

227

228

233

234

235

236

237

238 239

240

241

242

243

244

245

246

247

248

249 250

251

252

253

254 255

256

257

258

259

260

261

262

263

264

265

266

267

268

269 270

271 272

273

274

275

276

277

278 279

280

Vou recordar de novo aquela pessoa.

Hoje em dia ainda tem a extração da seringa lá encima, muita gente corta ainda, só lá em casa ninguém corta mais não, meu irmão já esta velho mas ele corta ainda, meu irmão que é Rômulo o nome dele mas chamam ele de Papacho, ele corta ainda. E tem o Mimi que é mais novo, meu irmão, que mora lá também, mas não trabalha em nada não, ele é aposentado, a mulher dele também é aposentada e vem aqui, recebe o pagamento dele, compra o rancho, arroz, feijão, o milho aí leva para dar para os bichos dele e pra ele comer, mas não trabalha mais não.

O pessoal que ainda trabalha na extração vende para umas empresas aqui que vem de Porto Velho e compram através da Associação Primavera. Eles trazem 200 kg, 600, 1.000, mas é que caiu muito a produção e vendem aí. Na minha época de menino quando eu comecei a trabalhar era muita produção, todo mundo trabalhava e a borracha tinha valor, era valorizada a borracha. Aí depois o preço caiu muito, hoje está numa base de R\$2,00 o quilo e tem um tal de subsídio que o Governo paga e é preciso, digamos, eu trago 200 kg, peso e mando aquela nota para a EMATER, a EMATER carimba, manda para o Estado para o Estado analisar e depois mandar aqueles R\$0,50 de ajuda, então é pouco hoje.

Não era como de primeiro quando chegava aí no porto, com 10, 12, 15 mil quilos de borracha, chegávamos e chegavam os empresários, o Manon que era comprador, aquele Isaac Bennesby, da Casa Bennesby que tinha uma fábrica de borracha aqui. Eles chegavam e:

E eu pago a tanto".

Digamos que se estivesse a R\$2,00.

E eu pago a R\$2,50".

Aí chegava outro e dizia:

- _ "Rapaz, o Isaac me ofereceu R\$2,50".
- "Eu te pago R\$3,00".

Aí chegava o outro e:

"Não, eu pago é R\$3,20".

O outro chegava e:

"Eu pago R\$3,40."

Aí ia subindo o preço e no final quando a gente vendia, o preço estava normal, aquele Cassildo também chegava e negociava, dava bom preco e a gente vendia. Quem pagasse melhor levava, estava tudo bem embarcado nas canoas, nas chatas, aí o cara que ia comprar, ficar com a borracha pagava os estivadores para tirar a borracha, subir o barranco, colocava dentro do caminhão todinho. Pra você ver que dava dinheiro!

Nós ficamos numa situação hoje que é assim: a gente vem a um comprador, diz que vai pagar e não paga, rouba no peso, as balanças são viciadas, então é difícil, ficou difícil e muita gente parou. Meu pai chegou pra lá⁵³ está pra muitos anos, não lembro assim exatamente o ano, até tem nos documentos dele a data que ele nasceu, mas eu nasci no dia 22 de março de 1945, mas meu pai já estava aqui, ele foi pro Pacaás Novos na época de 40, 38, 39, até 40 que ele foi pro Pacaás Novos que foi quando terminou o trabalho dele aqui da linha telegráfica que ele trabalhou, que ele trabalhava com o General Rondon, daí o General Rondon mandou ele parao rio Branco do Revoredo, um afluente aqui do Guaporé. Ele foi pra lá que lá tinha uma tribo de índios, ele foi pra lá trabalhar com os índios, ensinar eles a plantar, colher, ele trabalhou dois anos lá com os índios, arrumou uma índia lá, a índia teve dois filhos, a índia morreu, e ele veio embora aqui pra Guajará, falou com o João Freire de Revoredo, que era o dono lá desse seringal, falou com ele e ele falou com o General Rondon que meu pai queria ir pro Pacaás Novos e tinha aberto aí no Pacaás Novos o Posto Indígena, naquela época não era Posto ainda, era da SPI⁵⁴, era uma área da SPI que hoje é a FUNAI e colocaram meu pai para trabalhar lá com 40 índios que vieram do São Luiz e foram colocar roça, limpar, fazer casa. E nessa ida que ele foi pra lá é que ele andou no Pacaás Novos e tinha essa área que estava desabitada, passaram o telegrama através do Revoredo que era tenente da reserva e

⁵⁴ Sociedade Protetora do Índio

⁵³ Na região do rio Pacaás Novos

falaram com o Rondon e disseram que ele podia se assentar. Meu pai e outro senhor que era amigo dele se assentaram na Encrenca e Triunfo e pau⁵⁵ e foram pra lá.

Não tinha diversão, só tinha forró dia de ano, natal... é que batia um violão, pandeiro, um tambor e aí dançavam a noite toda. Arrumava até umas namoradas lá, aí depois já começou com a época a modernizar, chegou aquelas vitrolas que a gente dava corda, colocava os discões e tocava aquela música. Mas era bom naquela época, agora só que o trabalho era forçado, tinha que trabalhar.

Meu pai nunca falou de ir embora, ele gostava de lá, ele dizia que iria morrer aqui, mas queria ser enterrado lá. Ele morreu aqui e nós o enterramos aqui mesmo. Mas era bom aquela época. Já hoje o negócio modificou muito, os poucos seringueiros que estão lá... os velhos já não produzem mais nada, já estão velhos e os mais novos não querem nem saber, a vida deles é um litro de álcool, água com limão e aí balançam e tomam, né. Saem, passam dois três dias na casa de um na casa de outro, roubando, fazendo baderna, não tem mais aquela obrigação que tinha, aquela responsabilidade como tinha antigamente, naquela época os patrões diziam:

"Olha, tal hora você tem que estar de pé".

E naquela hora o cabra tinha que levantar e trabalhar mesmo, aí ele chegava na roça com meu tio, chegava lá e:

"Olhe, está trabalhando pouco, você tem que limpar daqui até acolá".

Media e enfiava um pau. No outro dia quando ele chegava lá ele queria encontrar aquilo limpo, porque se não estivesse limpo, ele já estava com um galho e vap, vap, vap...

_ "Preguiçoso, sem vergonha, vai trabalhar se não você não come".

Quer dizer que isso incentivava a gente a trabalhar. Já hoje não, o pai não pode mais fazer isso, tem que dar lazer pro filho, e levar o tempo para jogar bola, a fumar droga, beber cachaça, álcool, e hoje esta desativado essa cultura.

O nome do meu pai era Francisco Joaquim de Lins.

_

⁵⁵ Nomes de colocações

Colaboradora 02 – Geracinda Amaral da Costa



Geracinda Amaral da Costa, conhecida com dona China, 65 anos, teve 22 filhos, todos de parto normal e sozinha, apenas em um parto contou com a ajuda de uma filha que na época tinha 9 anos. A maioria dos filhos faleceu durante a infância e estão enterrados no seringal. Ajudou o marido a cortar seringa durante muitos anos, "levava carreira de onça, de índio, de cobra". Sua ajuda era para aumentar a produtividade do marido e continuar recebendo um tratamento diferenciado do patrão. Conta com orgulho que seu esposo sempre foi um bom seringueiro. A entrevista ocorreu no dia 29 de outubro de 2012 na comunidade Margarida, rio Pacaás Novos, durante o intervalo da Reunião de Base.

"Todo tempo ajudava meu marido a cortar borracha, ele entrava por uma perna de estrada, um caminho, e eu ia por outra, e nos encontrávamos com cem madeiras para cada um, de dois em dois dias, na colocação tinha duzentas madeiras dentro da estrada, nós cortávamos..."

Minha vida foi um pouco sofrida, porque quando o meu pai deixou minha mãe ficamos só, eu e minhas duas irmãs empregadas sustentando nossa mãe, que tinha quatro filhos pequenos, meus irmãos.

Nós trabalhávamos e trazíamos comida para ela, não recebíamos salário, recebíamos restos de comida, isso ocorreu em Guajará-Mirim, nós morávamos no Mamoré⁵⁶e fomos para lá, nós recebíamos resto de comida para minha mãe acabar de criar os irmãos pequenos, então foi o tempo que a patroa me bateu, eu tinha doze anos e fugi do emprego para casa, cheguei em casa chorando e minha mãe me perguntou o que eu havia aprontado e respondi que não havia sido nada, eu não tinha lavado direito e a patroa me bateu, ela disse que eu teria que voltar e eu disse que não voltaria, aí minha mãe me bateu para eu voltar, eu disse que apanharia mas não voltaria.

Nesse tempo achei uma boliviana que me convidou para ir embora para Bolívia cuidar de uma criancinha e eu fui, passei três anos lá. Voltei para o Brasil de novo, voltei para o teto da minha mãe, aí eu já estava com dezesseis anos, então arrumei um rapaz e fiquei com ele e tivemos uma filha, mas ele faleceu. Fiquei com uma filhinha de onze meses, ele faleceu no rio Purus, já estava para lá, ele faleceu e lá mesmo foi enterrado e eu voltei para casa, nós fomos para lá com ele doente, ele era no Mamoré motorista do Miranda Cunha, ele trabalhava em um frigorífico que andava no rio transportando peixe e eu vivia com ele, daí de lá em vim embora para cá e fiquei, então achei outro senhor, já de idade, lá o meu irmão disse que era para eu ficar com ele que é melhor do que está sozinha por aí, então eu fiquei com esse senhor, mas era muito ciumento e eu fugi de casa, era ciumento de mais, até para eu lavar roupa ele ia me cuidar e eu fugi, nós morávamos no Mamoré, ai de lá eu fugi e não quis mais voltar com ele, então fiquei na rua sozinha cozinhando para um, lavando para outro, então achei esse pelas festas por lá e fiquei gostando dele, aí ele me convidou para o seringal, fiquei com medo não sabia o que era seringal, ele disse que era bom, então fiquei com ele e vim embora para o seringal até agora.

Pegamos como patrão o tio dele, Manoel Lucindo da Silva, ele tratava bem os seringueiros dele, nesse tempo nós sacávamos dinheiro com o patrão não dependíamos quase de nada, se tinha gente devendo o patrão cobríamos aquela conta e levávamos para a pessoa, aqui nós primeiro moramos em uma barraca chamada Chiqueiro dos Porcos⁵⁷, aí foi quando alagou então fomos para o centro, chamado Nova Olinda, dentro das matas, para lá eu tive uma menina que faleceu de susto, os meninos brincando, gritando e ela pegou um susto e de susto morreu, estava com nove dias de nascida.

Saímos da colocação e fomos para outra chamada São Francisco, nessa passamos um ano e seis meses, nessa colocação tive outra filhinha que faleceu também, deu uma febre e que febre foi essa que morreu, nessa época nós saímos da colocação e fomos para outra e nós vivíamos assim, saindo de uma, indo para outra. Então veio um senhor e disse assim:

_ "Aqui não tem curador, não tem nada, os filhos de vocês só morrendo e vocês pegam e plantam uma bananeira, batizam a bananeira e cortam, isso era uma simpatia para não morrer mais".

Batizar a bananeira é que nem batizar criança. Ele falou que era para fazer isso e disse que não morreria mais, mas não teve jeito.

Nós saímos de lá e fomos para outra colocação novamente e tive um menino que morreu com sapinho, eu não sabia o que era. Nessa ocasião saímos para o barracão nos burros, que chamávamos de comboio, que ia nos pegar, trazíamos caixa, galinha, borracha, a gente vinha para casa. O patrão todo final de mês mandava a mercadoria para nós e trazia a borracha, aquele que não tinha a borracha a mercadoria voltava.

Todo tempo ajudava meu marido a cortar borracha, ele entrava por uma perna de estrada, um caminho, e eu ia por outra, e nos encontrávamos com cem madeiras⁵⁸ para cada um, de dois em dois dias, na colocação tinha duzentas madeiras dentro da estrada, nós cortávamos, mas não era colhido, nós deixávamos coalhar dentro da mata, então quando coalhava nós íamos colher o sernambi, que é quando coalha o leite e tem valor mais barato que a borracha, depois passamos para defumar, para defumar nós enchíamos uma fornalha, um forno no chão, enchíamos de coco, aquela fumaça, a gente colocava um pau assim, enrolava de sernambi e íamos jogando o leite e defumando até a borracha crescer, nós fizemos muito isso, ele fazia de dois a três mil por ano⁵⁹, ele fazia mais, mas eu todo tempo ajudando.

Eu tive vinte e dois filhos no total, hoje tem seis vivos, os outros a maioria morreram quando crianças, o mais velho que morreu tinha vinte e dois anos, tudo lá nas colocações.

⁵⁶ No rio Mamoré

⁵⁷ Colocações onde viveu com seu atual esposo

⁵⁸ Seringueiras a serem cortadas

⁵⁹ Quilos de borrachas já nas pélas para serem pesadas

O patrão era bom, não era ruim, o seringueiro que pagasse a conta bem, esse se sai bem e o que não pagasse ele não trazia para a rua⁶⁰, ficava trabalhando até pagar, quando esse cara não queria trabalhar de jeito nenhum, só queria viver no barracão aqui do centro, se ele tinha mulher, o patrão tomava a mulher dele e dava para quem trabalhava, era assim, tomava a mulher do preguiçoso e dava para o trabalhador, se o trabalhador queria a mulher pagava a conta do preguiçoso, então o preguiçoso ia embora, voltava sem mulher, sozinho, sem saldo, sem nada. la comendo aí e quando chegava jogava na rua, era assim.

Mas era bom lá, porque às vezes os seringueiros aprontavam na rua, batiam, furavam os outros por aí bebendo, o patrão tirava, pagava e colocava ele na rua, levava ele pra lá, não deixava preso, pegava e levava, aquele que aprontava e era preso o patrão soltava e ele ia cumprir a cadeia dele lá dentro do mato.

Moravam no seringal trezentas pessoas, falava em trezentas facas⁶¹, era muita gente, era no seringal São Luis. Muito bom, as melhores terras, dava legumes na beira do rio, muito peixe, muita caça, podia plantar roça, plantava quem queria quem tinha coragem plantava, quem não tinha coragem não plantava.

Não tinha muito castigo, só vi uma vez quando eu saí do centro, uma meninota de uns quinze anos que não queria nenhum marido, não queria trabalhar, não queria nem cozinhar, não queria fazer nada e colocaram ela pra arrancar o mato com a mão, só foi esse castigo ruim que eu vi, a menina arrancava mato até dez horas do dia, arrancando um tal de mata-pasto.

Tinha enfermeiro, remédio, aplicavam soro na pessoa quando tinha jeito e quando não tinha morria lá mesmo e lá era enterrado, lá tem um cemitério grande.

Todos os meus filhos tive de parto normal, tudo aqui para dentro do Pacaás Novos, não tinha parteira, era só eu, uma parteira foi minha filha, ela tinha nove anos, minha filha foi minha parteira, eu estava passando mal e ela foi a parteira. Quando eu desmaiei, ela tava com o menino na mão sem saber o que fazer, chorando com o menininho na mão e dizendo:

_ "Papai chega aqui que o neném está com um monte de corda no pescoço".

A corda era o umbigo, aí ela chorando dizendo:

_ "Pai chega aqui que o neném está pura corda e eu quero cortar".

Então ela cortou o umbigo do irmão dela. Não dava muito problema porque eu sentia dor e ia andar no mato, andar com dor mesmo, cortando, colhendo, um dia quando eu cheguei em casa, tomei banho e aquela dor, eu tinha as crianças rápido, eu tinha a criança de um lado do quarto, a casa era grande, e do outro eu deixava pronto com a tesoura o mercúrio e tudo lá, eu saia e me arrastava e puxava a criança, me arrastava e puxava a criança, até chegar do outro lado da casa, aí amarrei, queimei o umbigo da criança com a vela e passava mercúrio e joguei pra lá.

Até o marido chegar do mato e os outros eram todos pequeninos, não sabiam de nada, aí tinha um que dizia:

_ "Mamãe o que está chorando aí dentro? Mãe a senhora falou que não tinha gatinho, aí tem um gatinho".

Era o nenenzinho que tinha nascido.

_ "Mãe eu quero ver o gatinho".

E ficava nisso, eu trancava a porta e não deixava eles entrarem, aí quando o Antonio chegou, ele dizia:

_ "Papai tem um gatinho aí dentro e a mamãe não quer mostrar para a gente".

Ele chegou e estava o gurizinho lá, já nascido. Eu tive todos assim, sozinha, não teve parteira não, e eram todas as outras assim. É Deus mesmo porque agora vejo essas mulheres e não tem não, é tudo cortado, eu graças a Deus não fui operada, eu tive vinte e dois e parou e não tive mais, a gente teve esse meu caçula, que faleceu faz oito anos, ele que dirigia com a gente⁶². Depois que ele faleceu, nós não paramos nem aqui nem na rua, vivemos para cá e para lá. Ficamos sem manobra, era ele que manobrava conosco, nós só temos um filho homem e cinco mulheres. Então quando ele encontrou uma mulher, ela está até aqui, teve um filho homem e ela foi e me deu pequenininho e eu crio, rapagão já está na Civil é nosso piloto agora, está com quatorze anos, a mãe não quis mais ele e me entregou de uma vez.

Acordávamos às duas da manhã para cortar seringa, nós chegávamos sete horas da manhã, andando a noite todinha, nós tínhamos em casa uma poronga, mas parece que jogaram, era eu com uma poronga e ele com outra. Por isso cedo a nossa vista não dava mais para ler, fiquei ruim mesmo da vista, nós levávamos carreira de onça, de índio, de cobra, no mato era assim.

-

⁶⁰ Cidade de Guajará-Mirim

⁶¹ Mãos para segurarem a faca de seringa para o corte

⁶² Pilotava o barco

Tinha muito índio bravo, mas eles não mexiam com a gente de querer matar, nós íamos sair para a estrada quando a galinha gritou no galinheiro, esses galinheiros pequenos, então eu disse que era uma mucura e o meu marido disse que não era, eu disse que era e que iria matar, eu com barriga grandona⁶³, peguei o terçado e fui, quando eu abri a onça soltou a galinha da boca e quis pular em cima de mim e por cima de mim ele atirou na onça, a onça soprou no meu rosto e eu cai no chão, passamos um sufoco nesse dia, faz tempo que isso aconteceu, há quarenta e um ano atrás.

Dava para criar os filhos porque a gente, o meu marido como era trabalhador quando era novo, despachavam para ele duas latas de leite por mês aí tinha que regrar até dar,a massa que hoje em dia compramos, não comprávamos, nós secávamos a banana e fazíamos massa para dar para as criancas.

Os meninos quando estavam grandes ajudavam a cortar seringa, uma tinha seis anos quando começou a me ajudar. Não tenho saudade, eu peguei muita chuva e adoecia, pegava chuva de mais, nós andávamos de mais com peso, às vezes matávamos a caça e trazíamos, vinha deixar no começo da estrada e voltava para colher o leite. Eu caçava, matava caça também.

Quando a gente não tinha mais açúcar, era longe onde a gente morava, nós plantamos cana e adoçávamos as coisas com garapa de cana. Do centro até minha colocação dava cinco horas de viagem, o igarapé próximo era o São Francisco, lá foi enterrado dois dos meus filhos que faleceram.

Um senhor falou que os meus filhos viviam morrendo e eu devia fazer uma simpatia, plantar um pé de bananeira, batizar bem cedinho igual se batiza uma criança, aí cortam ela e quando tiver brotando vocês zelam dela, faz de conta que é uma criança que não morre mais nenhum. Nós fizemos isso, mas nada, no outro ano morreu de novo. Todos os meus filhos estão enterrados lá pra cima, só o que morreu afogado foi enterrado na rua⁶⁴, acharam ele com quarenta e oito horas, deu essa doença nele com dois anos de idade, ele estava brincando quando deu um vento que lá na cachoeira era muito vento e ele caiu se entortando todinho, aí não teve mais jeito, entortava e dava um ataque nele, lutei muito mais não teve jeito, não quiseram aposentá-lo, faleceu com vinte e dois anos, então ficamos sozinhos, quando ele faleceu nós estávamos já aí nessa colocação, vai fazer oito anos no dia dezenove de março que ele faleceu.

Estamos nessa colocação faz dez anos, eu acho bom, fica mais perto da cidade e agora eu fico ruim porque me ataca a pressão, ontem eu ja caindo lá na casa dela, atacou a pressão.

Nós nunca sofremos ataque de índios, na colocação que a gente estava, perto da fazenda São Luiz era uma hora, os índios nos viam, mas como víamos tampado, a gente não cortava mais arrodeava, eles tampam⁶⁵ com cipó e colocam uma pena vermelha de arara que para eles é guerra, a pena vermelha é sangue que vai derramar, aí não mexíamos, os outros cortavam e eles metiam flecha.

Vi quatro pessoas que foram flechadas, mas foi muita gente flechada de índio, muita gente morta. Os índios que matavam moram aí em cima. Hoje em dia eles nos veem, eles dizem:

"É eu te vi pequenininho".

112

113

114

115

116

117

118

119

120

121

122

123

124

125

126 127

128

129

130

131

132

133

134 135

136

137 138

139

140

141

142 143 144

145

146

147 148

149

150

151

152

153

154

155

156

157 158

159

160

161

162

Esse meu marido aí, eles dizem que não quiseram matar porque nunca mexemos com eles. Eles traziam melancia para a gente não sabíamos de onde e deixavam no caminho, traziam peixe assado e deixava pendurado para nós, não mexiam com a gente mais com outros sim. Nós não xingávamos eles nem nada, tirava a tigela de leite de baixo e colocava lá em cima, eu sou baixinha e ia tirar aí caia na minha cabeça eu ficava calada e tirava o leite, o meu cabelo grudado, eu tirava calada e eles estavam rindo, espiando, eu não xingava eu ia embora, então não mexeram comigo. Quem xingava eles flechavam, matavam todos os cachorros por raiva, o meu cachorro quando latia eu batia nele, mas a gente não os vê, eles colocam mato e não dá para ver.

Graças a Deus não aconteceu nada conosco. No dia que saímos dessa colocação outras pessoas foram para lá, com um mês mataram a mulher, o menino e flecharam o marido, com a gente eles não mexiam. Quando o seringal acabou ficamos lá por pouco tempo. Foi quando mandaram desocupar tudo, então todos tiveram que sair não ficando ninguém. Ficou somente o gado do patrão, tinha muito, mas um pouco morreu, outra parte ele vendeu e ficou tudo abandonado, aí passaram para os índios.

⁶⁴ Em Guajará-Mirim

⁶³ Grávida de 8 meses

⁶⁵ Colocavam cipó na estrada para obstruir a passagem e o correto era desviar ao invés de cortar ou desmanchar

Colaborador 03 - Francisco Lopes da Silva



Francisco Lopes da Silva, conhecido como Chico do Leonel, nascido no seringal São Luis no rio Pacaás Novos, começou a cortar seringa aos 13 anos e exerceu esse ofício por 49 anos.

Seu pai e seu avô vieram para Rondônia ainda na década de 40 como soldados da borracha, vindos do Ceará.

Seu Chico é um dos poucos rezadores que ainda restam, percebemos uma certa tristeza em sua fala ao relatar que a prática de rezar e benzer está se perdendo com as gerações mais novas e com a entrada do protestantismo.

"A gente diz que a seringa nasceu para todo mundo, mas nem todo mundo nasceu para a seringa, é que nem a honestidade, vem para todo mundo, mas nem todo mundo nasceu para ser honesto, assim é o seringueiro".

Meu nome é Francisco Lopes da Silva, conhecido como o Chico do Leonel e onde você for quase ninguém conhece o meu nome, sou descendente de cearense, meu pai foi soldado da borracha e veio aqui para a região em 1943, na época ele veio recrutado com o pai dele, o meu avô era soldado da borracha e ele e os outros irmãos vieram juntos, ele era o mais velho com 16 anos quando começaram a cortar seringa, foram trabalhar no seringal do Ricardo, inicialmente onde ficaram por quatro anos no Rio Pardo.

Naquela época, para chegar a Ariquemes tinha que subir pelo rio, cruzava duas cachoeiras até chegar a Ariquemes depois de lá seguir para o seringal. Depois de 4 anos ele voltou para o Nordeste com a família, casou-se, quando foi em 1950 ele pegou a esposa e voltou para a Amazônia, não conseguiu mais se adaptar com o modo de vida do Ceará depois de 4 anos na região amazônica, não conseguiu mais se adaptar e veio embora. Inicialmente veio com destino a Porto Velho, onde ele iria trabalhar, mas encontrou o pai dele e parou em Manaus, nessa parada em Manaus, o pai dele chegou e estava vindo para Guajará-Mirim e ele acompanhou o pai e vieram trabalhar no seringal no São Luiz.

No dia 3 de fevereiro de 1951 eu nasci no seringal São Luiz e fiquei por 18 anos. Eu comecei a entender depois de grandinho vendo meu pai cortar seringa, sempre cultivava uma roça pequena, a maioria dos seringueiros não cultivava porque os seringalistas não queriam que cultivassem, mas eles sempre plantavam um pedaço pequeno para criar galinhas, ter um bicho no terreiro, costume nordestino.

Com 13 anos eu comecei a acompanhar meu pai, o trabalho era esse: a gente cortava, comecei a cortar com 13 anos porque na época a região era muito selvagem, tinha muitos índios, os índios ainda não eram contactados, tinha muita onça e meu pai tinha medo de andar comigo ainda criança, muito pequeno, porque dificultaria a defesa dele no caso de um ataque, embora ele nunca tenha sido atacado por um índio. Ele trabalhou muito no meio dos índios na época, via muitos vestígios deles pelas estradas, mas nunca foi atacado por um índio, mas ele tinha esse cuidado e cuidado de manuseio com arma porque achava que eu não tinha estrutura para manusear uma arma. A partir dos 13 anos, ele me ensinou a atirar e comecei a acompanha-lo inicialmente juntos, a partir dos 15 anos comecei a entrar por uma estrada sozinho, a banda de uma estrada, sempre com ele, só aos 18 anos que assumi uma colocação sozinho, tocando por conta.

O trabalho era o seguinte: a gente dependia de tudo do barracão, a não ser uma galinha que você criasse no terreiro, um feijão, arroz, milho, farinha vinha tudo do barracão, quando a gente chegava na colocação que não havia sido aberta ainda, o seringalista mandava abrir aquela colocação, avançar as estradas, fazer o defumador.

À seringa era borracha defumada, não era que nem a borracha de hoje, fazia o defumador, o meu pai nunca deixava que fizesse a fornalha, que é uma estrutura feita na terra aonde vai colocando os cavacos de madeira para poder passar o leite na fumaça para transformar em borracha, ainda hoje na OSR⁶⁶ nós temos uma de amostra lá. Meu pai tinha um jeito diferente de fazer a fornalha porque na casa era eu, minha mãe, outros irmãos pequenos e ele, eu era o irmão mais velho, então era ele mesmo que sabia trabalhar com aquilo, minha mãe não sabia mexer com a defumação, ela aprendeu, o ajudava na hora em que ele estava muito cansado, porque se trabalhar com 15 quilos de borracha em um dia naquela época dava até mais, ele passava de uma hora, duas horas mexendo com aquela borracha.

A mulher sempre dava uma ajuda, mas esse auxilio, era limpar o defumador, abrir o cavaco⁶⁷, que era cortado, o cavaco de uma chave de tamanho de 15 centímetros de comprimento, era todo rachado, fino para colocar dentro da fornalha, a gente seleciona e derruba uma árvore, maçaranduba, casca de açaí ou breu vermelho e com o machado a gente ia tirando os pedaços pequenos de 15 centímetros, que a gente chamava de cavaco, a árvore era toda fatiada para fazer o cavaco para poder a fumaça ficar ótima. Essas árvores eram escolhidas porque tinham a fumaça quente para cozinhar bem a borracha, era a que produzia mais fumaça e a borracha ficava mais pesada. Outras espécies como matamaí e outras espécies que dá muita fumaça, mas que é fria e a borracha não pesa bastante, acredito que ela deveria manter mais umidade na borracha porque ela ficava mais pesada, o coco da palheira onde tinha o coco babaçu, ele é excelente para o cavaco para defumação também.

Levamos essa vida por muitos anos, nós passávamos 2, 3 anos sem vir à cidade, trabalhando. Às vezes o papai ia e a gente ficava na colocação em função das criações que tínhamos como pato, galinha, essas coisas e o gasto também que era menos.

67 Lascas de madeira, segundo Ferreira, 2000.

_

⁶⁶Organização dos Seringueiros de Rondônia

O patrão mandava limpar as estradas, fazia defumadeiro, entregava os utensílios, só que isso não era de graça, havia pessoas que diziam que o patrão dava tudo, não, pois quando recebíamos o talão na metade do ano de demonstração de conta, ele vinha todo especificado o quanto custava o preço da casa, da defumadeira, do roço das estradas era cobrado por seringueiro em cada estrada. Pagávamos tudo aquilo, não era de graça. Do barracão a minha colocação era perto, dava cerca de uma hora de remo, morávamos na beira do rio. Tinha o pessoal que morava no centro que demorava até 5 dias de comboio, carregando as coisas no lombo do burro.

Meu pai sempre gostou mais de trabalhar na beira do rio, a colocação não era tão boa, mas era perto do barração e acesso para a gente.

A dificuldade era quando adoecia, éramos 14 irmãos e desses só ficou 4, não tinha médico, não tinha consulta, não tinha vacina, não tinha medicação. Todos os meus irmãos morreram no seringal, em colocações diferentes, mas todos no seringal. Ao passo que hoje com o avanço e a facilidade que temos, somos donos da nossa vida, somos nossos próprios patrões, coisa que sempre almejamos ser. Uma criança adoece leva para a cidade, já trata, já diminuiu a mortalidade infantil e naquela época morreram muitas crianças a míngua, assim como adultos também adoeciam naquela distância, até chegar ao barracão já tinham falecido.

Todo final de ano era feia a prestação de conta, dezembro era feita a pesagem da borracha, no caso do seringal São Luiz, do Manoel Lucindo na última borracha, a borracha verde, ele tirava 10% no peso da borracha. As primeiras que eram feitas ele tirava 5%, era a famosa tara que era tirada da pesagem do quilo da borracha.

O seringueiro para fazer 2000 quilos de borracha normalmente ele teria que ter 2200 quilos para poder pesar 2000 quilos de borracha líquida. Além do seringalista lucrar com o que ele vendia no barracão, ele ainda tirava uma parte da borracha ou tara da borracha. Uns tiravam 10% outros tiravam um pouco mais. Isso era uma norma do seringalista e não um acordo.

Aqui seu Papacho tirava 10%, mas o outro vizinho dele seu Moraes podia tirar 15%, eles é que determinavam. Você não tinha aonde se queixar, quando você ia reclamar na cidade o delegado de polícia sempre dava direito ao seringalista.

A única pessoa que combatia as injustiças aqui, que brigou muito nessa região de Guajará-Mirim e Guaporé, porque daqui até Costa Marques era Guajará, Nova Mamoré que era Vila Murtinho, toda essa região era Guajará-Mirim, foi dom Xavier Rey, o bispo da cidade. Foi o primeiro que acampou a luta em defesa dos seringueiros, ele fez com que muitos seringalistas corrigissem muitas injustiças.

O bispo subia o rio, passava 6 meses para subir o rio até Pedras Negras e voltar em uma embarcação a remo, não tinha motor, ele fazia as desobrigas⁶⁸ dele, eram 6 meses para ir no Guaporé lá em cima e voltar, e os seringueiros aqui da região quando se sentiam ofendidos corriam até ele, ele apanhava as contas, juntava tudo aquilo, via os preços de tudo e corrigia muitas injustiças, inclusive a igreja matriz de Guajará-Mirim, Nossa Senhora do Seringueiro, que somente nós de Guajará-Mirim temos, foi construída com o dinheiro dos seringueiros.

Dom Xavier Rey fez o acerto com os seringalistas que cada seringueiro quando entregava a borracha já tinha um percentual determinado, na conta corrente estava determinado que tinha aquele percentual para a igreja. E aquele percentual foi o que ajudou a construir a igreja matriz Nossa Senhora do Seringueiro. Lá tem uns quilinhos de borracha que nós colocamos na construção da matriz.

Depois veio Dom Geraldo que também lutou incansavelmente em defesa da gente, até porque a alimentação nossa era arroz, feijão, farinha e carne, caça do mato, a gente não tinha uma orientação boa. Dom Geraldo ajudou muito, inclusive tinha muitas pessoas que tinham raiva dele. Essa situação terminou em 1989 ou mudou de situação em 1989 quando nós tivemos o primeiro encontro de seringueiros que era planejado, era para ter ocorrido em 1988 pelo Chico Mendes.

Chico Mendes veio a Guajará-Mirim, programou que era para dezembro, mas em dezembro o mataram. Então em março o Raimundo Mendes de Barros, primo do Chico, veio a Guajará-Mirim e conseguiu realizar isso com apoio do IEF⁶⁹e vários institutos que deram apoio para a gente na época. Então tomamos a decisão, tomamos o conhecimento que eles não tinham terra, não eram donos, a gente estava pagando, estava sendo escravizado por uma pessoa que não tinha nada porque os verdadeiros donos éramos nós, e tomamos a decisão que não pagávamos mais renda, já tinha passado o período do patrão, já estava na época do atravessador. E os patrões arrendaram os seringais para determinados atravessadores e eles cobravam renda, se eles pagavam uma renda de

.

⁶⁸segundo Ferreira, 2000, é a visita periódica feita a regiões desprovidas de clero por padres, com o fim de desobrigar os fieis

⁶⁹Instituto Estadual de Florestas

80 quilos de borracha para o dono da colocação, ele cobrava 150 quilos do seringueiro que na passagem da renda já ficava o lucro dele. Então tomamos a decisão que eles não eram donos e que não pagaríamos mais a renda.

Aí foi quando eles retiraram todo apoio que a gente tinha, tinha os atravessadores que compravam borracha na folha, se chegava lá e dizia:

"Eu preciso de dinheiro de mil quilos de borracha".

Ele te adiantava 1000 quilos de borracha. Se a borracha custava 10 cruzeiros eles te vendiam a 7, e te dava o dinheiro. Não importava se no final do ano você pagasse e ela tivesse a 15, era a chamada borracha vendida na folha. Esse pessoal disse:

"Agora eu quero ver como eles vão se virar".

Eu disse:

_ "Está bem, se não querem mais ninguém, se querem ser os donos das pessoas deles como é que eles vão fazer?"

Então fiquei eu, o Manduca e Boneco, ficamos os 3 na frente dessa articulação olhando um para o outro: "vamos procurar o Dom Geraldo que sempre nos ajudou", e mais uma vez Dom Geraldo entrou junto conosco com o projeto através das cartas brasileiras, pegou um motor rabeta, uma chatinha⁷⁰ do Manduca e então nós começamos o atendimento aos companheiros. Daí vem vindo a nossa história dessa parte que você já conhece.

Aqui no Pacaás Novos voltando atrás, aqui havia muitos patrões, é que eu não sei o nome de todos. Tinha o seu Chico Joaquim aqui na localidade Penca, Moraes do Bom Futuro, tinha seu Nazareno, Bendito Amorim, Miranda Cunha, Cigano, Adauto Cortez, Manoel Lucindo, Hermínio, esses são os que eu me lembro, mas tinha mais alguns ainda.

Cada seringal pequeno tinha uma parte, ali no posto indígena Tanajura, ele pertencia ao seu Mané Regino que depois passou a ser do Manoel Manussakis que quando aqui ainda não era terra indígena mais um seringal que produzia muita borracha.

O seringal do Manoel Lucindo produzia 450 toneladas de borracha, tinha 500 seringueiros trabalhando dentro, isso por volta dos anos 60. O seringal do Miranda Cunha, o Parati também, esses seringais só pararam quando foi decretada terra indígena, então todos tiveram que abandonar e sair.

O seringal do Miranda Cunha colocava 400 seringueiros, tirava 350, 370 toneladas de borracha, além desses outros seringais pequenos que tinham, Omarzinho no rio Novo.

Uma época tinha uma pessoa dizendo que o Manoel Lucindo foi um bandido, matou muito índio. Eu não sei se ele matou índio, eu sei que ele fez muito para trazer aqueles índios para o barracão dele, ele fez várias expedições, o sonho dele era trazer aqueles índios, pacifica-lós, fazer contato com eles. Teve uma viagem, a primeira ida que ele foi e levou alguns índios aqui do Tanajura que ele liderava e que não falavam português, somente o Valdemar falava, e eles vinham trazendo esses índios, foram na aldeia, conversaram, entraram em acordo e vieram trazendo os índios. No caminho houve um desentendimento entre eles e um índio lá do São Luiz, que é da aldeia hoje, matou um dos índios que tinha ido buscar os outros. Então eles vieram embora, correram, mataram uns, cortaram outros, mataram de facão. Quando eles voltaram na outra expedição para tentar trazer de novo os índios que estavam na comitiva foi que atiraram, entraram, atiraram e disseram:

"Não, matou parente nosso e iriam matar, matar, matar".

Mas da outra vez o Lucindo conseguiu trazer todo o pessoal, um grupo de índios como o dele tinha 40 pessoas com comida, roupa, remédio, é muita despesa que ele teve. Até aquele pessoal se adaptar você gasta muito, depois ele foi preso, condenado por ter matado, massacrado. Eu disse que acreditava que eram as injustiças que a vida nos prega, a gente às vezes luta tanto por uma coisa, um ideal e não sabe que depois esse ideal vai ser problema na vida da gente. Na hora a gente não lembra muito, a gente vai conversando, sabe que a gente lembra mais nas conversas.

Em parte, vi muitas injustiças lá em cima, havia um cidadão com o apelido de Manoel Gordura e eu era menino e não sei nem qual era o sobrenome dele, era um cara bom, não era de trabalhar, era um homem doente, aquele cidadão adoeceu e ficou 2 meses no pátio do barracão, subia motor, descia motor e o patrão dizia que ele iria morrer porque de lá ele não o tiraria, ele morreu realmente lá, foi uma injustiça grande que aconteceu porque por mais que a pessoa não seja muito trabalhadora continua sendo um ser humano não podendo ser tratado dessa forma.

Em outra ocasião tinha um rapaz que era valentão, procurava briga com todos, atiraram na perna dele e esse morreu também sem ninguém aplicar um remédio nele porque o patrão não deixou, essas foram umas das coisas que vi que aconteceram.

Agora vi também o lado humanitário dele, pegar seringueiro que era bom trabalhador, passar um ano doente e ele tratar durante aquele ano todo, com médico, remédio, alimentação e depois ter

.

⁷⁰ Uma embarcação para transportar carga pesada, Ferreira, 2000

que trabalhar para pagar ele. Essas ajudas só existiam para o bom seringueiro, o seringueiro que não era bom não recebia esse tipo de ajuda. Do ponto de vista do patrão um bom seringueiro era aquele que fazia a partir de 800 quilos de borracha, ia para a colocação, pegava o rancho, cortava, ficava lá de maio a dezembro na colocação, o bom seringueiro fazia de 800 até 2500, 2800 quilos de borracha, havia deles que fazia 3 toneladas de borracha.

Naquela época a seringa era boa. Meu pai saia 5 horas da manhã para cortar e chegava 11 horas em casa, cansei de vê-lo ajuntar até 30 quilos de borracha em um dia, num corte. Cortava e depois dava uma volta todinha na estrada para juntar aquele leite e trazia, quando chegava a gente colocava em uma bacia grande, uma bacia de ferro, colocava fogo em baixo dela e saia mexendo até chegar um ponto que ele não engrosse demais e ele chamava de granitar, quando ele ia coagular falávamos que estava granitando, vai coalhar, esse era nosso ditado.

Praticamente trabalhávamos o dia todo, compensava porque a seringa era boa, mas tinham pessoas que não iam mesmo, quando cortava era um pedacinho para 2 frascos, 3 frascos de leite e acabava, porque a seringa não é serviço pesado, mas não é todo mundo que nasceu para cortar seringa. A gente diz que a seringa nasceu para todo mundo, mas nem todo mundo nasceu para a seringa, é que nem a honestidade, vem para todo mundo, mas nem todo mundo nasceu para ser honesto, assim é o seringueiro. Tem pessoas que ficam a vida inteira na colocação, faz 600 quilos de borracha, 500 quilos, 400 quilos, mas ainda paga a mercadoria.

Aquele seringueiro que pagava o que comia, podia fazer pouco, o patrão não se preocupava com ele, a preocupação era com aqueles que gastavam muito e não produziam nada, porque dizia que aquele estava comendo do trabalho dos outros, porque de certa forma ele não perdia.

No início a mercadoria era transportada a remo, ultimamente já era tempo que tinha empresa, SNG, aquela empresa SNG o Manoel Lucindo fretava ela, de 2 a 3 viagens por ano. Era um batelão⁷¹, um motor de centro com 2 embarcações grandes, ia trazer os seringueiros e mercadoria. Ele gastava 8 dias de Guajará-Mirim a São Luiz, tinha que ser motor pequeno, era de muita força, danificava, quebrava. Esse rio não é largo, ele dava 3 viagens e o resto da viagem era em um motor R12, em um embarcação pequena até o pátio do barração.

Do barracão para a colocação, quem morava no centro era nas costas dos burros. O remo foi um período antes que eu não alcancei e que gastava bastante tempo para fazer essa viagem a remo. Dom Xavier quando fazia a remo gastava 6 meses para ir em Pedras Negras e voltar. Era dois remos grandes, que chamávamos de rojas⁷², que faz canoagem, que a pessoa rema de costas, aquilo ali era 4, 5 pares daquele remo subindo carregando mercadoria, isso funcionou muito para as bandas do Machado, Machadão⁷³, o pessoal subia muito a remo nessa região. Isso foi bem antes de 1943. Nessa época de 43 já entrou os motores R12 que facilitava a vida das pessoas.

Eu sou rezador, eu aprendi a rezar em casa mesmo, meu pai rezava, mas ele nunca me ensinou. Determinado momento chegou alguém dizendo que eu sabia rezar e eu nunca tinha rezado, aí chegou com uma criança e disse:

_ "Reza essa criança".

Eu disse que não sabia, e essa pessoa disse que eu sabia, que eu que não queria rezar no filho dela. Para não deixar aquela pessoa contrariada eu peguei a criança, benzi ela, fiz um pai nosso e pedi a Deus que curasse a criança daquela senhora, daí surgiu minha fama de rezador, porque a criança ficou boa. Então eu disse:

_ "Agora tenho que aprender".

Fui me informando com quem rezava e como é que se reza. Na verdade não tem muito segredo, é um Pai Nosso, uma ave Maria, uma santa Maria é a forma como você pede a Deus, é teu pedido a Deus que faz com que a criança fique boa. Não tem muito segredo a questão da reza, essa tradição está se perdendo, porque essa tradição vem dentro do catolicismo, hoje as pessoas criam muitas religiões diferentes e que não acreditam mais em reza, eu até fico preocupado quando vejo uma pessoa que ontem era rezador, que rezava, que vem hoje dizer que reza é coisa do demônio e não tem nada haver com demônio.

Ninguém reza em nome do demônio, a gente reza, a gente pede a Deus, a gente faz o oferecimento as 3 pessoas da Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo e pede a ele que cure essas pessoas. É uma teoria equivocada quando alguém fala que você está benzendo alguém, está rezando é coisa do demônio. Eu não entro em detalhe quando alguém está questionando, porque religião ninguém discute, cada um acha que a sua está certa e só Deus que sabe quem realmente está certa.

⁷³ Rios do estado de Rondônia.

-

⁷¹Embarcação de fundo chato, para transbordo de carga, Ferreira, 2000.

⁷²Rojar: trazer ou levar (algo) arrastando-o; atirar, arremessar; rastejar, Ferreira, 2000.

Mas eu posso garantir que não é errado você benzer uma pessoa quando você está pedindo a Deus que cure, que tire a doença daquela pessoa. Teve aquela criança que estava tão triste quando nós subimos, na volta, estava tão alegre, bonita, contente e a mãe contente porque ela falou que foi Deus que havia me mandado, isso é bom.

Tem gente que me confunde dizendo que sou macumbeiro e digo que não sou, eu aprendi a rezar, é diferente. Aprendi a rezar para pedir a Deus que cure uma pessoa, que defenda, que livre do mal, não acredito que esteja errado. Seja nos seringais ou nas reservas a tradição da reza está se perdendo. Tinham pessoas que levavam mordidas de cobras e chegavam até um curador, a pessoa rezava, fazia uma oração e aquela pessoa levantava a partir daquele momento. Hoje está se perdendo, porque com a chegada da religião evangélica, eles condenam, quem é evangélico não reza. Ele ora, tem a forma de orar, mais é outra forma de ver, outra forma, outras palavras que são ditas. Não é que eu não acredite que orando fique bom, fica, se a pessoa estiver com fé ele vai orando e fica bom, mas está se perdendo a questão do tratamento através das orações.

Tem ocasião que a gente sente que precisa, mas às vezes nós vemos que a pessoa não aceita, ontem aquela criança que desceu doente, ela precisaria ser benzida, mas eu não fui me oferecer para benzer porque eu sei que todos indígenas são evangélicos e eles não iriam aceitar que eu colocasse a mão na criança, achei melhor deixar quieto.

É melhor quando a pessoa chega e pede para fazermos porque você evita uma contradição. Às vezes estamos oferecendo uma oportunidade e a pessoa não quer e comeca a nos tratar mal. esse dom que eu tenho é mais voltado para as criancas, não é uma questão de que as criancas precisam de mais proteção que os adultos, acho até que o adulto precisa mais. É que a minha parte é mais com as crianças, mas também não deixo um adulto quando está precisando, eu também rezo no adulto, com uma dor de cabeça, com a espinhela caída, peito aberto, só não rezo para vermelha porque eu tenho vermelha, essa minha perna tem problema de esipa, erisipela⁷⁴. Se eu rezar em um dia no outro dia ela pode passar para mim porque eu também tenho, às vezes quando eu rezo, o mal que está sobre a criança vem para mim, às vezes eu passo mal e às vezes não, depende muito da natureza daquela criança. Porque eu acredito, dentro do meu aprendizado, que cada um de nós quando nascemos temos um anjo que nos defende, nosso anjo da guarda, assim que aprendemos dentro do catolicismo, nossos pais nos ensinaram. Esses anjos da guarda, alguns que tem mais força do que outros dependendo de como é o tratamento principalmente, a criança não sabe se proteger, mas quem protege a criança, anjo da guarda da criança que fortalece é a mãe, é o pai, é a família e às vezes esse anjo da guarda está desprotegido, tem outro querendo se apoderar do lugar e na hora que a gente chega sente-se ruim, já houve crianças que eu benzi e passei 24 horas ruim, só me levantei depois que a criança levantou também.

Não tem aquela mancha vermelha que a perna fica igual a um tomate, é isso, porque o meu é erisipela crônica que eu adquiri com a mordida da cobra. Se eu benzer para erisipela no outro dia a minha perna fica com erisipela, então eu evito. Assim mesmo, outro dia tinha uma pessoa que estava sozinha, não tinha muito jeito, eu fui lá e pequei um pedacinho, disse:

"Tem um pedacinho de fumo?"

Aí ele disse que tinha, fui e peguei um pedacinho de tabaco, segurei e acabei fazendo as orações e não passou para mim, mas nem sempre a gente faz isso. O tabaco não deixa passar, por isso estou levando uma mudinha, temos que estar prevenidos. Primeiro Deus e depois o aprendizado.

Tem gente que fala que vai esperar que Deus venha, Deus vem até nós em diversas formas e muitas vezes não aceitamos a presença dele. Deus vem quando estamos desesperados, de repente bate uma pessoa na sua porta e pede para pregar a palavra, deixe, porque Deus está vindo para te confortar daquela angustia que você está sentindo.

A pessoa está doente, aparece alguém que irá benzer, e assim Deus se manifesta na gente de diversas formas, Ele vem até nós de diversas maneiras. Agora, esperar que Ele venha diretamente, Ele não irá sair do seu trono, continue esperando, mas Ele tem as formas, para isso ele deixou o médico, deixou a inteligência, aprendizado, deixou todas essas coisas para que a gente utilize. Deixou o bem e deixou o mal e a gente vai usar dependendo da nossa natureza.

Meu pai era benzedor, eu sou e a minha filha está aprendendo, inclusive ela é mais do que eu, ela é médium de nascença, ela aos 13 anos enlouqueceu, passou 1 ano todo, eu fui em médico, em todos os lugares que me indicavam, igreja que vai exorcizar, aí eu levava ela e nada. Até que comigo ela ia bem, mas com a mãe dela o destino era matar, queria matar pai, mãe, todo mundo. Pequenina, com 13 anos, não tinha homem que segurasse ela, chutava, falava grosso, era complicado. Aí um camarada chegou dizendo para orar, um pastor, então oraram, oraram e ela passou o pé no braço dele e o sangue começou a descer, e disse que estava tirando o sangue dele porque era o sangue

.

⁷⁴Forma aguda superficial de celulite; causada por estreptococo, Ferreira, 2000.

dele que queria, então largou, correu e foi embora, eu fui e chamei um rezador, rezamos um terço que afastou aquele negócio. Aí eu tive que levá-la em uma sessão espírita e fazer um tratamento no Espiritismo. Fez-se o tratamento que foi prolongado, durou 3 meses, mas graças a Deus ficou boa, mas ela foi batizada dentro do Espiritismo, a partir dos 21 anos em diante não tem hora para ela poder trabalhar. Eu apenas rezo e ela tem o dom de receber espíritos e desenvolver a mediunidade dela. Às vezes as coisas não estão tão bem, fico olhando ela com a folha benzendo alguém, eu digo para seguir. Mas é assim mesmo cada passo que a vida nos leva.

Cortei seringa dos 13 anos até esse ano, até quase 62, faço 62 em fevereiro, quase 50 anos cortando seringa. Eu acredito que mesmo que haja melhora no preço muitos não irão voltar a cortar seringa, não é muito uma questão de preço, mas uma questão de costume, esse é meu ponto de vista. Teve um período que a borracha ficou além do preço ser baixo não tinha mercado, porque quando o preço baixa, sempre cortávamos, fazíamos e vendíamos, ela pegou uma época, uns 3, 4 anos que não tinha para quem vender, quem fizesse borracha não vendia e aqueles jovens, adolescentes foram ficando homem, casaram-se sem mexer com a borracha, então eles não têm a tradição da borracha. Com a melhora do preço teve alguns que ainda voltaram, começaram a cortar, se a borracha melhorar o preço vai aumentar o numero de seringueiros cortando, agora não pode garantir que 100% dos moradores da reserva irão cortar seringa porque há deles que não gostam.

É uma vida sofrida porque, que nem aquele rapaz, sozinho, morando em uma colocação. Quem vai para o mato chega de tarde e não tem ninguém para fazer nada para ele, vai ter que lavar roupa, fazer comida, mas por outro lado é tranquilo, é sossegado.

Melhorou depois que parou de defumar a borracha, primeiro que todos aqueles antigos ficaram cegos por causa da fumaça da madeira. Eram várias horas com o rosto naquela fumaça e muitos perderam a vista. Outra coisa, você não tinha tempo para nada, era o dia todo, o meu pai começava 5 da manhã e terminava 7 horas da noite de defumar sua borracha, era o dia todo somente naquele serviço. Hoje saímos para cortar 5 horas da manhã, chega 11, 12 horas do dia, o leite fica no mato, na parte da tarde a pessoa vai pegar um peixe para comer, vai plantar uma roça, tem outra atividade para fazer, então melhorou bastante, deu alternativas para ganharmos outro dinheiro depois que a borracha passou a ficar imprensada. A gente geralmente prensa a borracha 2 vezes por mês, vai cortando e elas vão ficando na tigela,o sernambi vai juntando bastante para não ficar seco a gente tira 1 dia, um sábado a tarde, um domingo, a gente tira aquela borracha toda, prensa e continua cortando, no final do mês quando a gente vai baixar⁷⁵, dá outra prensada no restante da borracha, a gente faz uma prensada, fica um dia de corte no mato. Então facilitou muito esse trabalho, se ela tiver preço mesmo, assim mesmo de idade como estou ainda faço 200 quilos de borracha todo mês. 200 quilos de borracha todo mês que eu fizer, ela dando a R\$ 4,00 dá R\$ 800,00, já dá para ajudar com a farinha, com o arroz e outras atividades que você tiver. Se você já é aposentado e tem o dinheiro da aposentadoria, o dinheiro da borracha vem para complementar.

Voltaria a cortar quem tem o costume, e alguns novos, digamos que metade dos novos voltariam, entrariam na atividade. O fato de muitos que nasceram nas reservas e não quererem permanecer nas mesmas, é uma questão política, é uma questão que foge do controle, das nossas possibilidades, é a questão educação porque quem tem 4, 5 filhos que cresceu, ele e a mulher mal aprendem a assinar o nome, alguns têm que pedir como vimos nessas reuniões companheiros pedindo que outros assinem por eles, ele não quer que o filho tenha o mesmo destino. Aqui a escola funciona da 1ª a 4ª série. 4ª série hoje é muito pouco, praticamente a pessoa está alfabetizada. Para fazer da 5ª a 8ª série tem que ir para a cidade, a mãe vai para a cidade leva 3, 4 filhos, não tem como o marido ficar só, ele fica uns dias e vai embora também, esse tem sido o grande motivo dessa reserva estar ficando vazia, a questão da educação, tanto aqui como na Ouro Preto⁷⁶ e outras regiões, Machadinho⁷⁷ é diferente porque as colocações tudo tem acesso à estrada e os ônibus escolares entram, as reservas são pequenas, perto da cidade, os ônibus escolares vão até os pontos e trazem todos para a cidade e leva de volta.

Nós aqui não temos condições de fazer isso, a nossa saída seria ter uma escola com semiinternato, tipo a Escola Família Agrícola, onde a criança passe 15 dias no colégio e 15 dias na casa dos pais para não perder o costume, a tradição do trabalho, mas que venha a aprender durante esse período. Já tem alguns locais em Rondônia que funciona e nós temos pelejado por isso, batalhado e até agora não conseguimos avançar, mas seria uma das oportunidades para nós.

77 Município do estado de Rondônia.

⁷⁵ Descer o rio.

⁷⁶Reserva Extrativista que faz fronteiras com a Resex do Pacaás Novos.

Eu comecei em 1989 na comissão dos extrativistas que foi criada pelo CNS⁷⁸, com essa comissão conseguimos que as pessoas permanecessem dentro da área e essa comissão trabalhou a criação da reserva extrativista. Inclusive na época da assinatura eu estava no rio, quem foi em Brasília para assinar foi o Manduca, o primeiro seringueiro aqui de Rondônia a ir a Brasília para assinar um documento importante, a criação da Reserva Extrativista Rio Ouro Preto. Então foi fundada a primeira associação de seringueiros que tinha o nome de ASGM, eu fui o presidente-fundador, fiquei 2 anos, ao final desses 2 anos terminou meu mandato e sai.

Nós quando começamos não tínhamos nada, tinha uma casa ganha pelo governo do Jerônimo Santana⁷⁹ através de uma vereadora chamada Naiara, que era a casinha do seringueiro, onde hoje é um alojamento que está fechado por falta de atividade, segundo dizem estar reformando. A gente fazia nossas reuniões, criamos associações, nós fazíamos nossas reuniões sentados com uma vela acessa, nós tínhamos que nos reunir lá porque era nosso, nós tínhamos que começar de lá. Ao final dos 2 anos de mandato deixei o armazém grande, arrumado, a sede ampliada, conseguimos recursos 370 mil do governo federal através do CNPT⁸⁰, deixei a implantação de 8 escolas funcionando no Pacaás Novos e Ouro Preto, foram 8 escolas e 6 postos de saúde com enfermeiros capacitados, não eram agentes de saúde, eram auxiliares de enfermagem, foram capacitados no Hospital Regional⁸¹, tinha o Daniel, o Odair, que está na saúde até hoje em Guajará, o José, também foi capacitado, enfim outros companheiros, foram 18 companheiros capacitados para tomar de conta desses postos de saúde

Ao final do mandato eu entreguei-o ao... e assumiu e eu fiquei como conselho fiscal da USE na organização dos seringueiros por 3 mandatos e fui Secretário-Geral do Conselho Nacional dos Seringueiros. Fiquei 3 anos no Conselho Nacional dos Seringueiros trabalhando a nível de Brasil, passava 15 dias aqui em Rondônia, passava 15 dias em Brasília vendo a política geral do CNS. Fundamos uma cooperativa, a SERON⁸², fiquei 2 anos como presidente, depois terminou meu mandato e foi passado a presidência para outros. Ela ainda existe com uma série de problemas que não vale a pena relatar no momento. Voltei a Jaci-Paraná e fui fundador de uma associação chamada Bem-te-vi e fiquei 4 anos na presidência, antes de terminar meu mandato eu sai devido ao grande foco de invasão e eu estava sempre com a Polícia Ambiental e a Sedam lá dentro fazendo cobertura naquela região, tive que sair corrido de lá, porque senão os grileiros me matavam, na Resex Rio Jaci. Peguei um caminhão à noite e coloquei minhas coisas, anoiteci no Jaci e não amanheci, dessa carreira eu vim parar em Guajará-Mirim.

Em Guajará-Mirim fiquei 2 anos trabalhando na comunidade, passei a ser líder comunitário e depois passei a fazer parte do conselho da Resex, do Conselho Deliberativo da Reserva Extrativista Rio Ouro Preto. Fui segundo-secretário junto com o José Ribamar, ele desistiu e tivemos que fazer uma nova eleição. Me candidatei e perdi e hoje estou na OSR⁸³ junto com o companheiro Ludo, a Lucia, tentando utilizar desse conhecimento que a gente tem para resgatar a política do movimento que hoje está bem defasada. Várias dificuldades e entraram pessoas na OSR que não deveriam e que complicou bastante a situação, mas estamos tentando buscar as parcerias e resgatar o nome da organização dos seringueiros de Rondônia novamente. Essa é minha pequena história na trajetória política.

Já vi tanta coisa, já vi que a vida é bela e vale a pena viver e que a coisa mais importante na vida de um ser humano é primeiro Deus e depois a família, tudo começa com essas 2 pessoas, Deus e a família, a família é o alicerce do ser humano, do homem, da mulher. Meu pai sempre dizia que tem família e tem uma imitação de família, que é muita gente que mora na mesma casa, que é tudo parente mais que acaba não sendo uma família. Só é família quando tem união, acordo, entendimento entre a família e graças a Deus eu tenho essa família tanto em casa com minha esposa, minha filha, meus irmãos, todos os meus parentes somos unidos e dá força para continuar lutando.

E uma das coisas que me dá forças para continuar lutando também é meus companheiros aqui dentro. Enquanto eu vejo um homem sofrido como eu aqui precisando de alguém para estar levando o nome deles e defendendo eu estou aí, enquanto as pernas derem, porque os dentes já caíram, as pessoas perguntam por que eu não coloco dentes e digo que ser sem dente já virou marca registrada, se eu colocar os dentes já muda.

82 Serinqueiros do Estado de Rondônia.

⁷⁸ Conselho Nacional dos Seringueiros.

⁷⁹ Governador do estado na época.

⁸⁰ Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais.

⁸¹ Em Guajará-Mirim.

⁸³Organização dos Seringueiros de Rondônia.

A gente dentro do seringal como vivia antigamente, a gente não vivia, mas somente passava pela vida porque vivíamos isolados. De alguma forma era um trabalho escravo, mas a maioria não. Naquela época era o meio de vida que se tinha, a pessoa ia para o seringal trabalhar de certa forma escravizada ou ele não tinha como viver, não tinha alternativa, o próprio sistema nos obrigava a seguir aquela situação. É tanto que digo sim porque quando você chegava dependia, você era obrigado a compra daquela mesma pessoa, tinha que vender para aquela mesma pessoa, cumprir as leis que aquela pessoa determinava. Essas leis tinha ocasião que era o seguinte: você viu como o seu Papacho falou:

"Faca a sua aviação a outra quem vai fazer sou eu".

A pessoa chegava e comprava, esse mês eu comprei 4 latas de óleo, comprei 4 latas de leite para o meu filho, 10 quilos de açúcar, 20 quilos de arroz, minha primeira aviação. O mês que vem eu achei que aquela aviação foi pouca e aumentei mais o patrão não... não, ele diz que a lei aqui é o seguinte:

_ "O que você comprou nessa primeira aviação, nessa sua primeira mercadoria você tem que receber essa quantidade até o final do ano, se terminar na metade do mês, você ficará sem esse objeto".

Outra lei era que você só baixava do teu seringal depois que pagava a conta, se tivesse doente ou sadio, não ia enquanto não pagasse a conta. Quando a pessoa não conseguia pagar a conta cortando seringa ele ia roçar pátio, pasto, iria trabalhar de vaqueiro, cozinheiro, tinha que fazer qualquer atividade, mas só saia depois que pagasse. Isso era lei dentro do seringal.

Era a questão do abono, você abonava um seringueiro, ele não poderia mais ir com outro patrão porque já era daquele. Essas eram as formas que tinham, a pessoa dizia que no seringal dela, tinha um seringal chamado Oruparique, o patrão dizia

"Quem entrou no Jurupari só sai daqui depois que pari".

Cada um colocava suas próprias normas e não havia ninguém que dissesse que estava errado porque sempre que você chegava à cidade o delegado sempre estava apoiando o patrão, o seringalista, ele que era o produtor de borracha e nós apenas o objeto da produção. São essas coisas que a gente via.

A pessoa que entra para uma colocação de seringa, viajava 8 dias de Guajará-Mirim até chegar ao São Luiz. De São Luiz mais 6 dias no lombo de um burro e fica numa colocação de seringa somente a mulher, o marido e mais 2, 3 filhos, o último da linha, onde não vê ninguém, está trabalhando, produzindo, comendo mas não está vivendo. Para mim está passando pela vida, sonhando um dia sair daquela situação e quando tem a oportunidade de sair ele vai e não volta mais. Só Deus na causa para uma pessoa sair viva de determinadas situações. Isso não era somente um, mais vários.

Muita gente morreu, muitos foram enterrados dentro daquelas matas, pela flecha do índio, pela doença, pela malária que na época era paludismo, beribéri... cada barranco desses tem gente sepultada, seja pela flecha, pelo beribéri, pelo paludismo, raros casos de pessoas comidas pelas onças, outros mordidos pelas cobras, mordida de cobra vi muita gente morrer, onça sei de poucos casos. Agora cobra esse seringal de terra firme todo ano tinha gente mordida de cobra, era uma coisa que não faltava nos barracões... era específico.

O barracão tinha o gerente que era enfermeiro, médico, era tudo na época eles tinham soro para aplicação da mordida de cobra, quando diziam que alguém havia sido mordido por cobra o gerente montava em um burro e ia para aplicar na pessoa, às vezes escapava, às vezes não.

A luta da gente parece um sonho... Meu pai partiu, fiquei olhando, fiquei com ele até a última hora, eu disse a ele que tínhamos batalhado muito, tivemos uma longa batalha juntos e:

_ "Você se foi e não tenho tristeza por isso, tenho orgulho porque quase 87 anos..."

Já estava na cidade, depois que minha mãe adoeceu e morreu, morreu com derrame em janeiro de 1988 aí ele não saiu mais da cidade, ele não quis mais vir, os meninos chamavam ele para passear e ele dizia que não... ele não mais saiu da cidade, ficou sempre lá. Ele cumpriu a missão, viu os netos, bisnetos, viu a família toda, foi um guerreiro, chegou sua hora de ir... A gente sente, mas se conforma porque sabe que é o caminho e quando a gente aprende que ninguém morre, que essa vida é passageira, a gente somente passa por aqui, a matéria acaba, mas nós continuamos vivos em espírito, isso de certa forma conforta. Quem sabe se Deus der a permissão a gente não se encontra lá no futuro... depende de Deus, da permissão e o destino de cada um.

Na mata já ouvi gritos, gemidos, assovios, chamar meu nome, nunca ouvi muita coisa não, só uma noite que eu estava no barreiro esperando a paca, eu foquei, era um chão limpo, não vi nada, desceram 3, entravam dentro do barreiro eu focava, barreiro é um local na terra que é salgado e os bichos vem roer aquela terra com gosto de sal, na terceira e disse que iria embora, que não iria vir nada, então de repente começou gritando perto de mim, uma pessoa gritando desesperada pedindo

socorro, aquilo quase que me assustou porque eu sabia que não tinha ninguém na região, todo mundo tinha saído para uma festa, estava só eu no mato caçando. Então eu fiquei quieto escutando aquele negócio gritando, quando aquilo se calou, mas aquilo gritava mesmo, pedia socorro, era um desespero, como alguém que tem um bicho pegando. Aí eu desci devagar, cheguei embaixo e me lembrei que tinha que sair devagar porque se sair apressado dessas coisas a gente se assusta, você começa a escutar o próprio passo fazendo estrondo e faz a gente pensar que vem alguém atrás e a pessoa corre. Aí sai devagar, até que controlou aquele principio de medo e fui para casa, chegando em casa foquei, tinha uma paca e matei.

Uma vez que eu fui no dia de Finados aqui no Rio Novo, dia de Finados caiu em um domingo e a celebração iria ser na segunda-feira, e eu disse que iria cortar⁸⁴ porque não senti nada, foi ontem mesmo... E nesse dia eu ia cortando, alguém ia riscando uma faca na minha frente, todo tempo o cara cortando na minha frente, mas isso sempre seringueiro vê, essa questão, quase todo seringueiro escuta alguém que vai na frente riscando, passa a faca na seringueira e escuta o riscado, aí depois alguém chamava meu nome, eu parava olhava e não via ninguém, assoviava, gemia, isso foi o dia todo enquanto eu cortava e colhia, mas a gente sabe que isso não é nada. Se a pessoa se assustar, correr é o que aquela mesura quer, porque está brincando, aquilo que faz essas coisas não é de Deus, coisa de Deus não anda assustando ninguém.

Eu aprendi a ler e escrever pequeno, meu pai sabia e ele me ensinava, sentava na cabeceira da mesa, uma palmatória do lado porque eu não queria aprender, mas eu aprendi. Sempre eu trocava "o" pelo "a" e ganhava uma palmada, aí aprendi. Ele me ensinou a ler, escrever, fazer as 4 operações simplificada, eu aprendi, foi, ele quem me ensinou. Quando eu estava com 30 anos foi a primeira vez que fui à escola, arrumei minha primeira mulher e ela disse que eu teria que estudar e eu disse que não, até que um dia cheguei e ela havia me matriculado, já que ela tinha me matriculado eu fui, estudei 3 meses, fiz um teste de sondagem e passei para a 4ª série, aí parei novamente, quando eu queria fazer um recomeço não achei mais meu histórico para poder estudar, eu estava no Jaci-Paraná, a pouco tempo e recomecei, fiquei mais 3 meses, fiz a 4ª série novamente, aí estudei em Porto Velho 5ª e 6ª série então foi quando não deu para eu ficar mais e tiver que vir embora e parei. Quando cheguei em Guajará-Mirim achei que tinha o mesmo estudo para fazer a 7ª e a 8ª no mesmo ano, mas não tinha, tem que começar tudo, matéria por matéria então eu parei, mas esse ano estou querendo recomeçar de novo, fazer a 7ª e 8ª porque sempre é bom aprender um pouco mais.

⁸⁴ Cortar seringa.

4.2 Imagens do cotidiano dos moradores da Resex do Rio Pacaás Novos

Procuramos aqui construir um cotidiano da Resex através de imagens a partir das experiências narradas pelos moradores. As anotações feitas sobre o espaço vivido ao longo dos rios Novo e Pacaás Novos são impressões em sua maior parte da vivência estabelecida com Rose, gerente da UC, filha e neta de seringueiros e Vanderlei, seringueiro e filho de seringueiro, presidente da Associação Primavera, mas não estão desligadas do contato com os outros moradores e nossos colaboradores.



Foto 01: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2011.

Durante o período das enchentes a vegetação cresce e adentra o rio, formando o que os moradores chamam de colchas de vegetação, muitas vezes cobrindo o curso do rio obrigando os pilotos a passarem pelo meio da vegetação.



Foto 02: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2012.

Durante muito tempo esta colocação Baia Grande, comunidade Encrenca esteve desocupada, pela localização estratégica, a Sedam construiu uma Casa de apoio, servindo de apoio para equipes que estejam a trabalho e para moradores que estão se deslocando para Guajará-Mirim ou voltando para suas colocações e necessitam pernoitar, mas hoje por uma decisão judicial, a colocação voltou a pertencer a um antigo morador e a Casa de apoio foi desativada.



Foto 03: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2011.

Durante o período das cheias, a água sobe até mais de 300m barranco acima, com a subida da água vem junto o perigo às criações, como a aproximação de jacarés e cobras e nesse caso diminuição das pastagens fazendo com que o morador leve seu gado para áreas mais altas e com alimentação suficiente para o período.



Foto 04: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2009.

Praticamente todas as casas costumam se localizar as margens do rio ou de igarapés, daí a necessidade de serem suspensas por causa das enchentes no período das chuvas. Quando a enchente no ano é muito e a água invade a casa, no período das secas constrói-se outra um pouco mais distante.



Foto 05: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2011.

Panero, uma espécie de cesto é fabricado de palha, muito utilizado nos tempos dos seringais para transportar látex, ajustado normalmente na testa com uma alça e o cesto apoiada às costas, hoje é utilizado para o transporte de objetos ou armazenamento de objetos e grãos, herança do contato que os seringueiros tiveram com os indígenas da região do Pacaás Novos e rio Novo.



Foto 06: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2011.

A devoção pelo Divino Espírito Santo está presente em muitas famílias, dona Salete exibe com orgulho a Bandeira do Divino Espírito Santo que pendurada na sala da casa, muitas famílias descem o rio todos os anos para participarem das comemorações do Divino Espírito Santo em Guajará-Mirim.



Foto 07: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2011.

A palha da palmeira paxiúba ou pachiúba é muito utilizada pelos moradores, após a coleta coloca-se para secar, abrindo as folhas, sua utilização é principalmente como telhados das casas, casas de farinha e paiol, normalmente o telhado é trocado num intervalo de no máximo 5 anos pois segundo os moradores ajunta muitos insetos, roedores e até mesmo cobras.



Foto 08: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2011.

Telhado já pronto feito com a folha da palmeira de paxiúba ou pachiúba, depois de seca a folha da palmeira é trançada e encaixada uma a uma, de forma sistêmica para impedir a entrada de água da chuva. Esse tipo de telhado também é muito bem visto na época do calor, segundo os moradores a casa fica mais "fresca" no verão.



Foto 09: RIBEIRO DA SILVA, J. C.. Rio Pacaás Novos, 2011.

Presente em todas as colocações, o jirau é um tablado de madeira junto à beira do rio, local que serve de apoio para a realização de todas as atividades, tais como lavar a louça, tomar banho, lavar a roupa, base de apoio para pegar água do rio e "tratar" o peixe.



Foto 10: RIBEIRO DA SILVA, J. C.. Rio Pacaás Novos, 2012.

O banho normalmente é tomado no fim da tarde no rio e o jirau serve de apoio, normalmente o banho segue uma ordem: mergulha, sobe no jirau para se ensaboar e mais um mergulho para enxaguar.

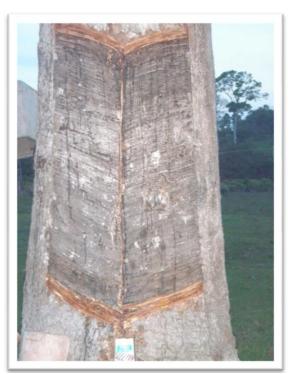


Foto 11: RIBEIRO DA SILVA, J. C.. Rio Pacaás Novos, 2011.

Seringueira localizada às margens do rio Pacaás Novos onde ainda se extrai látex da mesma maneira que era extraído nos tempos de seringal, com a faca de cortar seringa e fazendo riscos para o leite escorrer, este fica armazenado em latas ou garrafas PET. Hoje somente duas pessoas cortam seringa no Pacaás Novos.



Foto 12: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2011.

Hoje a forma como o látex é armazenado é bem diferente de tempos outrora, depois que a lata ou a garrafa PET estão cheias. o leite é retirado e armazenado na água.



Foto 13: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2011.

A maioria das casas da Resex possui um anexo chamado Casa de farinha, local composto com fornos, tachos e prensas, onde a farinha de mandioca ou macaxeira é fabricada. O trabalho normalmente é familiar, mas pode ser feito como ajudante ganhando diárias ou como meeiro. Hoje o fabrico da farinha na maioria das vezes é o complemento da renda familiar.



Foto 14: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2011.

O trabalho de secar e torrar a farinha é contínuo e exige muito esforço para que a farinha não queime, além da fumaça, o torrador tem que mexer continuamente para que a mesma fique totalmente seca e torrada. O processo consiste no descascar a mandioca, deixar de molho por alguns dias, raspar, ralar, prensar, peneirar e secar ou torrar a farinha.



Foto 15: RIBEIRO DA SILVA, J. C.Rio Pacaás Novos, 2011.

É comum os moradores pescarem o peixe e através de um processo de desidratação, este é salgado e posto ao sol para posterior consumo, normalmente para sua alimentação durante o deslocamento a Guajará-Mirim ou para presentear seus familiares que moram na cidade.

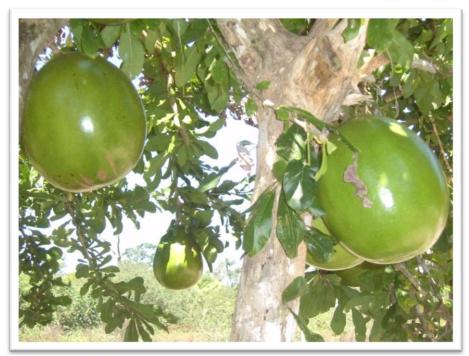


Foto 16: RIBEIRO DA SILVA, J. C.Rio Pacaás Novos, 2011.

A cuia ou cabaça é um instrumento muito útil para os moradores, partido ao meio rende duas cuias, instrumento usado para diversas finalidades tirar água do rio, servir de medidor, armazenar objetos ou mantimentos, depende apenas do formato do corte da cuia.



Foto 17: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2011.

Barco movido por um rabeta (um motor adaptado com um cano comprido e no final a hélice formando um rabo), colocado em canoas que podem ser a diesel, a gasolina ou a gás GLP, como nesse caso, segundo moradores, o gás é mais econômico e menos trabalhoso, pois não precisa ficar bombeando gasolina para o motor. A potência do motor rabeta é indiferente e sua velocidade é sempre pequena em relação a outros motores. Geralmente os motores acoplados na rabeta são de refrigeração a ar.



Foto 18: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2012.

Barco movido por um rabeta à gasolina, o tanque vai dentro da embarcação, normalmente perto do piloto que frequentemente precisa bombear a gasolina. Normalmente a tarefa de pilotar o barco é uma atividade quase que exclusiva dos homens, para ajudar na subida ou descida do rio muitas mulheres ajudam seus companheiros pilotando o barco para que os mesmos possam descansar. O rabeta é uma inovação e muito viável para os ribeirinhos.



Foto 19: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2008.

Urucum sendo seco, além de fazer parte da base alimentar dos moradores, muitas mulheres o secam e trituram para serem vendidos em Guajará-Mirim como complemento da renda ou quando não conseguem vender trocam por itens que necessitam na Resex.



Foto 20: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2008.

A horta sempre é suspensa para ficar fora do alcance de galinhas e patos, mas a variedade de verduras que encontramos é pouca, algumas vezes se resumem a cebolinha e chicória. O que faz com que a base alimentar dos moradores da Resex se limite a pouca ingestão de verduras e legumes, podendo gerar alguns problemas de saúde, principalmente nas crianças.



Foto 21: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2012.

Ainda é uma prática muito comum enterrarem seus entes à beira do barranco e próximos de suas colocações. Durante os tempos dos seringais, em cada grande seringal havia um cemitério.



Foto 22: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2008.

Vista lateral da Escola João da Mata que funciona na Comunidade Encrenca, antes da "reforma", hoje a única escola que está em funcionamento, já houveram três escolas em pleno funcionamento na Resex em décadas passadas. A escola atende alunos do ensino fundamental I e EJA, totalizando 30 alunos.



Foto 23: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2012.

Vista lateral da Escola João da Mata após a "reforma" realizada pelos moradores, o material foi ganho de uma construtora das Usinas do rio Madeira e gerou um problema na época, pois os moradores da Resex só sabiam trabalhar com madeira, precisaram contratar um mestre de obras para dar as coordenadas durante o período das obras, a mesma foi reerguida com a ajuda dos próprios moradores e dos alunos.



Foto 24: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2008.

Reunião de base com os moradores da Comunidade Encrenca no interior da Escola João da Mata, normalmente a reunião dura de 4 a 5 horas, é realizada pela manhã por causa do calor, depois é servido almoço e cada família vai para sua colocação, mas antes normalmente ganham um ou dois litros de gasolina para colocarem em seus rabetas como ajuda no deslocamento.



Foto 25: PEREIRA, W. S. Rio Pacaás Novos, 2012.

Reunião de base na Comunidade Margarida onde nossa participação foi de fazer as atas das reuniões já que nossas viagens de campo foram mediante carona junto com o Wando, líder da Associação Primavera e Rose, Gerente da Resex. Aproveitamos o ensejo para uma apresentação de nosso projeto de pesquisa



Foto 26: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2012.

Hoje podemos encontrar em várias colocações um gerador à diesel, normalmente as famílias possuem uma televisão, antena parabólica para assistirem TV à noite e um freezer que gela a água que será consumida durante o dia. Como normalmente descem à cidade uma vez ao mês, comprar diesel para o mês todo nem sempre é uma tarefa fácil, trazem o que é possível comprar, o que normalmente não é o suficiente para fornecer energia elétrica durante o mês todo.



Foto 27: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2011.

Pascana é um local aberto, plaino e com pouca vegetação que serve de ponto de apoio para os viajantes no rio, podem parar para descansar, fazer comida ou passarem a noite. Muitas vezes carregam um fogareiro para fazerem um arroz, uma frigideira para fritar o peixe, normalmente pescado na hora e um pote com farinha.



Foto 28: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2012.

A pesca pode ser feita com vara e anzol, espinhel, rede e com a zagaia, uma vara com uma lança na ponta, costume herdado dos indígenas, normalmente este tipo de pesca é feito à noite e para peixes específicos e exige muita habilidade e uma visão aguçada.



Foto 29: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2012.

Há três máquinas de limpar ou pelar arroz espalhados pela Resex, todas funcionam em sistema de ajuda mútua, a pessoa leva o óleo diesel para realizar o seu trabalho, normalmente o trabalho é feito com ajuda de parentes e vizinhos e o pagamento pode ser realizado em sacas de arroz.



Foto 30: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2008.

No período das cheias, as águas do rio invadem as matas formando imensos igapós, muitas vezes navegáveis com a ajuda dos remos, mas corre-se o risco de encalhar, daí é necessário sair do barco e empurrar ou puxar o barco.



Foto 31: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Novo, 2008.

Voadeira (barco de alumínio com motor de popa Hp 25) que ficou encalhado em um furo (atalhos que surgem nos períodos da cheia que permite ao barco cortar caminho entre a vegetação), daí faz-se necessário descer do barco e arrastar/empurrar, normalmente se sai do barco descalço e corre-se o risco de ser ferroado por arraias, muito comum na região.



Foto 32: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Novo, 2008.

Conforme a "casa corre" (desloca seu eixo), constrói outra, emendada ou próxima, a casa que não é mais utilizada como principal serve de cozinha ou depósito de mantimentos, farinha, combustível e outros objetos de valor ao morador.



Foto 33: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Novo, 2008.

Vista do rio Novo, ora estreito, ora largo, ora águas escuras e ora águas claras, fazendo com que seu acesso seja mais difícil. No verão amazônico, o rio tende a secar fazendo com que muitas vezes seus moradores fiquem ilhados, por isso muitas vezes armazenam uma grande quantidade de mantimentos como arroz, feijão, sal, açúcar, óleo, café, leite em pó, entre outros.



Foto 34: BAZAN, C. M. Rio Pacaás Novos, 2009.

Muitas famílias utilizam o fogão a gás, mas como nem sempre o gás dura o tempo suficiente até a próxima viagem para comprar mantimentos, o fogão a lenha é um item indispensável nas cozinhas dos ribeirinhos.



Foto 35. RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2011.

Manter as panelas areadas e o fogão limpo é fator importante para as mulheres. Neste caso a moradora caminha alguns quilômetros uma vez por semana para buscar argila branca para passar no fogão todos os dias após o uso, fazendo com que o fogão fique sempre branquinho para combinar com as panelas extremamente areadas que mais parecem espelhos.



Foto 36: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2011.

A construção de canoas e barcos é um outro ofício do ribeirinho, uma relevante tradição que passa de pai para filho, são construídas artesanalmente, sendo aproveitados todos os recursos que a floresta oferece, a madeira mais utilizada é o tamborim.



Foto 37: RIBEIRO DA SILVA, J. C. Rio Pacaás Novos, 2011.

A experiência na fabricação de canoas já rendeu muitos frutos, além da comercialização, troca, o meio de locomoção das crianças irem à escola. Também é comum os pais passarem seus ensinamentos aos filhos na hora de pilotar o rabeta, proporcionando além de meio de locomoção para as crianças a possibilidade dos filhos, desde cedo ajudarem os pais nas lidas diárias.

5 COMPREENDENDO O SERINGAL E A RESEX A PARTIR DE NOSSOS COLABORADORES

Ao longo dos rios Pacaás Novos e Novo é o lugar onde seu Pitito, dona China, seu Chico e tantos outros nasceram, viveram a juventude ou a idade adulta, tornaram-se pais, mães, esposas, esposos, trabalharam e batalharam pelo sustento de suas famílias e criação de filhos. Só quem sabe o caminho das águas consegue explicar que para chegar até lá é preciso ir de barco pelas águas dos rios.

A região é lembrada pelas pessoas que lá viveram na época do seringal como um lugar bom para uns, ruim para outros, farto de peixes, caça e, em seus arredores, povos indígenas.

Nas histórias contadas por dona China sobre esses indígenas é possível perceber o processo da relação interétnica que aos poucos foi se construindo entre os habitantes não indígenas e os indígenas.

Em um dos momentos da conversa, a presença indígena é relatada com espanto, dando a entender que havia um certo perigo, que se tratava de uma fase ainda de estranhamento nos contatos estabelecidos: "haviam muitos índios bravos" [linha 112], normalmente os índios colocavam algo para obstruir a passagem do seringueiro pela estrada, uma espécie de barreira que não deveria ser transposta, a "pena vermelha de arara para eles é guerra" [linha 143]. Quem não respeitasse essa barreira, normalmente era flechado. Tanto que durante o tempo em que dona China e seu esposo moraram nessa colocação nada aconteceu, pois eles respeitavam esses limites impostos pelos indígenas [linhas 141, 149 e 157]. Mas logo que outra família se mudou para lá flecharam praticamente todos [linha 158].

Nas histórias de seu Pitito, esse contato foi positivo, seus filhos foram alfabetizados na escola na aldeia, iam todos os dias de canoa e os índios os deixavam em casa após a aula [linhas 212-213].

Já na narrativa de seu Chico, a história é outra. Seu Chico chegou a trabalhar com Manoel Lucindo, tido por muitos como o maior matador de índios da região, cujo lema era "índio bom é índio morto". Segundo seu Chico, Lucindo tentou contato com uma tribo não pacificada por duas vezes [linhas 146 e 155], mas as tentativas não foram bem sucedidas, terminando em muitas mortes.

Por meio dessas lembranças, é possível percebermos que os poucos indígenas e não indígenas que habitavam o mesmo lugar tornaram-se conhecidos e suas culturas se entrecruzaram. Várias outras crianças foram alfabetizadas nas aldeias, pois não havia escolas nos seringais.

Hoje a extração de borracha é muito pequena no contexto da realidade produtiva de um seringal nos dias atuais. Suas colocações não geram muita riqueza, tanto que as pessoas ao longo do Pacaás Novos e rio Novo estão deixando de extrair o látex, mas a existência dessas colocações é primordial para a preservação e manutenção do meio ambiente. Segundo as falas de seu Pitito "naquela época tinha pra mais de oitenta seringais lá pro Pacaás, uma base de oitenta seringais" [linha 77] e dona China, "moravam no seringal trezentas pessoas, falava em trezentas facas, era muita gente, era no seringal São Luis" [linha 67].

As palavras acima ditas por seu Pitito se referindo a mais de oitenta seringais entende-se que normalmente cada seringal possuía um "patrão". Em relação às palavras de dona China, trezentas facas refere-se a trezentos homens ou trezentas mãos portando facas e cortando seringa em um único seringal.

Neste contexto, o destaque ficou por conta dos milhares de nordestinos que de um modo ou outro vieram para a região amazônica cortar seringa, onde, a ânsia por dias melhores levava-os a verem a seringueira como a "árvore da fortuna", e a Amazônia, como um lugar bom para se viver, onde a propaganda os aludia a riqueza, fartura. Quando deixaram sua terra natal foram obrigados a se inserirem em um novo modo de vida, trouxeram na bagagem sua herança cultural que aos poucos se fundiu com outras locais, formando, aos poucos, um novo modo de ser, de viver e sobreviver. Assim, esse grupo social inserido na Amazônia, um local inóspito e desconhecido, se integram e constroem seu próprio espaço, fazendo deste o seu

lugar. Aos poucos passam a entender da floresta como poucos. Podemos verificar isso na fala de seu Chico Leonel.

[...] meu pai foi soldado da borracha e veio aqui para a região em 1943, na época ele veio recrutado com o pai dele, o meu avô era soldado da borracha e ele e os outros irmãos vieram juntos, ele era o mais velho com 16 anos quando começaram a cortar seringa, foram trabalhar no seringal do Ricardo inicialmente, onde ficaram por quatro anos no Rio Pardo. Naquela época para chegar a Ariquemes tinha que subir pelo rio, cruzava duas cachoeiras até chegar a Ariquemes depois de lá seguir para o seringal. Depois de 4 anos ele voltou para o Nordeste com a família, casou-se, quando foi em 1950 ele pegou a esposa e voltou para a Amazônia, não conseguiu mais se adaptar com o modo de vida do Ceará depois de 4 anos na região amazônica, não conseguiu mais se adaptar e veio embora. Inicialmente veio com destino a Porto Velho, onde ele iria trabalhar, mas encontrou o pai dele e parou em Manaus, nessa parada em Manaus, o pai dele chegou e estava vindo para Guajará-Mirim e ele acompanhou o pai e vieram trabalhar no seringal no São Luis, no dia 3 de fevereiro de 1951 eu nasci no seringal São Luis e fiquei por 18 anos [...].[linha 02-15].

As palavras de seu Chico nos mostram dois fatores: primeiro, o pai, o avô e tios vindos como soldados da borracha, depois de 4 anos voltam para o Ceará, segundo: seu pai não se adapta ao antigo modo de vida e volta para a Amazônia. Essa primeira migração não deve ter sido tão ruim assim, pois ao retornar ao Ceará, seu Leonel, pai de seu Chico não se adaptou e voltou trazendo a esposa.

Dentro do sistema hierárquico da borracha, o seringueiro, o menor de todos na escala, sofreu muito, sendo vítima, tanto quanto os índios que habitavam a região do rio Pacaás e rio Novo.

Sobre o ofício do seringueiro, seu Chico nos faz uma colocação que apresentamos como um ponto inicial para se pensar o seringueiro:

A gente diz que a seringa nasceu para todo mundo, mas nem todo mundo nasceu para a seringa, é que nem a honestidade, vem para todo mundo, mas nem todo mundo nasceu para ser honesto, assim é o seringueiro. [linha 185-187].

O ofício de seringueiro é um tanto quanto peculiar. Normalmente exercia seu ofício nas madrugadas, com a ajuda de uma poronga acoplada à cabeça para iluminar as estradas e as árvores, correndo o risco de serem flechados por índios, atacados por algum animal selvagem, principalmente cobra, tendo uma alimentação um tanto quanto regrada, acordando de madrugada para cortar e ao chegar em casa após o meio dia ainda ia para a beira de uma fornalha defumar o látex.

Classificados pelos patrões como bom ou mau seringueiro. Seu Chico lembra que o bom seringueiro era aquele que produzia mais de 800 kg de borracha, podendo chegar a 2.800 kg/ano, até mesmo 3 toneladas [linha 172-175]. Já para seu Pitito que foi patrão, o bom seringueiro produzia de 1.000 a 1.500 kg/ano [linha 148]. Quem trabalhava bem tinha "regalias com o patrão" [linha 181], já no caso do "preguiçoso" podia chegar a apanhar, uma forma de corretivo para produzir mais [linha 194].

Mas também havia os castigos para o mau seringueiro ou preguiçoso, onde segundo seu Pitito,

[...] Só que naquela época o negócio era duro assim, se o senhor trabalhasse bem, o senhor tinha direito de ter todas as regalias com o patrão, agora, se não trabalhasse e fosse preguiçoso, o patrão cortava o rancho. Eu chegava e olhava e dizia: "não, porque que você não tá produzindo? Ah seu Pitito, eu tive uma dor de barriga, não fui trabalhar, passei dez dias, quinze dias sem trabalhar... Olha, eu vou cortar teu rancho", aí eu chegava e cortava tudo pela metade. Se no outro mês não melhorasse de produção, eu cortava tudo, aí o senhor ia trabalhar sem comer nada. Não vendia nada, tinha de trabalhar e não adiantava ficar bravo não, porque se tinha algum que queria vir encima, mas eu sempre andava acompanhado com dois, três capangas, né, os cabras bons, tinha um rifle do lado, a gente não largava a espingarda, eu, por exemplo, andava com um revólver 38 que era do meu pai, eu não largava o 38 não. Aí se tinha algum bravo a gente mandava os camaradas darem uma sova nele. dava uma surra nele e ele ficava até pagar todo o prejuízo que ele deu. Ai no fim do ano quando a gente batia a conta, colocava, colocava bem legível: mau seringueiro, mau produtor, malandro, vagabundo, quando ele chegava aqui na cidade que ia com o patrão dizia: "ah eu trabalhei. Com quem o senhor trabalhou?" "Ah com o seu Pitito". "Cadê a conta?" Aí ele pegava a sua conta e olhava e dizia: "quero o senhor não, pode ir embora". É tanto que o negócio arruinava que o camarada tinha que trabalhar de capanga com o outro seringueiro, o outro ia lá, pegava o dinheiro e dava para o vagabundo, 200 cruzeiros, 300 cruzeiros, aí o cara ia e gastava, chegava lá o cara ia trabalhar ajudar a cortar, ajudar a colher. Então naquela época não tinha vagabundo não [...]. [linha 181-205].

O seringueiro que aos olhos do patrão não estivesse produzindo o suficiente, no seringal onde seu Pitito foi gerente tinha o envio de seus mantimentos reduzidos e até mesmo chegavam a apanhar, como "corretivo" para deixar de ser "vagabundo" e produzir mais no mês seguinte, independente se o seringueiro esteve doente ou não. Como seu Pitito tem um problema na perna que dificulta sua locomoção, além de sempre andar armado, andava também com jagunços que cumpriam suas ordens.

Dona China [linha 56] relata em suas lembranças que patrão não era ruim, era bom, a questão era o seringueiro trabalhar bem. A visão de bom patrão

também é de benfeitor, pois o seringueiro que "aprontava" na rua o patrão tirava da cadeia e levava para o seringal para cumprir pena "lá dentro do mato" [linha 63-66].

Grande parte desses seringueiros que trouxeram visibilidade para a Amazônia e divisas para o Brasil, sendo o segundo principal produto de exportação no século XIX, viram-se simplesmente abandonados e esquecidos nos mais diversos pontos da imensidão amazônica e na periferia de cidades como Rio Branco (AC), Manaus (AM), Belém (PA) e Porto Velho (RO) sendo obrigados a adaptarem e se inserirem a um novo modo de vida. Desse sofrimento, temos na fala de seu Chico Leonel,

[...] O trabalho era o seguinte: a gente dependia de tudo do barração, a não ser uma galinha que você criasse no terreiro, um feijão, arroz, milho, farinha, vinha tudo do barração, quando a gente chegava na colocação que não havia sido aberta ainda, o seringalista mandava abrir aquela colocação, avançar as estradas, fazer o defumador. A seringa era borracha defumada, não era que nem a borracha de hoje, fazia o defumador, o meu pai nunca deixava que fizesse a fornalha, que é uma estrutura feita na terra aonde vai colocando os cavacos de madeira para poder passar o leite na fumaça para transformar em borracha [...] Todo final de ano era feia a prestação de conta, dezembro era feita a pesagem da borracha, no caso do seringal São Luiz, do Manoel Lucindo na última borracha, a borracha verde, ele tirava 10% no peso da borracha. As primeiras que eram feitas ele tirava 5%, era a famosa tara que era tirada da pesagem do quilo da borracha. O seringueiro para fazer 2000 guilos de borracha normalmente ele teria que ter 2200 quilos para poder pesar 2000 quilos de borracha líquida. Além do seringalista lucrar com o que ele vendia no barração, ele ainda tirava uma parte da borracha ou tara da borracha. Uns tiravam 10% outros tiravam um pouco mais. Isso era uma norma do seringalista e não um acordo [...]. [linha 30-33 e 73-80].

Anualmente o bom seringueiro teria que produzir 2.500, 3.000 quilos de borracha por ano, caso o seringueiro atingisse algumas toneladas era visto como um bom seringueiro, recebendo tratamento diferenciado pelo patrão, tendo mais crédito e recebendo ajuda médica, caso necessitasse. O seringueiro que não tinha uma produção satisfatória, segundo o patrão "estava comendo do trabalho dos outros".

Se o seringueiro não era um bom trabalhador, porém tinha mulher, segundo dona China [linha 57-62], o patrão "tomava a mulher do preguiçoso e dava para o trabalhador". Este acabava tendo que trabalhar o triplo, pois além de seu próprio sustento, agora tinha mais uma boca para alimentar e honrar a dívida do preguiçoso que não merecia ter mulher.

Dona China, em sua fala, relata que seu marido era trabalhador e recebia regalias do patrão,

[...] Dava para criar os filhos porque a gente, o meu marido como era trabalhador quando era novo, despachavam para ele duas latas de leite por mês aí tinha que regrar até dá, massa que hoje em dia compramos, não comprávamos, nós secávamos a banana e fazíamos massa para dar para as crianças. Os meninos quando estavam grandes ajudavam a cortar seringa, uma tinha seis anos quando começou a me ajudar [..]. [linha 118-123].

Mas para receber essas regalias, como latas de leite a mais para os filhos, dona China ajudava o marido a cortar seringa, até mesmo uma filha começou a ajudar aos seis anos de idade. E,

- [...] O patrão todo final de mês mandava a mercadoria para nós e trazia a borracha, aquele que não tinha a borracha a mercadoria voltava [...]. [linha 43-44.
- [...] Todo tempo ajudava meu marido a cortar borracha, ele entrava por uma perna de estrada, um caminho, e eu ia por outra, e nos encontrávamos com cem madeiras para cada um, de dois em dois dias, na colocação tinha duzentas madeiras dentro da estrada, nós cortávamos, mas não era colhido, nós deixávamos coalhar dentro da mata, então quando coalhava nós íamos colher o sernambi, que é quando coalha o leite e tem valor mais barato que a borracha, depois passamos para defumar, para defumar nós enchíamos uma fornalha, um forno no chão, enchiamos de coco, aquela fumaça, a gente colocava um pau assim, enrolava de sernambi e íamos jogando o leite e defumando até a borracha crescer, nós fizemos muito isso, ele fazia de dois a três mil por ano, ele fazia mais, mas eu todo tempo ajudando [...].[45-53].
- [...] Acordávamos às duas da manhã para cortar seringa, nós chegávamos sete horas da manhã, andando a noite todinha, nós tínhamos em casa uma poronga, mas parece que jogaram, era eu com uma poronga e ele com outra. Por isso cedo a nossa vista não dava mais para ler, fiquei ruim mesmo da vista, nós levávamos carreira de onça, de índio, de cobra, no mato era assim [...]. [108-111].

Dona China fala com orgulho que seu marido era um homem trabalhador, chegando a produzir três toneladas de látex por ano, acordando as duas da manhã, com a ajuda dela e até mesmo de uma criança de 6 anos.

Verificamos a dependência do barracão em relação aos itens alimentícios de maior necessidade. Além dos preços altos das mercadorias, na prestação de contas anual, o seringalista ainda tirava uma diferença normalmente de 10%, uma espécie de tara da pesagem da borracha que ficava para o seringalista.

Seu Chico conta que o patrão tirava uma diferença normalmente de 5 a 10% na pesagem final da borracha [linha 73-76]. Para tanto o seringueiro precisaria

trabalhar mais, essa pesagem ou tara era justificada por causa do aumento dos preços das mercadorias aviadas nos barrações.

Já na fala de dona China, ela nos traz uma informação interessante em relação a posição do patrão do seringal onde ela e o esposo residiam, onde:

[...] O patrão era bom, não era ruim, o seringueiro que pagasse a conta bem, esse se sai bem e o que não pagasse ele não trazia para a rua, ficava trabalhando até pagar, quando esse cara não queria trabalhar de jeito nenhum, só queria viver no barracão aqui do centro, se ele tinha mulher, o patrão tomava a mulher dele e dava para quem trabalhava, era assim, tomava a mulher do preguiçoso e dava para o trabalhador, se o trabalhador queria a mulher pagava a conta do preguiçoso, então o preguiçoso ia embora, voltava sem mulher, sozinho, sem saldo, sem nada [...]. [linha 56-62].

Ou seja, se o seringueiro fosse casado mas tivesse uma produção mensal baixa, o patrão tinha o "direito" de pegar a mulher do seringueiro "preguiçoso" e passar para um seringueiro trabalhador, mas o trabalhador teria que pagar a conta do preguiçoso, o preguiçoso era mandado de volta para Guajará-Mirim e o trabalhador, consequentemente, teria que aumentar sua produção para pagar o saldo do preguiçoso e seu saldo que consequentemente aumentaria com uma boca a mais para alimentar.

A mulher nos seringais desempenhava um papel interessante. Como não havia muitas mulheres nos seringais, algumas ajudavam nas estradas de seringa, como dona China [linha 45] ajudando assim a aumentar a produção do marido, outras cuidavam da casa e dos filhos. Assim como ajudava com a caça de animais silvestres para comerem carne [linha 124].

Em nossas visitas nas casas dos moradores, notamos que algumas questões representam se a mulher é cuidadosa com o lar ou não. O costume de arear os utensílios domésticos de alumínio e deixá-los expostos na cozinha é um deles, assim como limpar o fogão à lenha após o uso. Varrer o quintal, além de representar o capricho da dona de casa também ajuda a deixar à vista o perigo, como a aproximação de uma cobra, aranha, escorpião ou algum outro perigo.

Nas conversas com seu Pitito, estava presente o desejo de voltar para sua colocação. Seu desejo de voltar a morar na sua casa, onde vivenciou em sua experiência de vida foi interrompida por problemas de saúde, além de seu problema

na perna decorrente de um tombo a cavalo há décadas atrás [linha 13-57] e por um derrame que afetou sua memória [linha 219-232].

Durante as entrevistas, outro fator que nos chamou a atenção foi a religiosidade presente dentro da Resex. Dona China teve 22 filhos, hoje só tem 6 vivos, mas em sua fala relata-nos que a maioria deles nasceu nos seringais e morreram logo nos primeiros anos de vida. Um dia apareceu um senhor no seringal e intrigado com a morte de tantos filhos lhe ensinou uma simpatia, onde segundo ela:

[...] Então veio um senhor e disse assim: aqui não tem curador, não tem nada, os filhos de vocês só morrendo e vocês pegam e plantam uma bananeira, batizam a bananeira e cortam, isso era uma simpatia para não morrer mais. Batizar a bananeira é que nem batizar criança, ele falou que era para fazer isso e disse que não morreria mais, mas não teve jeito. Nós saímos de lá e fomos para outra colocação novamente e tive um menino que morreu com sapinho, eu não sabia o que era [...]. [linha 35-41].

Mesmo tendo feito a simpatia e seguido a risca o que o senhor lhe ensinou, as crianças continuaram a morrer, seus filhos falecidos, segundo dona China, estão enterrados ao longo de várias colocações espalhadas pelo Pacaás Novos por onde morou com seu marido.

Já em seu Chico Leonel, encontramos uma tradição que segundo ele mesmo está se perdendo: benzer ou rezar,

[...] Eu sou rezador, eu aprendi a rezar em casa mesmo, meu pai rezava, mas ele nunca me ensinou. Determinado momento chegou alguém dizendo que eu sabia rezar e eu nunca tinha rezado, aí chegou com uma criança e disse: "reza essa criança", eu disse que não sabia, e essa pessoa disse que eu sabia, que eu que não queria rezar no filho dela. Para não deixar aquela pessoa contrariada eu peguei a criança, benzi ela, fiz um pai nosso e pedi a Deus que curasse a criança daquela senhora, daí surgiu minha fama de rezador, porque a criança ficou boa. Então eu disse: "agora tenho que aprender", fui me informando com quem rezava e como é que se reza. Na verdade não tem muito segredo, é um Pai Nosso, uma ave Maria, uma santa Maria é a forma como você pede a Deus, é teu pedido a Deus que faz com que a criança fique boa. Não tem muito segredo a questão da reza, essa tradição está se perdendo, porque essa tradição vem dentro do catolicismo, hoje as pessoas criam muitas religiões diferentes e que não acreditam mais em reza, eu até fico preocupado quando vejo uma pessoa que ontem era rezador, que rezava, que vem hoje dizer que reza é coisa do demônio e não tem nada haver com demônio. Ninguém reza em nome do demônio, a gente reza, a gente pede a Deus, a gente faz o oferecimento as 3 pessoas da Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo e pede a ele que cure essas pessoas. É uma teoria equivocada quando alguém fala que você está benzendo alguém, está rezando é coisa do demônio. Eu não entro em detalhe quando alguém está questionando, porque religião ninguém discute, cada um acha que a sua está certa e só Deus que sabe quem realmente está certa. Mas eu posso garantir que não é errado você benzer uma pessoa quando você está pedindo a Deus que cure, que tire a doença daquela pessoa. Teve aquela criança que estava tão triste quando nós subimos, na volta, estava tão alegre, bonita, contente e a mãe contente porque ela falou que foi Deus que havia me mandado, isso é bom. Tem gente que me confunde dizendo que sou macumbeiro e digo que não sou, eu aprendi a rezar, é diferente. Aprendi a rezar para pedir a Deus que cure uma pessoa, que defenda, que livre do mal, não acredito que esteja errado. Seja nos seringais ou nas reservas a tradição da reza está se perdendo. Tinham pessoas que levavam mordidas de cobras e chegavam até um curador, a pessoa rezava, fazia uma oração e aquela pessoa levantava a partir daquele momento. Hoje está se perdendo, porque com a chegada da religião evangélica, eles condenam, quem é evangélico não reza. Ele ora, tem a forma de orar, mais é outra forma de ver, outra forma, outras palavras que são ditas. Não é que eu não acredite que orando fique bom, fica, se a pessoa estiver com fé ele vai orando e fica bom, mas está se perdendo a questão do tratamento através das orações. Tem ocasião que a gente sente que precisa, mas às vezes nós vemos que a pessoa não aceita, ontem aquela criança que desceu doente, ela precisaria ser benzida, mas eu não fui me oferecer para benzer porque eu sei que todos indígenas são evangélicos e eles não iriam aceitar que eu colocasse a mão na criança, achei melhor deixar quieto. É melhor quando a pessoa chega e pede para fazermos porque você evita uma contradição. Às vezes estamos oferecendo uma oportunidade e a pessoa não quer e começa a nos tratar mal, esse dom que eu tenho é mais voltado para as crianças, não é uma questão de que as crianças precisam de mais proteção que os adultos, acho até que o adulto precisa mais. É que a minha parte é mais com as crianças, mas também não deixo um adulto quando está precisando, eu também rezo no adulto, com uma dor de cabeca, com a espinhela caída, peito aberto, só não rezo para vermelha porque eu tenho vermelha, essa minha perna tem problema de esipa, erisipela. Se eu rezar em um dia no outro dia ela pode passar para mim porque eu também tenho, às vezes quando eu rezo o mal que está sobre a criança vem para mim, às vezes eu passo mal e às vezes não, depende muito da natureza daquela criança. Porque eu acredito, dentro do meu aprendizado, que cada um de nós quando nascemos temos um anjo que nos defende, nosso anjo de guarda, assim que aprendemos dentro do catolicismo, nossos pais nos ensinaram. Esses anjos de guarda, alguns que tem mais força do que outros dependendo de como é o tratamento principalmente, a criança não sabe se proteger, mas quem protege a criança, anjo de guarda da criança que fortalece é a mãe, é o pai, é a família e às vezes esse anjo da guarda está desprotegido, tem outro querendo se apoderar do lugar e na hora que a gente chega sente-se ruim, já houve crianças que eu benzi e passei 24 horas ruim, só me levantei depois que a criança levantou também. Não tem aquela mancha vermelha que a perna fica igual a um tomate, é isso, porque o meu é erisipela crônica que eu adquiri com a mordida da cobra. Se eu benzer para erisipela no outro dia a minha perna fica com erisipela, então eu evito. Assim mesmo, outro dia tinha uma pessoa que estava sozinha, não tinha muito jeito, eu fui lá e pequei um pedacinho, disse: "tem um pedacinho de fumo", aí ele disse que tinha, fui e pequei um pedacinho de tabaco, segurei e acabei fazendo as orações e não passou para mim, mas nem sempre a gente faz isso. O tabaco não deixa passar, por isso estou levando uma mudinha, temos que estar prevenidos. Primeiro Deus e depois o aprendizado. Tem gente que fala que vai esperar que Deus venha, Deus vem até nós em diversas formas e muitas vezes não aceitamos a presença dele. Deus vem quando estamos desesperados, de repente bate uma pessoa na sua porta e pede para pregar a palavra, deixe porque Deus está vindo para te confortar daquela angustia que você está sentindo. A pessoa está doente, aparece alguém que irá benzer, e assim Deus se manifesta na gente de diversas formas, Ele vem até nós de diversas maneiras. Agora, esperar que Ele venha

diretamente, Ele não irá sair do seu trono, continue esperando, mas Ele tem as formas, para isso ele deixou o médico, deixou a inteligência, aprendizado, deixou todas essas coisas para que a gente utilize. Deixou o bem e deixou o mal e a gente vai usar dependendo da nossa natureza. Meu pai era benzedor, eu sou e a minha filha está aprendendo [...]. [linha 205-278]

Seu Chico Leonel relata-nos que a tradição de rezar ou benzer está se perdendo, seja nos antigos seringais ou na cidade com a "chegada" de novas religiões. Dependendo do "mal" da pessoa, esse "mal" vem para quem reza, no caso de seu Chico, fazendo-o ficar mal por até 24 horas. Por ter sido mordido por cobra em sua juventude, seu Chico reluta a benzer alguém que também foi mordido por que o mal vem sobre ele.

Por meio da percepção de seringal de seu Chico, aparece uma possibilidade de entender esse espaço vivido. O próprio termo seringueiro pode ser visto como determinante, tendo em vista pessoas que viviam nessas localidades, denominadas de seringal, ocupavam diferentes funções além de seringueiros, patrões, auxiliares, famílias constituídas que se relacionavam entre si. A vida nesses lugares tinha sua dinâmica: caçavam, plantavam, festejavam, rezavam, benziam, trabalhavam, amavam e odiavam.

Essas questões ligadas a religiosidade são tradições e costumes que estão se perdendo, em parte por falta de interesse nas pessoas que segundo seu Chico possuem o dom e não desenvolvem.

Na percepção de dona China [linha 139], ela acha "bom" morar na Resex hoje. Não tem saudades dos tempos de extração do látex [linha 123] pois pegava muita chuva e adoecia. Ela e seu esposo já moraram em diversas colocações ao longo do rio, mas essa é diferente, é "mais perto da cidade", entendemos que seja de fácil acesso o que os deixam numa posição mais confortável. A colocação que dona China se refere existe num espaço e tempo, porém, ao ser recordada como "boa", mesmo tendo levado uma "vida um pouco sofrida" [linha 01], torna-se também imaginária. Nesse sentido, passa a ser o espaço percebido pela imaginação como construção a partir de um "vivido". Essa concepção está fundamentada em Bachelard (2005, p. 19), por ele entender que "o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço independente entregue à mensuração e à reflexão do qeômetra." É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas, sim, com

todas as parcialidades da imaginação. Partindo desse modo, o de entender o espaço, compreendemos que a imaginação não está desligada de uma vivência, é nela que esta é gerada, mas, como imagem ficcional, onírica, simbólica, não está como o próprio vivido em si, como a infância que recordamos não é mais nossa infância como foi vivida, mas imagens construídas por nós por meio de nosso olhar do presente.

A imagem da colocação está carregada de sentimentos, ligados intimamente à vida de dona China. Quando se refere a sua casa, demonstra as representações de si com o mundo.

Vale a pena registrar que nos seringais de hoje, a relação de grande parte dos seringueiros com o lugar onde mora e tira seu sustento, está permeada pelos sentimentos dos tempos de seus ancestrais. Encontramos ao longo de nosso trabalho de campo pessoas que moram em uma colocação onde seus pais estão enterrados e diz que lá é seu lugar, seus pais, que tanto gostavam da colocação pediram para serem enterrados no que era seu.

Ali estão presentes o significado e a importância de virtualizações de gerações, às quais, imensuráveis por quem não têm a sensibilidade suficiente de compreensão da cultura desse povo da floresta. Esse espaço representa, para o seringueiro, toda uma história de vida, a mata é vida. É um lugar que muito exige do seringueiro, mas que também lhe proporciona liberdade, liberdade de sentir-se parte e, ao mesmo tempo, senhor da natureza. Ao ponto de conhecerem cada curva dos rios, de saberem se o inverno será rigoroso ou não. O fato do pai de seu Chico Leonel ter desenvolvido um jeito próprio de fazer a fornalha para defumar a seringa, a relação com os índios e a adaptação aos costumes da selva são questões culturais relevantes.

Sobre o sentimento existente em relação ao modo de vida nos tempos do seringal e com a criação da Resex, seu Chico Leonel em sua fala deixa claro que

^[...] Ao passo que hoje com o avanço e a facilidade que temos, somos donos da nossa vida, somos nossos próprios patrões, coisa que sempre almejamos ser [...] A gente dentro do seringal como vivia antigamente, a gente não vivia, somente passava pela vida porque vivíamos isolados. De alguma forma era um trabalho escravo [...] Naquela época era o meio de vida que se tinha, a pessoa ia para o seringal trabalhar de certa forma

escravizada ou ele não tinha como viver, não tinha alternativa [...]. [linha 68-70, 392-395].

Verificamos na fala um sentimento de liberdade após o término dos seringais nos rios Pacaás Novos e rio Novo. Os seringueiros "libertos" do sistema patronal nesse momento em diante deixaram de "passar pela vida" para serem seus "próprios patrões".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nascida e formada por força do extrativismo, principalmente no que tange à produção de borracha e da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, Guajará-Mirim esteve inserida nesse período de grande exploração do látex, sendo o segundo município a ser criado no então território do Guaporé.

Assim, analisar a Reserva Extrativista do Rio Pacaás Novos que outrora era inserido no universo de seringais, bem como o trabalho e o viver de seus moradores, levou-nos a perceber que o seringal de hoje não é mais demarcado pela existência e extração da *hevea*.

Ao escolhermos trabalhar com os moradores da Reserva Extrativista Estadual do Rio Pacaás Novos não tínhamos noção do que iríamos encontrar pela frente. Embora já conhecêssemos a Resex e muitos dos seus moradores, voltar lá na condição de pesquisadora foi como voltar a estaca zero. Conquistar a confiança dos moradores para que esses abrissem suas vidas e nos contassem suas histórias não foi fácil. O não também faz parte da ciência e recebemos alguns nãos como o caso de dois senhores que subiram o rio como soldados da borracha e também do Dedé que nos disse que sua história de vida era só dele e não compartilharia conosco. No entanto, em todas as casas que passamos quando subíamos o rio avisando das reuniões de base da Associação Primavera da Gerencia da Unidade de Conservação fomos extremamente bem recebidos.

Para a realização das entrevistas, sejam em Guajará-Mirim ou na Resex, estas foram devidamente agendadas conforme a disponibilidade de nossos colaboradores, notamos que como normalmente eram em datas *a posteriori*, nossos colaboradores se encontravam vestidos com roupas que costumam usar em dias especiais: votações, missas, festas. Essa atitude nos surpreendeu e nos estimulou a começarmos as entrevistas. As entrevistas foram semiestruturadas, pedíamos inicialmente para que nossos colaboradores nos contassem suas trajetórias de vida, sendo este o ponto de partida. Algumas entrevistas foram feitas em etapas,

conforme o narrador tinha a nos dizer naquele momento. Contudo, durante as entrevistas, pudemos verificar que todos começaram suas narrativas fazendo uma alusão de sua trajetória familiar com o seringal.

A grande maioria dos moradores ao longo curso do rio Pacaás Novos e rio Novo constituem-se de seringueiros, filhos e netos que após a "abolição" dos seringais optaram por permanecer em suas colocações, deixando de serem "escravos" para serem seus "próprios patrões", onde não teriam "leis" a seguir.

Durante o desenvolvimento deste trabalho utilizou-se várias expressões, dentre elas, seringueiros e ribeirinhos. O fato é que hoje, é muito difícil dizer o que é ser ribeirinho, pois o novo modo de vida nos seringais levou os moradores da floresta a tornarem-se pessoas detentoras de uma diversidade de trabalho bastante acentuados. Em tempos outrora, o seringal fazia jus ao nome, pouquíssimas atividades eram desenvolvidas paralelamente e o seringueiro era apenas seringueiro.

Grande parte dos moradores são pessoas de certa idade que vivem de aposentadoria e plantam roça para venderem o excedente e complementarem a renda. Além da fabricação da farinha de mandioca, atividade presente em praticamente todas as colocações.

Pudemos perceber em nossas atividades de campo um grande êxodo rural. Quando questionados sobre essa migração de suas colocações para Guajará-Mirim, as respostas são unânimes: educação e saúde. Hoje só há uma escola em funcionamento, o que favorece somente os moradores de uma comunidade. Verificamos que já houve três escolas em funcionamento que abrangia crianças em idade escolar na região central do rio, Comunidade Encrenca, Comunidade Nova Brasília já no final do rio Pacaás Novos e comunidade Noventa que beneficiava as crianças que moravam no rio Novo.

Em relação a saúde, nos tempos dos patrões estes sempre dispunham de remédios que eram descontados nos acertos de conta. Já hoje há um posto de saúde na Comunidade Encrenca que está abandonado a alguns anos e por causa de cupim está quase a cair. Quando necessitam de algum remédio, pedem para

algum companheiro que está a descer ou a subir o rio, através da comunicação diária via rádio com a Associação Primavera.

Normalmente, os moradores se programam para descerem o rio mensalmente, alguns bimestralmente e até trimestralmente, dependendo do período das secas para sacarem suas aposentadorias ou benefícios do Governo Federal como Bolsa Família. Compram os mantimentos na cidade em quantidades suficientes para passarem o período programado. Quando está para chegar o verão amazônico, os moradores do rio Novo costumam armazenar uma boa quantidade de alimentos, pois o rio tende a secar muito, dificultando a passagem do barco, muitas vezes eles têm de descer da canoa, carregar os mantimentos por terra um pouco acima e arrastarem o barco por bancos de areia, por cima de troncos que caem ou descem com as águas.

Organizados em comunidades compostas por colocações, procuram trabalhar num constante somar de forças, seja nas roças ou na fabricação de farinha. O pagamento pode ser feito em diárias e meeiras.

Pudemos verificar que esses moradores são pessoas simples, detentoras de um conhecimento imensurável sobre a floresta e o rio. Calorosas e acolhedoras, com mil e um "causo" para contar.

REFERÊNCIAS

I. Artigos/teses/dissertações/livros

ALLEGRETTI, Mary. A construção social de políticas ambientais – Chico Mendes e o Movimento dos Seringueiros. 2002. 827 p. Tese (Doutorado Desenvolvimento Sustentável – Gestão e Política Ambiental). UnB, Brasília, 2002. __. A construção social de políticas públicas: Chico Mendes e o movimento dos seringueiros. In: Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, nº 18, p. 39-59, jul/dez, 2008. ALMEIDA, Mauro W. Barbosa de. Direitos à floresta e ambientalismo: serinqueiros e suas lutas. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 19, nº 55, junho, p. 33-53. 2004. ALMEIDA, M. G. Geografia Cultural: contemporaneidade e um flashback na sua ascensão no Brasil. In: MENDONÇA, F. A.; LOWER-SAHAR, C.; SILVA, M. Espaço e tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Curitiba: ADEMANDAN, 2009, p. 243-261. ALMEIDA SILVA, A. de A; SILVA, A. C. G. da; PAULA, J. M. de; SILVA, J. da C.; SOUSA, L. F. O processo de des(re)territorialização dos trabalhadores nordestinos no território amazônico durante os ciclos da borracha. Revista Geografar, v. 5, n.1, p. 61-82, jan/jul. 2010. ARAUJO, Maria Gabriela Jahnel. Cipó e imaginário entre seringueiros do Alto Juruá. Revista de Estudos da Religião, nº. 1, p. 41-59, 2004. ARRUDA, Rinaldo. "Populações 'tradicionais' e a proteção dos recursos naturais em Unidades de Conservação". In: I Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação, vol. 1. Curitiba, Conferências e palestras, 1997, p. 262-276. "Populações 'tradicionais' e a proteção dos recursos naturais em Unidades de Conservação". In: Revista Ambiente e Sociedade, ano II, nº 5, 2º sem. p. 79-93. 1999.

AZEVEDO, Aluísio. O Cortiço. São Paulo: FTD, 1998.

AZEVEDO, L. A. de. **O projeto Reservas Extrativistas e as políticas públicas para as populações extrativistas da Amazônia**, o caso do estado do Acre. 2003. 106 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável – Política e Gestão Ambiental) Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

BARBERY, N. O. **O ecossistema linguístico em Guajará-Mirim/RO**: a fala dos imigrantes bolivianos e a hipótese de interlínguas. 2004. 140 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Rondônia, Guajará-Mirim, 2004.

BARRETO FILHO, H. T., Populações tradicionais: introdução à crítica da ecologia política de uma noção. In: ADAMS, C.; MURRIETA, R.; NEVES, W. (Orgs.). **Sociedades caboclas amazônicas**: modernidade e invisibilidade. São Paulo: Annablume, 2006, p. 109-143

BECKER, Bertha K. Geopolítica da Amazônia. In: **Revista Estudos Avançados**, vol. 19, nº. 53, p. 71-86, 2005.

_____. Novas territorialidades na Amazônia: desafio às políticas públicas. Bol. **Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciên. Hum**., Belém, v. 5, n. 1, p. 17-23, jan-abr. 2010.

BELLO, Ângela Alves. Introdução à Fenomenologia. Bauru, SP: Edusc, 2006.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977.

BENTES, Rosineide. A apropriação ecológica de seringais na Amazônia e a advocacia das *rubber plantations*. **Revista de História**, 151, 2º, p. 111-150, 2004.

BISMARK, Manuel Lima; ARAUJO, Abraham Cuellar. El Norte Amazónico: entre elaislamiento y laglobalización. In: **El Norte Amazónico de Bolívia y el Complejo del río Madera**. Bolívia: Fobomade, 2007,p. 07-12.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia cultural**: Um século (3). Coleção Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EduERJ, 2002,p. 83-132.

BORZACOV, Yêda Pinheiro. **Uma história em gravuras**: catálogo da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Porto Velho: Instituto Histórico e Geográfico de Rondônia e Academia de Letras, 1998.

CAPEL, H. **Filosofia y ciencia en la geografía contenporánea**: uma introducción a la geografía. Barcelona: Barcanova, 1981.

CARDOSO, F. H.; MÜLLER, G. **Amazônia: expansão do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1977.

CARMO, Paulo Sérgio de. Merleau-Ponty: uma introdução. São Paulo: Educ, 2004.

CARVALHO, Anésia de Souza. **Metodologia da entrevista**: uma abordagem fenomenológica. Rio de Janeiro: Agir, 1991.

CARVALHO, Carlos. **História social da borracha**: seringueiros do Acre. Porto Alegre: Editora do Autor, 2005.

CARVALHO, Lívio. Uma nota sobre a ocupação em áreas de fronteira: o caso de Rondônia. In: **Revista Brasileira de Economia**. Rio de Janeiro, nº. 34, vol 2, p. 293-306, abr/jun, 1980.

CASTELLO BRANCO, José Moreira Brandão. Acreânia. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, vol. 240, p. 03-83, jul-set. 1958.

CASTRO, Ferreira de. A Selva. São Paulo: Editora Verbo, 1972.

CAVALCANTE, F. R. C. Análise da desigualdade regional no estado de Rondônia à luz da teoria institucionalista de Douglass Norte. 2011. 463 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido), Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

CAVALCANTE, F. R. C.; GÓES, S. B. O desafio da Gestão Ambiental em Rondônia: um estudo sobre a pressão agropecuária nos municípios com e sem unidades de conservação da natureza. Anais... Il Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental. UNOPAR, Londrina/PR, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Experiência do pensamento**: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CLAVAL, Paul. As abordagens da Geografia Cultural. In: INÁ, E. C. et al. (Org.). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.89-117, 1997.

A Geografia Cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, R. L. et a (Orgs.). Manifestações da Cultura no Espaço . Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 59-97 1999.
A geografia cultural. Florianópolis: Ed da UFSC, 2001.
Campo e perspectiva da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EduER. p. 133-196. 2002.

_____. A cultura ribeirinha na Amazônia: perspectivas geográficas sobre o papel de suas festas e festejos. p. 36-61. In KOZEL, Salete (orgs.). **Expedição Amazônica: desvendando espaço e representações dos festejos em**

comunidades amazônicas. "A festa do boi-bumbá: um ato de fé". Curitiba: SK Ed., 2009.

COELHO, M. C. N.; CUNHA, L. H.; MONTEIRO, M. A. Unidades de Conservação: populações, recursos e territórios: abordagens da geopolítica e da ecologia política. In: GUERRA, A. J. T.; COELHO, M. C. N. (Orgs.). **Unidades de Conservação**: abordagens e características geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 67-111. 2009.

CORDEIRO, A. Z; CURADO, I. B. Reservas Extrativistas: desafios de gestão por parte do Estado. *In:* MEDEIROS, R. e IRVING, M. de A. *Áreas protegidas e inclusão social: tendências e perspectivas* – **Anais do III Seminário Brasileiro sobre Áreas Protegidas e Inclusão Social, Teresópolis**, RJ, v. 3, n. 1, p. 117-120. 2007.

CORRÊA, Luiz de Miranda. A **borracha na Amazônia e a II Guerra Mundia**l. Manaus: Edições Governo do Estado, 1967.

COSGROVE, D. Mundo de significados: Geografia Cultural e Imaginação. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia Cultural**: um século (2). Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 33-60, 2000.

COY, M. Desenvolvimento regional na periferia amazônica: o caso de Rondônia. In: AUBERTIN, C. (Org.). **Fronteiras**. Brasília: UnB/ORSTROM, p. 167-194, 1988.

CRAVEIRO COSTA, João. **A conquista do deserto oriental**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

CUNHA, Euclides da. **Um paraíso perdido**. Col. Brasil 500 anos. Brasília: Senado Federal, 2000.

. À margem	da história.	São Paulo:	Martin Claret,	2006.

CUNHA, C. C. **Reservas extrativistas**: institucionalização e implementação do Estado brasileiro dos anos 1990. 2010. 308 p. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. **Reservas extrativistas**: uma alternativa de produção e conservação da biodiversidade. p. 1-42. S/D. Disponível em: < http://www.usp.br/nupaub/resex.pdf>, acesso em 04 de abril de 2012.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DARTIGUES, André. O que é fenomenologia? Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

DEAN, Warren. A luta pela borracha no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989.

FEITOSA, Orange Matos. Uma história de pouco caso: a economia da borracha na produção da história nacional. In: Anais da IV Conferência Internacional de História Econômica e VI Encontro de Pós-graduação em História Econômica. São Paulo: USP, p. 01-24, 2012.

FERNANDES, Antônio Ocampo. **Real Forte Príncipe da Beira**. Porto Velho: CEIN Artes Gráficas, 2001.

_____. **Madeira-Mamoré**: do gênio humano ao abandono. Porto Velho: Rondoforms Indústria Gráfica Ltda, 2005.

FERRARINI, Sebastião Antônio. **Transertanismo**: sofrimento e miséria do nordestino na Amazônia. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. Rio Purus: história, cultura, ecologia. São Paulo: FTD, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio** século XXI: o minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2000.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **Nas selvas amazônicas**. São Paulo: Gráfica Biblos LTDA, 1961.

_____. **A ferrovia do diabo**: história de uma estrada de ferro na Amazônia. São Paulo: Melhoramentos, 1981.

FERREIRA, Lucas Tadeu. A seringueira no Brasil. Revista de Biotecnologia Ciência e Desenvolvimento, ano II, vol. 10, p. 20-22, set/out. 1999. Disponível em: http://biotecnologia.com.br/revista/bio10/sering.pdf, acesso em 04 de abril de 2012.

FERREIRA, Henrique Villa da Costa; PINTO, Jacques Salomon Crispim Soares. Amazônia brasileira no século XXI: novas propostas para a superação de antigos desafios? In: STEINBERG, Marília. (Org.). **Território, ambiente e políticas públicas espaciais**. Brasília: Paralelo 15 e LGE Ed., p. 301-327. 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51º ed. São Paulo: Global, 2006.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GARFIELD, Seth. A Amazônia no imaginário norte-americano em tempo de guerra. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 29, nº 57, p. 19-65, 2009.

GARNICA, A. V. M. Algumas notas sobre Pesquisa Qualitativa e Fenomenologia. In: **Revista Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v.1, n.1, p. 109-122. ago 1997.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. São Paulo: Copgright, 1989.

GOMES, Emmanoel. **História e Geografia de Rondônia**. Vilhena: Gráfica e Editora Express Ltda ME, 2012.

GOMES FILHO, A. *et al.*, Caracterização socioeconômica da Reserva Extrativista do Cazumbá-Iracema, Sena Madureira, AC. In: *Anais do IV Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação*, Vol. I, Curitiba: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza: Rede Nacional Pró Unidades de Conservação, p. 491- 499. 2004

GOMES, Laurentino. **1808**: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2009.

GUEDES DA SILVA JUNIOR, F. J; MONTEIRO, C. F.de S. Vivência da entrevista fenomenológica com usuários de crack: um relato de experiência. In: **Revista Cultura de lós Cuidados** (Edición digital), ano XVI, n. 32, p. 18-22. 2012.

HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma**: a modernidade na selva. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

HARRISON, A. T. **As rugas da cidade**: um estudo sobre o fenômeno de envelhecimento espacial em Guajará-Mirim/RO – século XX. 2009. 158 p. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2009.

HOMMA, A. K. Os japoneses na Amazônia e sua contribuição ao desenvolvimento agrícola. In: **Revista Somanlu**, ano 9, nº 1,p. 113-133, jan/jun, 2009.

HUBER, Jacques. Relatório sobre o estado actual da cultura de *Hevea brasiliensis* nos principais países de produção do Oriente. Belém: Imprensa Official do Estado, 1912.

IANNI, Octavio. A luta pela terra. Petrópolis: Vozes, 1979.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico de Guajará-Mirim. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/primeiros_dados_divulgados/index.php?uf=11, acesso em 10 de maio de 2011.

Instituto de Estudos Amazônicos. Plano de Trabalho. Curitiba: IEA, 1989.

JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHUMAR, Norma. **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

KEMPF, C. B. Os brasileiros de "origem desconhecida" e as lexias e expressões de origem africana num levantamento do léxico de "Nordestinos pioneiros em Guajará-Mirim". In: **Papia – Revista Brasileira de Estudos Criolos e Similares**, vol 19, p. 123-140, 2009.

LACLAU, Ernesto H. Feudalism and Capitalism in Latin America.In: **New Left Review**, n. 69, may-jun, p. 19-38, 1971.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LÉNA, Philippe. As políticas de desenvolvimento sustentável para a Amazônia: problemas e contradições. *Boletim Rede Amazônia*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 01, p. 9-21. 2002a.

_____. Ecogestión y manpejo de áreas protegidas em Brasil. Panel Desarrollo Sustentable. P. 01-09. 2002b. Disponível em: http://www.ecuatorianistas.org/encuentro/2002/ponencias/lena.pdf, acesso em 15/02/2012.

LIMA, Araújo. **Amazônia, a terra e o homem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

LIMA, Claudio de Araújo. Coronel de barranco. Manaus: Editora Valer, 2002.

LIMA, Valdeci Candido de. A sustentabilidade da habitação do seringueiro amazônico. **Revista Pós**, v. 17, nº 28, p. 182-197. São Paulo, dezembro, 2010.

MAMED, L. H.; BERTERO, J. F. "Amazônia Ocidental (1870-1970): o processo de incorporação do artesanato pela grande indústria na formação social do Acre". In: I Simpósio Estadual de Lutas Sociais na América Latina - "Uma outra América é possível? O significado das Lutas Populares Hoje". **Anais do I Simpósio Estadual de Lutas Sociais na América Latina**. Londrina, PR: GEPAL-UEL, v 1 CD, p. 01-29. 2005.

MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico do currículo**: a educação como *poíesis*. São Paulo: Cortez, 1992.

MARTINS, J; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em Psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Educ/Moraes, 1989.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Contexto, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral . São Paulo: Edições Loyola, 1996.
HOLANDA, F. História oral : como fazer, como pensar. São Paulo Contexto, 2011.
MERLEUA-PONTY, M. O visível e o invisível. São Paulo: Perspectiva, 1971.
Ciências do homem e fenomenologia. São Paulo: Saraiva, 1973.
Fenomenologia da percepção . São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2011.
NEVES, J. G. Ribeirinhos, desenvolvimento e a sustentabilidade possível. Revista P@rtes. Disponível em: 2008">http://www.partes.com.br/socioambiental/ribeirinhos.asp>2008 . Acesso 02/07/2011.
MONTEIRO, C. F. S; BATISTA, D. O. N. M; MORAES, E. G. C; MAGALHAES, T. S NUNES, B. M. V. T; MOURA, M. E. B. Vivências maternas na realidade de ter um filho autista: uma compreensão pela enfermagem. In. Revista Brasileira de Enfermagem . Brasília: nº. 61(3): p. 330-335.2008.
MORAES, A. C. R. Geografia , pequena história crítica. São Paulo: HUCITEC, 1994.
MOREIRA, I. C. C. C; MONTEIRO, C. F. de S. Vivência da entrevista fenomenológica com prostitutas: relato de experiência. In: Revista Brasileira de Enfermagem . Brasília, nº. (62), p. 789-792.2009.
MOUTINHO, Luiz Damon Santos. Razão e experiência : ensaio sobre Merleau- Ponty. São Paulo: Unesp, 2006.
NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças S. N. O espaço ribeirinho . São Paulo Terceira Margem, 2000.
NUNES, Dorisvalder Dias. Ambientalismo em Rondônia: reflexos sobre conservação e a necessidade social da terra. Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente set., nº. 9, v. 1, p. 65-69. 1997a.
Desmatamento e unidades de conservação em Rondônia. Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente , dez., nº. 10, v. 1, p. 61-71. 1997b.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Integrar para não entregar**: políticas públicas e Amazônia. Campinas, SP: Papirus, 1991.

OLIVEIRA, J. R. M. A luta pela borracha no Brasil e a história ecológica de Warren Dean. In: **Revista Territórios e Fronteiras**. Vol. 3, nº 2, p. 105-122, jul/dez, 2010.

PEREIRA, Manoel Hayne; BRAGA, Roberto. O rural e o urbano no município de Monte Santo – BA: relações entre o sagrado e o profano. In: **Simpósio Nacional de Geografia Agrária, 3, e Simpósio Internacional de Geografia Agrária**, 2., 2005, Presidente Prudente. Anais. p. 01-05. Presidente Prudente: UNESP, 2005.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A territorialidade seringueira – Geografia e movimento social. **Revista GEOgraphia**, ano 1, nº 2, p. 67-88. 1999.

_____. Amazônia, Amazônias. São Paulo: Contexto, 2010.

PINTO, Nelson Prado Alves. **Política da borracha na Brasil**: a falência da borracha vegetal. São Paulo: HUCITEC, 1984.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GUAJARÁ-MIRIM — RO (Prefeitura), Secretaria Municipal de Desenvolvimento - SEMPLA. **Diagnóstico do Plano Diretor Participativo de Guajará-Mirim.** Prefeitura Municipal, 2008.

RANZI, Cleusa Maria Damo. Raízes do Acre (1870-1912). Rio Branco: EDUFAC, 2008.

RATTS, Alecsandro Junior. A Geografia entre as aldeias e os quilombos: territórios etnicamente diferenciados. In: ALMEIDA, Maria Geralda de (Org.). **Geografia**: Leituras Culturais. Alternativa, p. 29-48. 2003.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **O seringal e o seringueiro**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1953.

RELPH, E. C. As bases fenomenológicas da Geografia. In: **Revista Geografia**. Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25. 1979.

Revista Nosso Século. Editora Abril Cultural. 1980, nº 23, vol II, p. 167.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995a.

_____. O Brasil como problema. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995b.

RICARDO, Cassiano. O Tratado de Petrópolis. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1954. RONDÔNIA. Plano de Desenvolvimento da Reserva Extrativista do Rio Pacaás Novos. Facilitadores: Daniela Jorge de Paula, Débora Almeida e Jorge Wilson. SEPLAN/PLANAFLORO/PNUD. (Relatório não publicado). Guajará-Mirim, 1998. . Plano de Manejo Florestal Sustentável da Reserva Extrativista Rio Pacaás Novos, com vistas à exploração de uso múltiplo. Associação dos Seringueiros da Reserva Extrativista Rio Pacaás Novos - Primavera/Apidiá Planejamento Estudos e Projetos Ltda. Guajará-Mirim, 2003. Diagnóstico demográfico e socioeconômico da Resex Estadual do Rio Pacaás Novos. Guajará-Mirim, SEDAM, 2006. ROSS, Jurandyr L. Sanches (Org.). Geografia do Brasil. São Paulo: EDUSP, 2001. RYLANDS, Anthony B; BRANDON, Katrina. Unidades de conservação brasileiras. In: Revista Megadiversidade, vol. 1, nº 1, p. 27-35, jul. 2005. SANTOS, M; SILVEIRA, M. L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2005. SANTOS, Nilson. Seringueiros da Amazônia: sobreviventes da fartura. 2002. 330 p. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. SANTOS, R. A. O. História Econômica da Amazônia (1800-1920). São Paulo: J. A. Queiroz Editora Ltda, 1977. SAUER, C. Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L. et al. (Orgs.). Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. SECRETO, María Verónica. Soldados da borracha: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no Governo Vargas. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007. SILVA, Josué da Costa. Mito e lugar – parte I. Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente, set., nº. 9, v. 1, p. 40-48, 1997a.

___. Mito e lugar – parte II. Revista de Educação, Cultura e Meio

e SOUZA FILHO, Theophilo Alves de. O viver Ribeirinho. In: SILVA, J.

C, SOUZA, M. P., FIGUEIREDO, E. F. G., SOUZA, L. F.& PEREIRA, W. S. B.

Ambiente, dez, no. 10, v. 1, p. 12-26, 1997b.

Comunidades Ribeirinhas da Amazônia. Porto Velho: EDUFRO, p. 23-40. 2002.
SILVA, A. C. G. O seringal no município de Lábrea : o espaço vivido e a resistência de um tempo. 2008. 209 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2008.
e SILVA, J. C. Seringueiros na Amazônia. Anais do III Colóquio do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações III NEERR , Curitiba, PR – UFPR, p. 01-14. 2010. Disponível em http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20AntonioCarlosGalvaodaSilva.ED2V.pdf , acesso em 20/12/2011.
O seringal no município de Lábrea: o espaço vivido e a resistência de um tempo. São Paulo: Scortecci, 2012.
SOUSA, Alexandre Melo de. Entre seringais e colocações : um estudo toponímico. p. 01-14. S/D. Disponível em: < http://www.filologia.org.br/iijnlflp/textos/entre_seringais_e_coloca%C3%A7%C3%B5e s_um_estudo_topon%C3%ADmico_%20alexandre.pdf>, acesso em 04 de abril de 2012.
SOUZA, Márcio. A expressão amazonense : do colonialismo ao neocolonialismo. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.
Mad-Maria . Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1980.
O empate contra Chico Mendes. São Paulo: Marco Zero, 1990.
SUERTEGARAY, D. M. A. Notas sobre epistemologia da Geografia . Cadernos Geográficos – Florianópolis, Ed UFSC, 2005.
THÉRY, Hervé. Rondônia: mutações de um território federal na Amazônia Brasileira. Porto Velho: Sk Ed, 2012.
TOCANTINS, Leandro. Amazônia – natureza, homem e tempo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1982.
TOURAINE, A. The Study of Social Moviments in Social Reserch . Vol 52, nº 4, p. 749-787, 1985.
749-787, 1985. TRIVIÑOS, A. N. S; Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa

VALLEJO, L. R. **Unidades de Conservação**: Uma Discussão Teórica à Luz dos Conceitos de Território e de Políticas Públicas. p. 01-22. Disponível em: http://www.uff.br/geographia/rev_08/luiz8.pdf. Acesso em: 30/01/2012. s/d.

VALIANTE, José Otávio. A sustentabilidade extrativa da RESEX do rio Ouro Preto – RO. 2008. 88 p. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2008.

WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia**: expansão e decadência (1850 – 1920). São Paulo: HUCITEC, 1993.

_____. Experiência de pesquisa em uma região periférica: a Amazônia. **Revista História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, vol. 9(2),p. 261-72, maio-ago, 2002.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da floresta**: uma história Alto Juruá, Acre (1890-1945). São Paulo: HUCITEC, 1999.

ZANATTA, B. A. A abordagem cultural na Geografia. In: **Temporis [ação]**, vol1, nº 9, p. 1-12, 2007.

II. Legislação e atos normativos consultados (leis, decretos, portarias)

BRASIL, Decreto nº. 84.019, de 21 de setembro de 1979. Disponível em: http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-84019-21-setembro-1979-433352-publicacaooriginal-1-pe.html, acesso em 10 de maio de 2011.

BRASIL, Portaria nº 627, de 30 de julho de 1987. Disponível em http://www.incra.gov.br/index.php/institucionall/legislacao--/atos-internos/portarias/file/91-portariaincrapn-627-30071987, acesso em 07 de maio 2012.

BRASIL, Decreto nº 96.944, de 12 de outubro de 1988. Cria o Programa de Defesa do Complexo de Ecossistemas da Amazônia Legal e dá outras providências. Disponível em: http:// Cria o Programa de Defesa do Complexo de Ecossistemas da Amazônia Legal e dá outras providências>, acesso em 18 de outubro de 2011.

BRASIL. Lei Federal nº 7.735, de 22 de fevereiro de 1989. Dispõe sobre a extinção de órgão e de entidade autárquica, cria o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis e dá outras providências. Disponível em: http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/109486/lei-7735-89, acesso em 18 de outubro de 2011.

BRASIL, Decreto nº 98.893, de 30 de janeiro de 1990. Disponível em: http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1990/decreto-98893-29-janeiro-1990-330923-publicacaooriginal-1-pe.html, acesso em 07/05/2012.

BRASIL, Decreto nº 98. 897, de 30 de janeiro de 1990. Dispõe sobre as Reservas Extrativistas e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto/Antigos/D98897.htm. Acesso em 18 de outubro de 2011.

BRASIL, Lei nº. 9.985, de 18 de junho de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9985.htm, acesso em 10 de maio de 2011.

RONDÔNIA. Decreto Estadual nº. 6.953, de 14 de julho de 1995 Cria no Município de Guajará-Mirim, Estado de Rondônia, a Reserva Extrativista do Rio Pacaás Novos. Disponível em http://www.mp.ro.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=1a4af9a4-ec01-454d-bf8d-e032db8fa46b&groupId=41601, acesso em 18 de outubro de 2011.

ANEXOS

Guajará-Mirim, RO01/11/2012

Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia

Eu, Francisco Lopes da Silva, solteiro, portador do RG 129360 SSP/RO

declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha imagem, assim como imagens de meus (desce assim como imagens de meus) descendentes e entrevista, transcrita e autorizada para leitura para fins científicos do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia — PPGG da Universidade Federal de Rondônia/UNIR a ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a sua audição e o uso das citações a terceiros, ficando vinculado o controle ao Programa de Mestrado em Geografia.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia

Eu, Geracinda Amaralida Costa, solteira, por-

declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha imagem, assim como imagens (de meus desce assim como imagens de) meus descendentes e entrevista, transcrita e autorizada para leitura para fins científicos do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia — PPGG da Universidade Federal de Rondônia/UNIR a ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a sua audição e o uso das citações a terceiros, ficando vinculado o controle ao Programa de Mestrado em Geografia.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Guajará-Mirim,	, RO
----------------	------

Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia

Eu, Francisco Joaquim Filho, casado ns 340.79 SSP/RO

declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha imagem, assim como imagens de meus descendentes e entrevista, transcrita e autorizada para leitura para fins científicos do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia - PPGG da Universidade Federal de Rondônia/UNIR a ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a sua audição e o uso das citações a terceiros, ficando vinculado o controle ao Programa de Mestrado em Geografia.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.